

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO – FAED
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

LUIZ DE SOUZA R. SANSON

A EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE NACIONALISMO: AS REPRESENTAÇÕES DO
ESCOTISMO EM LAGUNA (1917-1960)

FLORIANÓPOLIS – SC

2012

LUIZ DE SOUZA R. SANSON

**A EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE NACIONALISMO: AS REPRESENTAÇÕES DO
ESCOTISMO EM LAGUNA – SC (1917-1960)**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado de Santa Catarina, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Teresa Santos Cunha.

FLORIANÓPOLIS - SC

2012

LUIZ DE SOUZA R. SANSON

**A EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE NACIONALISMO: AS REPRESENTAÇÕES DO
ESCOTISMO EM LAGUNA – SC (1917-1960)**

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado em Educação como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Banca Examinadora

Orientadora: _____

Profª. Drª. Maria Teresa Santos Cunha
Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC

Membro: _____

Profª. Drª. Beatriz Terezinha Daudt Fischer
Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS

Membro: _____

Prof. Dr. Celso João Carminati
Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC

Membro: _____

Profª. Drª. Vera Lúcia Gaspar da Silva
Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC

Florianópolis/SC, 31 de agosto de 2012.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, ao auxílio fundamental da minha orientadora, professora Maria Teresa Santos Cunha, que em suas observações valiosas me ofereceu a oportunidade de realizar essa pesquisa dignamente. Fico igualmente grato pela sua paciência com relação aos meus excessos, pois esse fator foi de significativa importância para o desdobramento da minha escrita. Dedico, sinceramente, os possíveis resultados positivos à senhora.

Quero estender, ainda, minha gratidão aos professores da banca de qualificação e de defesa, que contribuíram respeitosamente ao trabalho realizado. Professor Celso J. Carminati, professora Vera Lúcia Gaspar da Silva e professora Beatriz T. Daudt Fischer, além da minha orientadora já mencionada. Suas críticas e correções me possibilitarão um melhor entendimento da pesquisa desenvolvida.

Ao professor Norberto Dallabrida e à professora Clarícia Otto prolongo meus sinceros agradecimentos. Admiro o empenho acadêmico de ambos, além de ser profundamente grato pelo auxílio epistemológico que me ofereceram, o professor no mestrado e a professora na graduação. A propósito, muito obrigado ao historiador lagunense Antônio Carlos Marega, que reúne e compartilha grande parte dos arquivos históricos locais, sendo de grande auxílio para a realização deste projeto sobre o escotismo de sua cidade.

Por fim, agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Educação da UDESC e a essa universidade, por extensão. Graças a essas instituições pude me dedicar ao trabalho epistemológico sem a preocupação concomitante de sobreviver materialmente, uma vez que recebi a bolsa acadêmica PROMOP/PROBIC, procedente da própria UDESC, durante os anos de 2010 e 2011. Espero ter honrado esse dinheiro público com a pesquisa que segue.

Aos amigos e aos familiares, igualmente, estarei sempre satisfeito pelo apoio e pela companhia afetuosa dos anos. Estimada Daiana C. Lencina, velha amiga, obrigado por lembrar-se de mim em seus agradecimentos. Quando ganhar na mega-sena, dividirei com você uma metade do prêmio.

RESUMO

SANSON, Luiz de Souza R. **A educação em tempos de nacionalismo**: as representações do escotismo em Laguna – SC (1917-1960). 2012. 131 f. Dissertação (Mestrado em Educação – Área: História e historiografia da educação) – Universidade do Estado de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis, 2012.

Filiando-se a autores da historiografia cultural, este projeto oferece uma análise do fenômeno extra-escolar em Laguna - SC. Seu objetivo é identificar nas relações entre a atividade escoteira lagunense e os mecanismos locais de circulação cultural uma construção simbólica de caráter nacionalista, que configurava determinados modelos sociais e direcionava uma apropriação parcial do escotismo. Para fundamentar essa ligação, as fotografias e os variados discursos referentes à sua participação nos desfiles e eventos públicos daquela cidade, principalmente os registros jornalísticos, são importantes meios de reflexão e crítica. Outros aspectos de sua atuação também se relacionaram àquelas representações nacionalistas. Verifica-se, no período sinalizado, certa sintonia entre o desdobramento do escotismo em Laguna e o próprio enquadramento vivido pela educação brasileira de então, dentro e fora dos muros escolares, no sentido de que esse segmento badeniano também experimentou os direcionamentos de um panorama cívico-patriótico, embora numa condição civil e privada, sem, portanto, uma vinculação governamental.

Palavras-chave: Escotismo. Nacionalismo. Representação. Eventos cívico-escolares. Educação.

ABSTRACT

SANSON, Luiz de Souza R. **Education in times of nationalism**: the representations of scouting in Laguna - SC (1917-1960). 2012. 131 f. Dissertation (Mestrado em Educação – Área: História e historiografia da educação) – Universidade do Estado de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis, 2012.

By joining the authors of cultural historiography, this project offers an analysis of the extra-curricular phenomenon in Laguna – SC. Its objective is to identify in the relations between the lagunense Scouting activity and the local mechanisms of cultural movement a symbolic construction of nationalist character, which configured specific social models and directed a partial appropriation of Scouting. To substantiate this bond, the photos and the sundry speeches referring to its participation in parades and public events in that city, mainly the journalistic registers, are important means of reflection and criticism. Other aspects of its actuation are also related to those nationalist representations. There is, in the signaled period, a certain tune between the Scouting deployment in Laguna and the framework itself, lived by the Brazilian education then, inside and outside the school walls, in the sense that this badenian segment also experienced the directions of a civic-patriotic outlook, although in a civil and private condition, without, therefore, a governmental bond.

Key-words: Scouting. Nationalism. Representation. Civic-school events. Education.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1 – Mapa de Santa Catarina	17
Ilustração 2 – Tiro de Guerra 137 em treinamento físico.....	28
Ilustração 3 – Tiro de Guerra 137 em treinamento de marcha	29
Ilustração 4 – Diretoria da Escola de Escoteiros de Laguna	34
Ilustração 5 – Desfile cívico em Laguna, 1918	43
Ilustração 6 – Escoteiros lagunenses formando pirâmide	45
Ilustração 7 – Atiradores e escoteiros guardando a bandeira	45
Ilustração 8 – Escoteiros do raide Laguna-Rio de Janeiro, 1924	68
Ilustração 9 – Escoteiros lagunenses do “Grupo Sul”, raide de 1924	68
Ilustração 10 – Alunos da Escola de Escoteiros de Laguna, 1924	72
Ilustração 11 – René Rollin e escoteiros no GE Jerônimo Coelho.....	115
Ilustração 12 – Atiradores e escoteiros em saída conjunta, 1917.....	115

LISTA DE ABREVIATURAS

ABE	Associação Brasileira de Escoteiros
ABE2	Associação Brasileira de Educação
AEL	Associação dos Escoteiros de Laguna
APL	Arquivo Público Municipal de Laguna – Casa Candemil
BPESC	Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina
EEL	Escola de Escoteiros de Laguna
GE	Grupo Escolar
IHGSC	Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina
JB	Juventude Brasileira
UEB	União dos Escoteiros do Brasil
TG137	Tiro de Guerra 137

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
Capítulo 1 – LAGUNA EM TEMPOS DE NACIONALISMO.....	16
1.1 – UM “BERÇO DE HERÓIS”: LAGUNA E A PRIMEIRA REPÚBLICA	16
1.2 – SANTA CATARINA E LAGUNA NO PROJETO REPUBLICANO DE MODERNIZAÇÃO EDUCACIONAL DURANTE A PRIMEIRA REPÚBLICA .	19
1.3 – O “BATALHÃO DA ESPERANÇA”: INTRODUÇÃO DO ESCOTISMO EM LAGUNA ENTRE 1917 E 1919.....	31
Capítulo 2 – A ESCOLA DE ESCOTEIROS EM SUA 2ª FASE (1919-30)	51
2.1 – ANOS DE PARALISAÇÃO FORAM ANOS DE MEMÓRIA (1919-24)	51
2.2 – A REATIVAÇÃO DO ESCOTISMO LAGUNENSE EM 1924: O CIVISMO A SERVIÇO DAS TRADIÇÕES NACIONAIS (REPUBLICANAS).....	64
2.3 – A “ESCOLA DE CIVISMO” OFUSCADA ENTRE 1927 E 1930	84
Capítulo 3 – OS BONS BRASILEIROS SÃO LAGUNENSES! SUA TERCEIRA FASE DE ATUAÇÃO (1939-60)	90
3.1 – O PAPEL DO ESTADO NOVO E A RECRIAÇÃO DO MOVIMENTO BADENIANO EM LAGUNA	90
3.2 – MEMÓRIAS DO GRUPO “TAIARANHA”	104
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	112
FONTES E REFERÊNCIAS	116
ANEXOS	124

INTRODUÇÃO

UM MÉTODO EDUCACIONAL: O PROJETO ESCOTEIRO

Originado em 1907¹, na Inglaterra, o movimento escoteiro se configura como uma organização mundial que visa a aperfeiçoar moral e fisicamente crianças e adolescentes. Caracteriza-se como uma sistemática educacional de perfil extra-escolar, significativamente divulgada pelo mundo através da obra *Scouting for Boys*², do seu fundador, o militar britânico Robert S. Smyth Baden-Powell (1857-1941), que lutou nas guerras coloniais de seu país, no fim do século XIX.

Na Guerra dos Bôeres (1899), esse general observou a atuação auxiliar de adolescentes para seu exército, surpreendendo-se pela dedicação organizada com que os jovens operavam o papel de mensageiros. Ao final da campanha vitoriosa, o célebre “Cerco a Mafeking”³, Baden-Powell entendeu que, sendo confiada qualquer responsabilidade a moços (adolescentes), eles corresponderiam em alto nível (BADEN-POWELL, 1986, p. 51).

Seria necessário adaptar os procedimentos de exploração com vistas à educação de rapazes não-militares, o que lhe foi requisitado por Sir William Smith, fundador da *Boys Brigade*⁴. Baden-Powell, então em 1907, “organizou um acampamento experimental na Ilha de Brownsea, fato que proporcionou a publicação, em fascículos quinzenais, do manual *Scouting for boys* e posteriormente transformado em livro” (GABRIEL, 2003, p. 10-11).

Ao elaborar esse projeto educacional, o militar inglês foi extremamente influenciado, ainda, por Ernest Thompson Seton, cidadão inglês residente nos Estados Unidos, que criou o movimento infanto-juvenil *Woodcraft Indians*. Seton, que manteve contatos sistemáticos com Baden-Powell, propunha atividades no campo e jogos que estimulassem o autodesenvolvimento. Sua prática educativa aproximava-se das modernas correntes ativistas. O escotismo guarda semelhanças com essa experiência pedagógica de Seton.

¹ Breve cronologia do escotismo mundial – ver anexo 1, páginas 124-5-6.

² Antes dessa publicação, por meio dos jornais britânicos entre 1907-8, porém, Baden-Powell escreveu uma espécie de manual didático de treinamento militar intitulado originalmente *Aids to Scouting*, entre 1899 e 1901. Esse escrito era voltado para os círculos do exército, todavia ganhou grande difusão nos outros segmentos sociais (NASCIMENTO, A.; 2004, p. 24-5).

³ Baden-Powell teve como missão organizar uma frente militar para proteger a cidade de Mafeking, defendendo-a durante 217 dias das forças inimigas. No fim, a cidade não foi invadida (BADEN-POWELL, 1993, p. 11).

⁴ Boys Brigade era uma organização de jovens, fundada em 1883, em Glasgow, Escócia. Baseada em princípios religiosos, a brigada tinha como meta formar moralmente a juventude. Seu método tinha como fundamento o adestramento militar e a formação religiosa. Com o intuito de tornar a prática educacional da brigada menos militar, em 1907 Smith se aproximou de Baden-Powell (NASCIMENTO, J.C.; 2008, p. 39-40).

O método escoteiro visava evitar o enfraquecimento físico e moral da mocidade, visão que se baseava em uma crítica comum do período, quando, segundo Baden-Powell, a vida na cidade degenerava as capacidades juvenis e o elo comunitário, afastando o homem da natureza, num estado que ele denominava como condição artificial da vida moderna⁵. “A urbanização da educação trazia os prazeres da juventude das cidades como o álcool, o fumo e o jogo. Powell preconizava o contrário, a vida campestre representava o que havia de mais puro e saudável para se viver” (RAPOSO, 2008, p. 50). Esse espaço, a propósito, garantiria “o desenvolvimento integral da juventude. Ele acreditava que a vida rústica poderia dar ao jovem os meios necessários para encarar a modernidade” (IDEM).

Assim disposto, seu projeto educativo também buscava uma reformulação dos métodos pedagógicos em geral. Todavia, não neutralizava a função educacional escolar, mas a completava, introduzindo atividades físicas regulares, com fins recreativos e de manutenção do condicionamento corporal e da saúde infanto-juvenil. Em paralelo, seriam inseridas no cotidiano das escolas atividades ao ar livre, como as excursões, explorações e acampamentos, que proporcionariam o contato com o meio natural como forma didática de aprimorar os conteúdos abordados nas diversas disciplinas escolares. Para que tal proposta exitasse, deveria ter “a aprovação dos professores” (GABRIEL, 2003, p. 13). Dessa forma, o escotismo fora projetado, originalmente, como prática inerente ao conjunto das atividades escolares. Todavia, em virtude da grande propagação de sua proposta, o movimento escoteiro constituiu-se de forma independente, qualificando-se como “movimento juvenil extra-escolar” (IBIDEM, p. 14).

SOBRE A PESQUISA

A pesquisa que segue faz referência ao fenômeno nacionalista brasileiro em suas atenções educacionais e, especificamente, extra-escolares. De fato, esse estudo se iniciou em 2008, com a finalidade de formalizar trabalho de conclusão de curso em História. Algumas das principais questões levantadas neste trabalho remetem àquele, em especial no que se refere à construção discursiva local que promovia uma determinada identidade ao escotismo lagunense e, com efeito, influenciava-o em suas atividades públicas.

Nesse sentido, o grupo escoteiro em questão é examinado por meio das representações difundidas pelos periódicos e pelas fotografias do seu tempo, bem como pelas entrevistas

⁵ Esquema explicativo da metodologia badeniana com foco na adaptação moral em contrapartida ao enfraquecimento da juventude, ver anexo 2, página 127.

trabalhadas no subcapítulo 3.2, entre outros documentos. A atuação escoteira nas celebrações e desfiles cívicos, onde as escolas também participavam, tornou-se emblemática para seus ex-membros e para parte da sociedade municipal que vivenciou esse fenômeno. A este respeito, foi preciso problematizar o papel dos veículos impressos na difusão e na positivação do escoteiro como modelo cultural segundo os referenciais nacionalistas exigidos pelo contexto lagunense. Algumas atividades dessa instituição extra-escolar, inclusive, demonstraram a sua sintonia para com a construção simbólica sinalizada, revelando, em parte, como as práticas educacionais do período estiveram sujeitas às orientações de uma determinada atmosfera sociopolítica. Experiências como o raide⁶ de 1924 e a reativação do escotismo em 1939 foram ilustrativas desse fenômeno.

A perspectiva teórica foi orientada, de modo estrutural, pela obra de Roger Chartier (1990) e pela busca de uma relação com o texto de B. Baczko sobre o “Imaginário Social” (1985). Essa ligação, a rigor, tenta compreender os mecanismos de produção e circulação de modelos culturais, de modo que determinados eventos e atividades sociais que perpassavam a experiência escoteira em Laguna revelem as suas combinações com a cultura então difundida publicamente. Desse modo, a projeção de uma identidade coletiva, assim como o alcance de sua influência sobre as práticas daquela entidade extra-escolar, torna-se uma questão central, haja vista ter contribuído para a perpetuação de alguns estigmas sobre o movimento fundado por Baden-Powell, como a concepção de que seria uma espécie de educação militar, confundindo-se alguns aspectos pontuais com o todo de suas bases pedagógicas.

Entre as obras de diálogo acadêmico fundamentais à reflexão do problema de pesquisa, destacam-se principalmente C. Bittencourt (1992), Ana C. B. Nery (2003), Rosa F. de Souza (2000), J. Zuquim e R. Cytrynowicz (2002), Y. Gabriel (2003), Adalson de O. Nascimento (2004), B. Raposo (2008) e Jorge C. do Nascimento (2008).

Nessas leituras, um debate essencial está relacionado aos textos de Rosa Fátima de Souza, Adalson de O. Nascimento e Jorge C. do Nascimento. Em um trabalho de muito fôlego, este último autor realizou denso estudo das fontes documentais e da literatura respeitantes ao movimento escoteiro, desde as obras dedicadas ao discurso formalmente pedagógico, até as pesquisas acadêmicas que problematizam as suas formas de apropriação. Desse modo, interpretou o escotismo adaptado às políticas governamentais, como “Escotismo de Estado”, em especial os casos de escolarização escoteira. Esse autor, ainda, também salienta a sua divergência à compreensão – que considera equivocada – da doutrina escoteira

⁶ “3.1 - longa marcha destinada a provar a resistência dos homens e do material que dela participam” (HOUAISS, 2007).

como um discurso pedagógico de caráter militarista e meramente disciplinador. Jorge C. do Nascimento, por sua vez, ressalta as bases educativas significativamente criativas do projeto badeniano, que educaria o jovem através de procedimentos de estímulo intuitivo, sob referenciais de interação e atividade entre crianças, adolescentes e adultos, desenvolvendo as funções cognitivas juvenis às esferas física, intelectual e moral.

Essa perspectiva, no entanto, confronta a leitura inaugurada por Rosa Fátima de Souza e endossada por Adalson de O. Nascimento, principalmente. Nessa interpretação, esses autores reconhecem nos pressupostos teóricos do escotismo alguns elementos tipicamente militaristas, identificando-os com as correntes nacionalistas de sua época de fundação. Ambos pesquisaram casos de apropriação escolar e governamental desse segmento pedagógico organizado por Baden-Powell, ela o de São Paulo e ele o de Minas Gerais. Enquanto Souza restringe sua crítica ao modo escolar da experiência escoteira naquele Estado, A. Nascimento estende ao conjunto do escotismo uma identidade cívico-patriótica, fundamentada em preceitos afins às tendências nacionalistas e de conservação da ordem política, compreendidas entre o final do século XIX e a primeira metade do século XX. Não obstante, esse pesquisador reconhece a ocorrência de desvios na apropriação dessa esfera educacional ao longo do seu desdobramento no Brasil.

A concepção defendida neste trabalho compartilha parcialmente com as interpretações dos três estudiosos mencionados. Da interpretação de Jorge C. do Nascimento é extraído, em especial, o cuidado com possíveis generalizações referentes à proposta escoteira, distinguindo, na medida do possível, o que representa o conjunto badeniano, sua espinha pedagógica, e o que se incorporou ou foi superdimensionado mediante um quadro de fortes apelos nacionalistas. A investigação aqui proposta, todavia, guarda intrínsecas relações com o objeto examinado por Rosa F. de Souza e Adalson de O. Nascimento, a saber, os desdobramentos do escotismo sob uma atmosfera fortemente marcada pelas tendências cívico-patrióticas. Esse quadro favorável à distorção dos projetos escolares, talvez tenha afetado mais ainda as esferas educativas extra-escolares, no sentido de que as mobilizou e as adaptou por várias décadas através da ação discursiva de jornais, autoridades e intelectuais diversos simultaneamente às demais experiências de incorporação governamental, como nos casos de escotismo escolar e de submissão voluntária do movimento no Brasil durante o Estado Novo, quando se tornou uma espécie de apêndice da Juventude Brasileira. Nesse sentido, é possível verificar atualmente os ecos desse processo de emancipação pedagógica e social desse segmento extra-escolar, onde ainda se faz mister desmentir e esclarecer as distorções adquiridas durante os períodos de propaganda nacionalista.

Nesse sentido, é problematizada a relação entre as construções simbólicas difundidas em Laguna e a formação do escotismo local. Assim disposto, o grupo escoteiro e as demandas nacionalistas de seu contexto promoveram uma série de atividades públicas onde, no decorrer das três fases escoteiras nessa cidade, buscava-se legitimar um novo sistema político, através da comemoração das novas datas e referenciais, e também se buscava inspirar condutas, direcionar um tipo de cidadania e de trabalhador. O escoteiro lagunense, nesse mister, polarizava as representações de sua imprensa e de outras vozes autorizadas no universo municipal.

Os materiais empíricos são principalmente as revistas locais, os jornais, o 3º livro de leitura da série didática “Fontes”, que era distribuída no Estado catarinense, os decretos legais relativos à educação pública e às instituições extra-escolares e o expressivo material iconográfico dos eventos públicos onde essas instituições, como a linha de tiro e o grupo escoteiro em evidência, eram valorizadas simbolicamente mediante seu destaque nos veículos discursivos de Laguna. Esse material está localizado entre os acervos da Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina, do Arquivo Público Municipal de Laguna, do Centro de Memória da Assembléia Legislativa de Santa Catarina e, em especial, do acervo particular do historiador lagunense Antônio Carlos Marega. As matérias jornalísticas dispostas entre 1917 e 1960 em relação ao escotismo são abundantes, indicando mais uma vez o seu papel social proeminente. No caso em questão, foram fotografadas centenas de artigos, grande parte dos quais disposta na primeira página desses periódicos.

Outra fonte relevante à reflexão do objeto de pesquisa é a história oral. Assim, foram realizadas duas entrevistas com ex-membros do grupo escoteiro de Laguna, participantes de sua 3ª fase de funcionamento, além de filhos e parentes de outros escoteiros lagunenses. Seus discursos foram de significativo valor, permitindo-lhes redimensionar as suas experiências e, dessa forma, reconstruir as representações evocadas e transformadas do fenômeno escoteiro em Laguna, uma vez que a memória, a despeito de sua condição individual, é formada coletivamente, mediante as trocas do indivíduo com a comunidade. Essa relação, por conseguinte, possibilita um reexame das representações coletivas difundidas pelos meios e vivenciadas pelos sujeitos.

Uma fonte de inestimável importância para uma melhor compreensão da dinâmica escoteira em Laguna seria seus documentos internos, como fichas, cartilhas, caderno de anotações, além de outras opções possíveis de documentação. Esses elementos, contudo, foram perdidos nas contingências humanas. Não obstante, o material acessado permitiu conduzir a problemática proposta.

O capítulo inicial, a princípio, apresenta a rede simbólica em meio à qual seria fundada a então Escola de Escoteiros de Laguna. Esse quadro é refletido por meio das representações sobre a própria cidade, que polarizava uma importante demanda política e econômica de projeção no Estado. Nessa mobilização sociocultural, inclusive, atuaram instituições de peso, como o Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, além dos veículos jornalísticos daquele município. Simultaneamente, é analisada a reforma da instrução pública estadual através dos seus efeitos nas instituições lagunenses, de modo que aquela atmosfera municipal seria intensificada em sintonia ao nacionalismo do período. Nessa direção, o escotismo seria introduzido no município, coincidindo com uma propaganda cívico-patriótica então suscitada pela 1ª Guerra Mundial e suas repercussões nacionais. Nessa parte do trabalho, é examinada a primeira fase de atuação escoteira ali, inaugurada em 1917 e interrompida em 1919.

O capítulo seguinte destaca, inicialmente, as construções simbólicas articuladas à reativação do escotismo lagunense. De modo específico, identificam-se alguns mecanismos de memória que resguardaram um importante espaço ao “Batalhão da Esperança”, então paralisado, mas que ainda representava determinado modelo cultural para aquela juventude. Na sequência, o restabelecimento do grupo fundado por René Rollin⁷, através de uma mobilização até hoje recordada por alguns munícipes, quando realizaram duas grandes viagens pedestres simultâneas reunindo escoteiros do período anterior. Nesse evento, ambas as trilhas agregariam diversas representações ao escotismo local e ao próprio município como aspirante modelar das virtudes republicanas e nacionalistas daquele contexto. No mais, é relacionado o ostracismo vivido pela EEL a partir de 1927 com a penumbra do próprio nacionalismo da 1ª República, já na última metade da década de 1920.

Por fim, reflete-se sobre a 3ª fase do escotismo lagunense. Reativando-se no ano de 1939, em pleno desdobramento das políticas de nacionalização varguista, ressurgiu como Associação dos Escoteiros de Laguna. Sua atuação estaria afinada a um só tempo com as prescrições juvenis do Estado Novo, como as apresentações em conjunto com a Juventude Brasileira, e com as demandas municipais de projeção como centro histórico e cultural catarinense. Nesse sentido, as representações discursivas sobre o movimento nessa cidade também são problematizadas através de duas entrevistas, as quais contribuindo sobremaneira à compreensão do fenômeno escoteiro em suas relações com o universo social e cultural lagunense.

⁷ René Rollin foi o fundador do escotismo em Laguna, sendo mais detalhadamente analisado no capítulo 1.3. Sobre esse lagunense histórico, está em fase final de redação uma biografia elaborada pelo historiador seu conterrâneo, Sr. Antônio Carlos Marega.

Capítulo 1 - LAGUNA EM TEMPOS DE NACIONALISMO

Esta primeira parte envolverá a cidade-foco desta investigação, priorizando sua relação com a Primeira República. No mais, reflete-se a reforma da instrução pública catarinense protagonizada por Orestes Guimarães, iniciada em 1911, que promoveu algumas experiências modernizantes no cenário educacional do Estado, inclusive com fundamental ressonância em Laguna. A própria associação escoteira também representaria, segundo os jornais da cidade, um dos aspectos das novas tendências educacionais então em curso, atuando intensamente por dois anos, numa primeira fase decorrida entre 1917 e 1919.

1.1 – UM “BERÇO DE HERÓIS”: LAGUNA E A PRIMEIRA REPÚBLICA

“[...] Laguna amada/ Sob este céu que é tão azul/ Foi que a Pátria deslumbrada/ Deu a grande caminhada/ Em direção ao sul⁸”, esse trecho do hino de Laguna, cidade ao sul do Estado de Santa Catarina, é indicador de uma das suas marcas mais difundidas, a saber, a de “marco fundador”, que a cidade seria da região sul brasileira e, por extensão, da própria esfera estadual⁹. A despeito das representações referentes à condição lagunense de “marco” para o desenvolvimento sulino, sua história de fato se confunde com a penetração dos grupos bandeirantes e portugueses no Rio Grande do Sul. Essa região catarinense funcionava como entreposto do tropeirismo, em especial, para as regiões centrais da economia colonial no século XVIII, às quais abastecia com itens primários. Era então “Vila de Santo Antônio dos Anjos da Laguna”, tendo importância econômica de destaque para o contexto, a primeira metade do século em destaque. A criação de uma nova rota (Sorocaba), todavia, gerou grande instabilidade naquela Vila sulina, que viu boa parte dos residentes se mudar e a economia local praticamente desaparecer, ressurgindo quando da instalação de grupos de imigrantes açorianos, em meados do mesmo século (SANTOS, S.; 2004, p. 44).

⁸ MINHA Laguna. Hino oficial da cidade, letra e música de Osmar F. Cook. Disponível em: <http://www.laguna.sc.gov.br/hino.php>. Acesso em 19 abr. 2011.

⁹ “O que chamo de mito fundador é a imagem construída por uma discursividade historiográfica [...], na qual Laguna figura como o local de origem do sul brasileiro e principalmente do sul do Estado. É a criação de uma referência que tenta nortear e modelar o imaginário social, que garante a certeza de um passado genuíno, que os agentes devem reconhecer enquanto verdadeiro e legítimo, pois o presente e o futuro se enquadram nele. [...] O mito fundador é próprio de uma história que promove o reencontro com a gênese, os começos naturais, a ‘fundação’ que se liga sem rupturas ao presente. É o caminho de volta, e direto, em busca da raiz” (BITENCOURT, J.B.; 1997, p. 135).

Ilustração 1: Mapa atual de Santa Catarina, onde estão registradas as cidades médias e as de maior porte geográfico e econômico. Laguna, ao sul do Estado, está a 118 quilômetros da capital Florianópolis, e a uma distância de 362 km de Porto Alegre¹⁰



Sem intencionar uma análise de longa duração dos fenômenos lagunenses, busca-se, com efeito, uma alusão a certa característica memorialística desse município, onde os grandes vultos históricos emergiam para o Brasil republicano e, por extensão, para a Laguna republicana. Segundo João Batista Bitencourt, cuja pesquisa sobre essa cidade abrange o mestrado e o doutorado, tanto sua construção simbólica como “marco fundador” territorial da região sul, quanto sua figuração como matriz do sentimento de brasilidade no Estado¹¹, estão ligadas ao processo discursivo que se desenvolvia desde as últimas décadas do século XIX no espaço catarinense. A este respeito, o novo regime inaugurado em 1889 somado às

¹⁰ Ilustração e dados disponíveis em:

<http://www.google.com.br/imgres?q=mapa+laguna+sc&hl=pt-BR&sa=X&biw=1280&bih=581&tbn=isch&prmd=imvns&tbnid=n_cmbsih6k-adM:&imgrefurl=http://www.macamp.com.br/CidadesC/es-sc.htm&docid=tooAMzU7EyaRpM&imgurl=http://www.macamp.com.br/webpic/guia/mapa-sc.jpg&w=518&h=391&ei=JC_LTquRMoPv0gH08-z-Dw&zoom=1>. Acesso em 25.04.2011.

¹¹ A chamada “República Juliana” proclamada por Garibaldi e demais rebeldes farroupilhas em Laguna foi interpretada como a ancestralidade do ideal republicano catarinense, segundo a construção historiográfica de autores lagunenses do século XX, como Saul Ulysséa, Oswaldo Cabral, além de José Johanny, este já nos últimos anos do século XIX, através da revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, inaugurado em 1896 (BITENCOURT, J. B.; 1997, p. 11-20).

contestações dos grupos políticos aliados nesse processo de adaptação geral suscitou em Laguna e em Santa Catarina consequências significativas de caráter sociocultural:

Derrotada a revolução federalista que havia posto a República em xeque, era hora e necessidade de costurar o então desconhecido passado de Santa Catarina para delinear o futuro do homem e do estado, uma característica posição teórica positivista. A preocupação era com o progresso das coisas catarinenses ou a ele afetas. A idéia estava em justificar o presente através do caminho percorrido no passado; num passado histórico coeso e único, formador de uma mentalidade diferente e progressista, com um destino previamente traçado de linhas inflexivelmente retas, em direção ao horizonte de pleno estar social e de estruturas política e econômica estáveis (CORREIA, 1997, p. 81-2).

Laguna ressurgiria, então, como o “berço da cultura catarinense”, conforme a página virtual de sua prefeitura indica¹². As tradições estaduais afins ao regime republicano estariam associadas a indivíduos e a eventos notabilizados nessa cidade. Anita Garibaldi e Jerônimo Coelho traduziriam, sob os registros de José Johanny e outros escritores catarinenses daquele período, os valores de afirmação política do município frente às demais regiões do Estado e, principalmente, em relação aos espaços vizinhos, como Criciúma e Tubarão, que, muito embora gerados da antiga Vila de Laguna, superavam materialmente nas primeiras décadas do século XX a sua outrora matriz através da produção carbonífera (SANTOS, M.; 1997, p. 29-31).

Esses escritores, discursando principalmente a partir do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, também respondiam às representações depreciativas das populações litorâneas (açoriano-descendentes). Nessa construção estigmática, os catarinenses do litoral seriam menos laboriosos e menos saudáveis que o novo imigrante de origem teuta ou italiana, em especial, que então desbravava e edificava as regiões interioranas de Santa Catarina. Dessa forma,

no enfrentamento destes combates [discursivos], os intelectuais lagunenses lutaram com a arma mais potente que tinham, as representações do passado da cidade. Inventaram, então, uma tradição de cidade histórica para Laguna. Porém, esta visão acabou por fomentar uma idéia de atraso, de um passado bem mais importante que o presente. Esta opção de seus poderosos fez com que das pretensões de desenvolvimento econômico restassem apenas sonhos e quimeras e dessem vazão à construção de uma sociedade de memória, ou melhor, de história, ancorada em espaços de materialização da memória, constantemente se refugiando no passado (BITENCOURT, J.B.; 1997, p. 17-18).

¹² <http://www.laguna.sc.gov.br/paginas.php?pag=historia-de-laguna> , acesso em 20/05/2011.

Não obstante a cidade estivesse ofuscada economicamente por suas vizinhas e não contasse com um efetivo investimento do Governo do Estado¹³, Laguna contava com sua distinção simbólica, seus vultos históricos, que apareceriam de forma recorrente em seus veículos de informação e nos vários discursos e eventos divulgados. Mais que isso, o “berço da cultura catarinense” produziria novas representações durante as décadas destacadas neste trabalho. Ao contrário de uma Anita, que em sua imagem de amazona questionava as autoridades instituídas, os novos representantes da identidade lagunense seriam as verdes gerações enfileiradas harmoniosamente durante os eventos e desfiles públicos, mediante o protagonismo dos jovens escoteiros e dos membros do Tiro de Guerra 137, com ambos os grupos ilustrando os valores republicanos e a grandeza cultural do município. A memória, ainda que alterada para com o passado, remete a referenciais em curso, a estímulos de um contexto presente onde também há conflitos pela perpetuação de certa recordação. Assim mesmo, “a memória, na qual cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro” (LE GOFF, 2003, p. 471).

1.2 – SANTA CATARINA E LAGUNA NO PROJETO REPUBLICANO DE MODERNIZAÇÃO EDUCACIONAL DURANTE A 1ª REPÚBLICA

As idéias que impulsionaram o movimento de nacionalização republicana em suas primeiras décadas tinham na educação um de seus pilares fundamentais. Esse movimento revelava-se na busca da modernização do ensino, no empenho da alfabetização, da elevação do nível de ensino e da formação do magistério (OLIVEIRA, M. C.; 2005-2006, p. 16). A este respeito é preciso identificar a característica processual com que se desenvolveram esses objetivos almejados, uma vez que em quase a totalidade dos Estados do país as escolas e a educação permaneceram sob condições de penúria ao menos até 1900. Também o Estado catarinense demorou a passar da propaganda de um modelo de modernização educacional a uma efetiva ação reformadora, experimentando seus municípios severas dificuldades materiais e desordem no tocante à escolarização popular, tornada compulsória às unidades da federação pela constituição do novo sistema político.

Segundo pesquisadores como Jaecyr Monteiro (1984, p. 54-55) e Vera Lúcia G. da Silva (2006, p. 179-190), houve significativa distância entre o estabelecimento de normativas federais e a sua incorporação efetiva nos Estados durante a última década do século XIX.

¹³ Segundo J. B. Bitencourt, o poder estadual esteve mais presente nas regiões do Vale do Itajaí e nordeste catarinense em virtude do “poder de barganha política” dessas e do fato de muitos dos novos agentes políticos serem oriundos desse mesmo espaço (1997, p. 12 e 87).

Como registrou Monteiro acerca do panorama educacional catarinense, nesses anos iniciais pós-Proclamação

a nova mentalidade reinante, sem dúvida era favorável à dinamização da instrução pública. Mas, na prática as coisas continuavam estacionadas. Uma população onde o número elevado de analfabetos era uma constante, onde as escolas existentes ofereciam um ensino de baixa qualidade, facilitando sobremaneira a ação das autoridades quanto à manipulação destes contingentes populacionais. Em síntese, existia em Santa Catarina um sistema de ensino arcaico e obsoleto, sem fiscalização e sem orientação. Por outro lado, o número de escolas crescia, exigindo uma tomada de posição das autoridades constituídas (MONTEIRO, 1984, p. 54).

Uma educação popular concretamente tratada como prioridade pelas instituições políticas catarinenses avançou por volta de 1911, no governo Vidal Ramos. Popularizar a esfera educacional também significava ser financiada e fiscalizada pelos cofres públicos, mesmo que o Estado possuísse menos recursos que o necessário à época¹⁴. Para atingir seus objetivos, o governador contratou em São Paulo o professor Orestes Guimarães. Este, que em 1907 já tinha coordenado o estabelecimento do “Collegio Municipal” em Joinville, bem conhecia os problemas da instrução pública em Santa Catarina¹⁵.

Guimarães coordenou a criação dos primeiros Grupos Escolares no Estado catarinense, já no período de nacionalização iniciado em 1911. Sua primeira obra, já apontada, realizou-se em Joinville, onde após a inauguração em 1907 houve parcial adaptação aos moldes paulistas de organização espacial e de higiene, que seriam a base segundo a qual se edificariam os demais prédios escolares no Estado, refundando-se posteriormente o “Collegio Municipal” daquela cidade como Grupo Escolar Conselheiro Mafra. Na sequência, foram entregues os Grupos Escolares “Jerônimo Coelho”, em Laguna, “Lauro Muller”, em Florianópolis, ambos no ano de 1912, “Vidal Ramos”, em Lages, “Silveira de Souza”, em Florianópolis, “Victor Meireles”, em Itajaí e “Luiz Delfino”, em Blumenau no ano de 1913 (TEIVE; SILVA; 2009, p. 32-39) (PROCHNOW, 2009, p. 170-171).

Chamados por Rosa Fátima de Souza de “Templos de Civilização” e “Pilares da República” (1998) e também identificados por Vera Lúcia G. da Silva como “Vitrines” do

¹⁴ “Para levar adiante o seu projeto, o governo lançou mão do endividamento externo. Empréstimos para a construção de prédios escolares foram contraídos junto às casas bancárias inglesas Emile Erlanger & C. e Dunn Fischer & C., em 1909 e 1911”. SILVA, 2006, p. 183.

¹⁵ “Orestes Guimarães (1871-1931) – Paulista formado pela Escola Normal de São Paulo em 1889. Foi diretor do primeiro grupo escolar do Braz, na cidade de São Paulo. Por solicitação do governo paulista criou o grupo escolar do núcleo colonial Quiririm, na zona rural de Taubaté - SP. Exerceu o magistério por 16 anos nesse Estado. Dirigiu o Colégio de Joinville entre os anos 1906-1909 e regressou ao seu estado natal”. No ano de 1911, regressou ao Estado catarinense convidado pelo governador e “em 1918 passou a ser o Inspetor Federal das Escolas Subvencionadas, exercendo essa função até o final de sua vida”. REVISTA DE EDUCAÇÃO. Órgão do Professorado Catarinense - Ano I - nº 2 (março/abril), 1936. Florianópolis. p. 2. (Acervo do Instituto Histórico e Geográfico do Estado de Santa Catarina, Florianópolis.) Citado por UNGLAUB, 2008, p. 36-37.

novo regime (2006), os Grupos Escolares simbolizaram o modelo de escola até meados da década de 1970, “quando, por força da lei 5.692/71, foram substituídos pela instituição de 1º grau” (TEIVE; SILVA; 2009, p. 32). Por estarem situados em uma esfera central urbana, os Grupos eram freqüentados pelas populações vizinhas ao estabelecimento, normalmente pertencentes aos segmentos médios da sociedade. A este respeito, a pesquisadora Vera Lúcia G. da Silva afirma que “quem sentasse em seus bancos teria um lugar ‘assegurado’ na tessitura social” (2006, p. 181).

No processo de implantação dessas instituições, também conhecidas como escolas graduadas ou centrais (SOUZA, 1998, p. 31), Santa Catarina e outros Estados brasileiros se basearam na experiência paulista. Assim disposto, o governo catarinense requisitou os serviços do professor Orestes Guimarães, que se orientou pelas referências básicas dos Grupos paulistas, convidando, ainda, uma equipe integralmente desse Estado para lhe auxiliar na adaptação do modelo graduado em território catarinense¹⁶.

A busca por renovação educacional em Santa Catarina esteve vinculada, nesse período de institucionalização do novo regime, ao fenômeno identificado por Jorge Nagle como “entusiasmo pela educação”. Essa tendência caracterizava-se pela perspectiva em que a educação significava a alavanca da história e a chance de regeneração nacional. O autor, inclusive, insere a obra “Sugestões sobre a educação popular no Brasil”, de Orestes Guimarães, como um dos trabalhos representativos dessa tendência cultivada no período da Primeira República (NAGLE, 1974, p. 97-124). Muitos foram os escritores e intelectuais brasileiros que promoveram essa espécie de corrente cultural, onde os grupos republicanos experimentaram marcar no espaço escolar um sistema específico de valores. Outrossim, este sistema estava identificado com o novo projeto político-cultural que, segundo Rosa Fátima de Souza (2000, p. 106), promoveria “a formação do cidadão republicano alicerçada na ciência e nos preceitos morais e cívicos”, além de responder a necessidades primárias da sociedade almejada, como ler, escrever e se comunicar como um todo.

Com o intuito de materializar esse projeto, o governo catarinense engendrou algumas mudanças curriculares a fim de adaptar a formação da juventude segundo as referências mencionadas, a saber, a ciência e os preceitos morais e cívicos. As principais mudanças recaíram, pois, sobre o acréscimo ou a eliminação de certos conteúdos, sobre o detalhamento

¹⁶ “Para introdução e orientação dos novos métodos de ensino, Orestes Guimarães trouxe seus colegas: Gabriel Ortiz, Antônio Reimão Helmaster, Henrique Gaspar Midon, Pedro Nolasco Vieira, Arlindo Chagas, João dos Santos Areão, Gustavo Assunção e Posidônio Sales”. REVISTA DE EDUCAÇÃO. Órgão do Professorado Catarinense - Ano I - nº 2 (março/abril), 1936. Florianópolis. p. 3 (acervo do Instituto Histórico e Geográfico do Estado de Santa Catarina, Florianópolis) apud UNGLAUB, 2008, p. 37.

das instruções metodológicas e sobre a forma de organização dos temas das matérias. As atividades de conteúdo cívico-patriótico também se transformaram nesse contexto catarinense e naquele dos principais centros regionais brasileiros, investindo na construção e na valorização da nacionalidade. A este respeito, é esclarecedor um excerto do “Programma dos Grupos Escolares”, de 1914, onde a compreensão do país era prescrita já no programa da disciplina de História, por conseguinte

o professor em forma de narração, em linguagem muito simples e procurando despertar o gosto e a curiosidade dos alumnos, pela narração, contará [por exemplo] ... que o Brazil é hoje um grande paiz, mas que não o era a princípio, pois só era habitado por selvagens; que o modo de vida dos selvagens era diferente do nosso e em que consistia essa diferença.¹⁷.

Nesse sentido, confirma o mesmo “Programma”, docentes e diretores teriam de cumprir inevitavelmente as prescrições ali contidas em toda a sua “inteireza, não sendo permitido supprimir partes, saltar ou inverter a ordem em que se acharem as partes”¹⁸. Assim disposto, o currículo – tanto nas instituições formadoras de professores, quanto nas escolas primárias – dimensionava as disposições governamentais de formar as futuras gerações segundo referências primordialmente políticas.

Destacava-se a adaptação dos conteúdos de Educação Moral e Cívica, e da disciplina tocante à língua nacional, priorizados pelo trabalho de renovação educacional desenvolvido por Guimarães (UNGLAUB, 2008, p. 38). No primeiro caso, intencionou-se transmitir e fazer incorporar o civismo por meio de um programa disposto por lições teóricas, por cantos cívicos, pelo estudo da geografia e história do Brasil e, sobretudo, pelos desfiles públicos em comemoração às datas cívicas – redefinidas pelo regime proclamado em 1889 e tidas como parte da tradição nacional, que deveria ser legitimada dentro e fora da esfera escolar – juntamente a homenagens aos grandes vultos e símbolos nacionais. Neste caso, ressaltam-se o herói nacional, Tiradentes, e os símbolos sacralizados pelos grupos republicanos centrais, a saber, as armas nacionais, o hino nacional e a bandeira nacional (IDEM) (BITTENCOURT, C.; 1992, p. 48). A respeito dos conteúdos cívicos, o estudante, por sua vez, deveria ser instruído a “ser leal à sua pátria e orgulhar-se della. [Ter] amor a pátria e como servil-la desde criança”¹⁹. Entretanto, autores como José Murilo de Carvalho (1990), Circe Bittencourt

¹⁷ Programma dos Grupos Escolares e Escolas Isoladas do Estado de Santa Catharina. Aprovado e mandado observar pelo Decreto nº 796 de 2 de Maio de 1914 apud SILVA, 2006, p. 186.

¹⁸ Regimento Interno dos Grupos Escolares, aprovado pelo Decreto n. 795, de 2 de maio de 1914 apud SILVA, 2006, p. 183.

¹⁹ Programma dos Grupos Escolares e Escolas Isoladas do Estado de Santa Catharina. Aprovado e mandado observar pelo Decreto nº 796 de 2 de Maio de 1914 apud SILVA, 2006, p. 186.

(1992) e Marta Carvalho (1989) apontam resistências ao processo educacional que enfatizava o signo cívico e patriótico em detrimento de uma preparação para o trabalho, relacionando essa necessidade ao êxodo rural massivo e à urbanização caótica durante os primeiros anos de sistema político republicano (CARVALHO, M.; 1989, p. 11-16).

Nesse panorama geral, aqui exposto de forma mais breve, a cidade de Laguna inaugurava em dezembro de 1912 o segundo Grupo Escolar do Estado, sob o nome de um dos seus “heróis”²⁰, Jerônimo Coelho, tido como o fundador da imprensa catarinense e político respeitado no contexto imperial brasileiro. Apesar de Laguna não ser um dos espaços centrais de colonização com grupos germânicos e demais grupos europeus entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século seguinte, as representações difundidas pela sua imprensa afirmavam referenciais de nacionalização similares aos dispostos nos currículos escolares estaduais de então. A este respeito, um programa festivo realizado pelo Grupo Escolar local indicava um relevante direcionamento nacionalista, dividido em três partes:

Em comemoração à data de hontem [3 de maio]²¹, o Grupo Escolar Jeronymo Coelho fez a sua primeira festa cívica deste anno, que esteve apreciadíssima. Desde muito cedo affluíu grande numero de famílias e cavalheiros da nossa melhor sociedade, representantes da imprensa, autoridades civis, etc. Pouco antes das 17 horas deu-se começo a festa que obedeceu ao seguinte programma:

1ª parte

Ao 3 de maio

- 1 – *Hymno do 4º centenário* (canto)
- 2 – *Meu Brazil*, Ruth Cabral
- 3 – *Nunca morre quem sabe vencer*, J. Freitas
- 4 – *Hymno ao Brazil*, Carolina Netto
- 5 – *Brazil!*, Alda E. Teixeira
- 6 – *Instrução*, Thereza di Concilio

2ª parte

Às aves

- 1 – *Os passarinhos* (canto)
- 2 – *O cysne*, Francisco Figueiredo
- 3 – *As cegonhas*, Leonor Baptista
- 4 – *Voae* (canto)
- 5 – *Os passarinhos*, Haidée B. Silva
- 6 – *Prece das juritys*, Dorah Grandemagne
- 7 – *Hymno nacional* (canto)

3ª parte

No pateo do recreio

- 1 – Sahida para o pateo com a *Marcha do recreio*
- 2 – *Tracção da corda*, por alumnos do 1º anno masculino
- 3 – *Saltos*, por alumnos do 4º anno masculino
- 4 – *Corrida sinuoza*, 1º anno feminino
- 5 – *Assalto à bandeira*, alumnos do Grupo e Escola [não especifica qual escola].

²⁰ Conforme João B. Bitencourt registra, Laguna passava a ser invocada por seus escritores e representantes nesse momento (início do século XX) como “berço de heróis”, sempre tendo como emblema o ideal republicano da cidade (1997, p. 109-123).

²¹ O dia três de maio foi, durante as primeiras décadas do século XX brasileiro, dirigido à comemoração do Descobrimento do Brasil, e também “Dia de Santa Cruz”.

Após essa última parte que esteve disciplinadíssima, o Grupo escolar, em companhia do Tiro 137 puxado pela sympathica banda musical *Carlos Gomes* e seguido de grande massa popular percorre diversas ruas de nossa cidade [...]. Ao Sr. Luiz Sanches Bezerra da Trindade digno director do Grupo Escolar *Jeronymo Coelho*, promotor da apreciadíssima festa patriótica, desejamos firme conservação no elevado cargo que desempenha, e felicitamos aos seus dignos auxiliares daquelle útil estabelecimento pelo gosto artístico da ornamentação interna e externa daquella casa de instrucção.²²

Entre outras questões suscitadas pelo registro, destaca-se a relação entre as temáticas moral, física e as de caráter sensível ou de apelo afetivo. Os cantos e hinos eram empregados também no dia-a-dia ordinário dos estudantes, retomados posteriormente em ocasião das festividades, homenagens e desfiles cívicos. Conforme o programa comemorativo do GE Jerônimo Coelho, eram reunidas desde canções patrióticas, poemas e textos de exaltação da fauna nacional, até, por fim, as demonstrações físicas, que consistiam em divulgar a sintonia da instituição escolar com os preceitos de higiene e disciplina social. Assim mesmo, Laguna foi promovida por seus escritores, políticos e veículos de informação ao posto de paradigma republicano aos demais municípios. A escola graduada local seria não apenas a “vitrine da República”, uma vez que não ficaria diferente dos demais estabelecimentos organizados pelo professor Orestes Guimarães. O GE lagunense deveria distinguir-se pela mobilização de outras representações, outras forças sociais que ali surgiam também devido à circulação de modelos e tendências oriundos dos Estados com maior alcance simbólico e material.

A conclusão da matéria intitulada “A festa do Grupo Escolar” mencionava uma dessas forças sociais agregadas aos eventos festivos desenvolvidos pela instituição, o grupo “Tiro de Guerra 137”, junto ao qual estariam outras associações civis com fins de revigorar aquela imagem corriqueira à história local no decurso do século XX: “Laguna, Berço de Heróis”. Não se tratava, portanto, apenas de pertencer ao fenômeno também intitulado por Rosa Fátima de Souza (2000, p. 110) como “republicanização da República” através de seu Grupo Escolar, por mais representativo que o mesmo fosse do processo nacionalizador. Laguna promoveu significativas experiências desse processo, organizando e difundindo publicamente outras instituições de complementação a certa cultura sociopolítica então prescrita nos Estados centrais do país e também em curso no espaço catarinense. Entidades como o “Tiro de Guerra 137”, o “Comitê Pró-Pátria”, a “Escola de Escoteiros de Laguna”, foco deste trabalho, além da atividade sempre auxiliar das duas bandas musicais lagunenses, “Carlos Gomes” e “União dos Artistas”, foram veiculadas socialmente em compasso com as prescrições nacionalistas de

²² A FESTA do Grupo Escolar. Jornal **A TARDE**. Laguna, 04.05.1917, nº 877, p. 2 (acervo Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina - BPESC).

outros Estados. A rigor, representaram em nível local as referências extra-escolares de complementação moral e, sobretudo, educacional da juventude.

Estava em curso, ainda, certa ênfase à diferença entre educar e instruir, bastante propagada nos canais especializados e, principalmente, nos periódicos ordinários do período compreendido entre 1889 e 1930. Nesse sentido, ‘educação’ remetia a uma visão específica de ensino, que identificava a formação integral da criança como uma experiência que transcenderia a transmissão dos saberes elementares então promovidos pelos programas escolares através dos professores. Educar “tem por objetivo formar as almas” (BACZKO, 1985, p. 324). A formação curricular ou especificamente escolar, a rigor, era representada como a própria instrução. A este respeito, Nagle (1974, p. 231) em seu estudo afirma que

[...] desde o seu aparecimento [na Primeira República], o nacionalismo esteve associado a uma intensa preocupação com a educação, em primeiro lugar, e com a escolarização, em segundo lugar, que se transformam em instrumento para dar solidez às bases da nacionalidade. No primeiro caso, se encontram as pregações que têm por objetivo criar um novo ‘clima moral’ para superar o imobilismo em que vegetam as ‘forças vivas’ da nação, bem como a instituição das linhas de tiro e as práticas do escoteirismo; no segundo caso, se encontram os esforços para desanalfabetizar amplas camadas da população ou para difundir a escola primária “integral”.

Dessa forma, Nagle consolidou uma interpretação relativa às investigações historiográficas em relação ao período, onde a educação deve ser compreendida como prática social e cultural que não se restringe apenas aos processos de escolarização. Representação similar à destacada pelo autor citado foi verificada em alguns jornais lagunenses desse momento, sendo um, em especial, disposto com longo artigo demonstrativo da diferença entre educar e instruir, onde se registrava que “a instrução é insuficiente, e só se completa com a educação; esta só pódre produzir resultados beneficos desde que tenha sido precedida por aquella”, ao que complementa afirmando ser a educação a formadora “do character. Assim é, com effeito. O character necessita de ser fortalecido e orientado”²³.

Esse momento da década de 1910 salientava, de modo muito expressivo, a atuação de instituições extra-escolares na promoção do nacionalismo, como aquelas registradas em Laguna. Em jornais, fundamentalmente, e nas palestras dirigidas aos segmentos letrados e dirigentes daquele contexto, tornava-se recorrente o uso de representações tocantes à chamada “Defesa Nacional” (CARVALHO, M.; 1989, p. 17-8). A este respeito, é possível apontar que

também intelectuais de Santa Catarina ligados às artes e às letras, vinculados a segmentos de escritores, jornalistas e historiadores da elite catarinense, estiveram de

²³ NOTAS educativas. Jornal **O ALBOR**. Laguna, 09.04.1916, nº 697, p. 2 (acervo APL).

variadas formas engajados em propostas integradoras e homogeneizadoras. Esses intelectuais produziram discursos que evidenciaram proposições integradoras, a partir de estudos que apresentaram situações de dispersão ou de diversidade do território catarinense (CAMPOS, 2008, p. 67).

As instituições e organizações nacionalistas durante a Primeira República nos principais centros brasileiros, em Santa Catarina e, especialmente, em Laguna resumiam “laços de solidariedade, pertencimento e conformação ideológica”, caracterizando-se como espaços sociais “em que se constr[uía] a identidade social” (NASCIMENTO, A.; 2004, p. 40-41). De modo geral, a entidade nacionalista mais destacada foi a “Liga de Defesa Nacional”, fundada em setembro de 1916 por Olavo Bilac, Pedro Lessa e Miguel Calmon (NAGLE, 1974, p. 45).

Apesar de receber algumas críticas, concentradas especialmente em seu projeto social subordinado a preceitos militares²⁴, o pensamento da Liga de Defesa Nacional se expandiu significativamente, de tal forma que a essa instituição viriam se juntar outras, com muita semelhança nas bases de sua mobilização (NAGLE, 1974, p. 312). Liga Nacionalista de São Paulo (ou do Brasil), 1917, Propaganda Nativista, 1919, e Ação Social Nacionalista, 1920, foram os principais pares da associação criada por Bilac em 1916. A primeira promoveu importantes intervenções na instrução pública paulista, haja vista dois de seus principais membros e fundadores se tornarem posteriormente responsáveis pela pasta de educação estadual, Sampaio Dória e Guilherme Kuhlmann (GABRIEL, 2003). Nesse sentido, é possível identificar a formação de outros estabelecimentos signatários das idéias nacionalistas próprias das décadas de 1910 e 1920, inclusive em Laguna, onde foi possível verificar a atuação destacada do “Comitê Pró-Pátria”, pelo menos desde abril de 1917 e da “Liga de Defesa Nacional” local, inaugurada entre 1917 e 1918²⁵.

Essas associações lagunenses também se estruturavam sob uma base política, a partir do Partido Republicano Catarinense, que possuía ali determinados membros que também representavam as fileiras dos grupos nacionalistas em destaque²⁶. A rigor, tratava-se de uma

²⁴ “Nunca fui, não sou, nem serei militarista”, foram as palavras de Olavo Bilac aos estudantes de Direito em 1914, em palestra na Faculdade de Direito do Largo do São Francisco. O poeta especificou os valores militares que aprovava como sendo aqueles tocantes ao disciplinamento e à ordenação moral, valores esses que favoreceriam a formação da nacionalidade e, em outro viés, contribuiriam à hierarquização social. Como registrou Nagle, “[...] faz-se a distinção entre dirigentes e dirigidos; destes se exige a disciplina, a ordem e, daqueles, a condução do país no caminho do engrandecimento.” (1974, p. 46).

²⁵ Busquei algumas aproximações cronológicas desde os marcos registrados nos veículos de informação aqui pesquisados. Verificar as datas supracitadas principalmente em “Jornal **O ALBOR**. Laguna, 1915, 16, 17 e 18. Acervo APL”.

²⁶ Pelo “Partido Republicano Catharinense”, as lideranças lagunenses eram: João Guimarães Pinho, José Maurício dos Santos, Thomaz Pereira Netto, João Guimarães Cabral, Domingos Thomaz Ferreira, João Nunes Netto, Antonio Bessa. Ver PARTIDO Republicano Catharinense. Jornal **O ALBOR**. Laguna, 30.03.1919, nº 798

prática tradicional entre os segmentos locais mais favorecidos a adesão a entidades dessa natureza sociopolítica, algo que também ocorria nas regiões centrais do país. Em seu movimento político-social, as instituições nacionalistas de Laguna difundiam festas, desfiles e eventos afins onde os valores cívico-patrióticos dominavam “rituais de constituição de corpos saudáveis e de mentes e corações disciplinados” garantindo assim certa estabilidade social (CARVALHO, M.; 1989, p. 59). Como em outros espaços brasileiros (NAGLE, 1974, p. 231), também em Laguna foram fundados uma linha de tiro e um grupo escoteiro.

O incentivo à fundação de espaços extra-escolares onde seriam trabalhados os referenciais de nacionalização entre a juventude foi uma das estratégias de ação desenvolvidas pelas sociedades nacionalistas (NASCIMENTO, J. C.; 2008, p. 296) (NAGLE, 1974, p. 44). Em Laguna, houve uma mobilização diferenciada para a criação de espaços complementares à educação escolar durante a Primeira República. Em certo sentido, esse fenômeno também se associa ao contexto local de afirmar-se diante das autoridades regionais e estaduais como um município de grande valor político, matriz brasileira do novo sistema político e centro histórico e cultural. Foi difundindo essas representações da cidade que indivíduos socialmente destacados criaram a primeira linha de tiro do Estado e, posteriormente, uma das primeiras associações escoteiras com extensão e organização de fato no território catarinense.

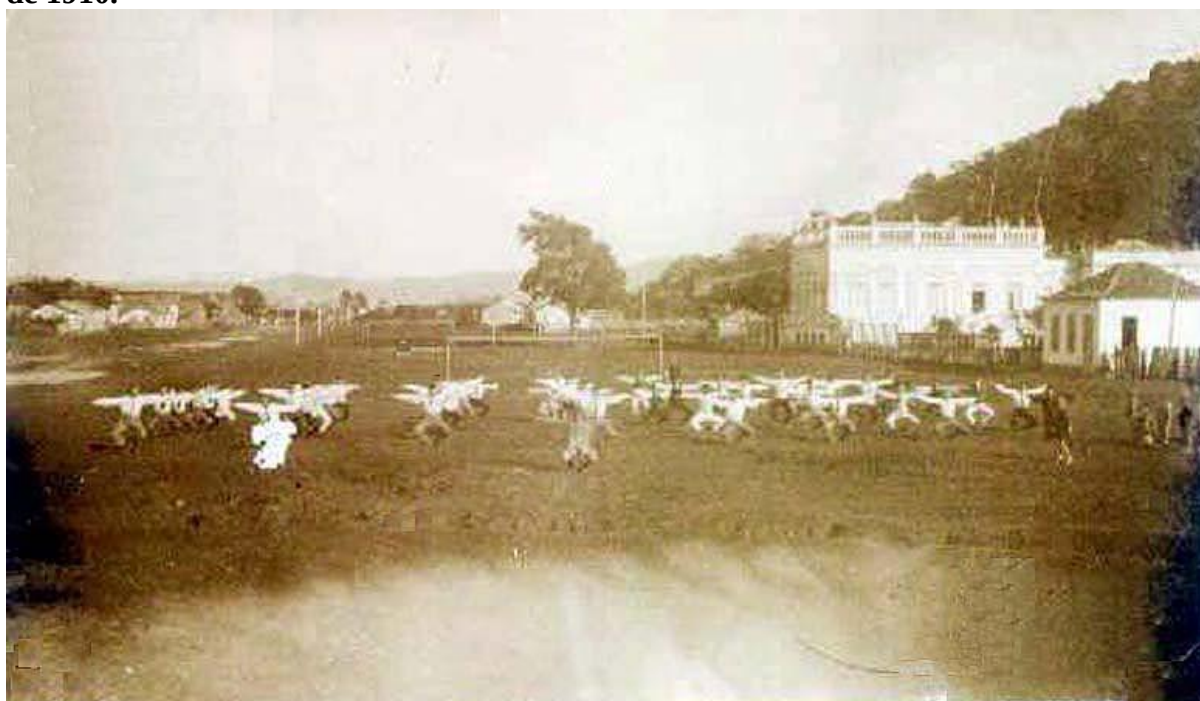
O Tiro de Guerra 137 teria sido fundado em 1896, na cidade de Laguna, e suas atividades ocorreram de modo intermitente ao longo das décadas da primeira metade do século XX²⁷. Em um primeiro momento, instituições como essa foram impulsionadas em 1896, em um contexto de afirmação do regime republicano no país. Nesse ano, foi criada a Confederação Brasileira de Tiro com a função de aproximar o serviço militar da juventude oriunda dos segmentos médios e altos (CARVALHO, J. M.; 2006, 22). Sua atuação inicial acabava por estigmatizar a instituição como elitista e conservadora das desigualdades sociais, sendo veementemente criticada por políticos da primeira década do novo regime em função de sua seleção ali marcada por critérios rigorosos, que acabavam privilegiando os jovens de melhor condição social (BALD; MACHADO; 2009, p. 15). Nesse período as linhas de tiro

(acervo BPESC). Pela dirigência do “Comitê Pró-Pátria”: Presidente – Ismael Ulysséa, Vice-Presidente – Arthur da Silva Teixeira, 1º Secretário – Alexandre Dias da Cunha, 2º Secretário – Amphilóquio Pires, Tesoureiro – João Guimarães Pinho, Orador Oficial – Antônio Guimarães Cabral, Procuradores – Jacob Ulysséa e Luiz S. B. da Trindade, Vogais – Lucas Bainha, Heitor Ulysséa, René Rollin, Ismael Souza, João Guimarães Cabral e Ataliba Rollin. Ver “COMITÉ” Pró-Pátria. Jornal **A TARDE**. Laguna, 26.04.1917, nº 871 (acervo BPESC). Pela “Liga de Defesa Nacional”, os representantes lagunenses eram: Cel. João Guimarães Pinho, Domingos Thomaz Ferreira e Antônio Pinto Varella. Ver A ENTREGA da Bandeira ao 137. Jornal **O ALBOR**. Laguna, 06.01.1918, nº 786 (acervo APL).

²⁷ Orienta-se aqui pela data de criação da canção desse grupo, inscrita no seguinte periódico: Revista **PHENIX**. Florianópolis, anno 1, nº 33, 03.12.1916 (acervo BPESC).

não adquiriram a importância social almejada, sendo poucas e de pouco alcance as associações fundadas, fazendo sobressair o grupo lagunense, sobretudo em uma análise desde o prisma catarinense. Posteriormente, em 1906 e novamente em 1910, a Confederação é reativada por Hermes da Fonseca, então Ministro de Guerra da gestão federal de Afonso Pena. O marechal impulsionou o Exército através de leis que democratizavam o acesso à instituição, o que também contribuiu para uma reformulação dos processos seletivos das linhas de tiro, que passaram a ser controlados pelo Exército em 1910, “para absorver os alistados não incorporados” (CARVALHO, J. M.; 2006, p. 22-23). Com isso, ampliaram-se os “Tiros de Guerra”, juntamente da instrução militar nas escolas secundárias e superiores, chegando ao ano de 1926 com “226 escolas com instrução militar e [...] 677 sociedades de tiro” (IDEM).

Ilustração 2: Tiro de Guerra 137 em treinamento físico. Terreno desconhecido, década de 1910.



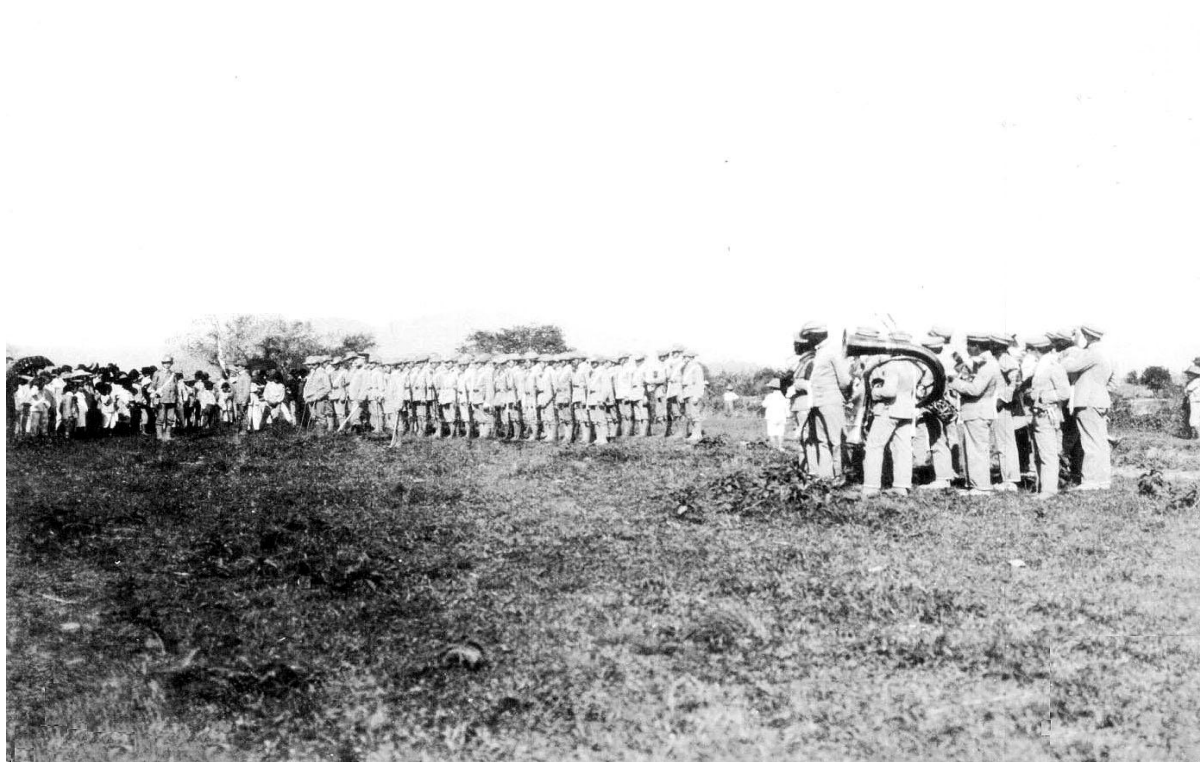
Fonte: Arquivo pessoal Antônio Carlos Marega, historiador lagunense.

Para além de seu caráter subsidiário de uma determinada demanda popular, a saber, as esferas militares representarem formas de inserção social para numerosos jovens desfavorecidos materialmente, inclusive nos dias atuais, vê-se acima um momento de preparação física da juventude no “Tiro 137”. Essa associação também ampliava a formação juvenil pela higiene, transmitindo e fazendo incorporar sob sua esfera as normas de um corpo civilizado (asseado, autocontrolado e, portanto, conveniente às regulações sociais), onde não

fossem identificados excessos. A propósito, essa imagem permite visualizar, de um modo geral,

a auto-imagem de uma época, de um grupo, de uma escola, de um governo, de uma cidade. Permanece[ndo], portanto, para a posteridade aquilo que foi selecionado. Especialmente na década de 1920, quando os custos com as fotografias ainda eram bastante elevados e necessitava de profissionais para que o trabalho fosse executado, a seleção do que devia ficar era ainda mais crítica (OLIVEIRA TAMBARA; AMARAL; 2010, p. 141).

Ilustração 3: Tiro de Guerra 137 em treinamento de marcha. Laguna, década de 1910.



Fonte: Arquivo pessoal Antônio Carlos Marega.

A respeito dessa imagem, que indica um ensaio das evoluções e canções marciais a serem executadas publicamente, fica claro o simbolismo de determinados grupos da sociedade no momento das marchas públicas: a banda musical *Carlos Gomes* e o povo presente, em parte formado por familiares, participariam periféricos no desfile em que o “Tiro de Guerra” lagunense polarizaria as atenções da celebração coletiva, sempre em posição ereta e marcial. Além do seu papel difusor da instrução e do preparo militar, que convertiam-se em duas das bases para a formação da nacionalidade republicana entre 1889 e 1930, o TG137 atuou socialmente em outras frentes. Incorporando os preceitos tradicionais de civismo, realizava durante alguns períodos “o patrulhamento da nossa cidade [Laguna], das 6 da tarde à 1 hora da madrugada, [...] merecendo os máximos encômios pela forma correcta por que o tem

feito²⁸”. Em sua canção oficial estão resumidos alguns dos pilares do nacionalismo então corrente, que transformava o exército em “educador do povo e [...] em aparelho ideológico encarregado de difundir os princípios da ordem e da disciplina.” (HORTA, 1994, p. 14):

Marcha do Tiro 137

Nós soldados da terra d’Annita
Vamos todos p’r’o campo marchar;
Quando um dia o Brazil nos chamar
Saberemos por ele lutar.

Coro

Avante, todos avante,
Brasileiros somos nós!
E no campo da Batalha
Também seremos heróis.

Defendamos a nossa Bandeira
Sem temer uma luta gigante;
O dever nos impõe a coragem
Para a nossa victoria brilhante.

Coro [...]

Na defeza da Pátria querida
Saberemos lutar e vencer;
Nós amamos o nosso Brazil
E por elle queremos morrer.

Coro [...]

Laguna, 05.11.1896. Letra e música de Julio Barreto, enviada pelo diretor da instituição [em 1916], Sr. Amphilochio Nunes Pires²⁹.

A despeito dos traços claramente indicativos de um militarismo bélico, consequência este das exacerbadas pressões exercidas pelos grupos republicanos em prol da defesa nacional em um contexto internacional de “Paz Armada”, a “Marcha” aponta certas prescrições cívico-patrióticas também diluídas em representações escolares. A este respeito, Prochnow destaca a apropriação de elementos marciais nas atividades dos Grupos Escolares catarinenses, sendo ali “as marchas, como exercícios disciplinares, exigidas e praticadas diariamente nas entradas e saídas da sala, com o devido alinhamento e silêncio”. A autora complementa salientando que “o ‘exercício da obediência’ configurava a nova forma disciplinar, modelo transferido do sistema militar ao espaço educacional” (PROCHNOW, 2009, p. 174).

Em linhas gerais, verifica-se certa continuidade entre algumas práticas escolares e a dinâmica social da linha de tiro lagunense, próximo a como ocorreu em São Paulo durante as reformas da instrução pública coordenadas entre 1919 e 1925. O “Tiro 137” participou ativamente do cotidiano comunitário de Laguna, intervindo nos problemas locais, mantendo a

²⁸ Jornal **O ALBOR**. Laguna, 21.10.1917, nº 775 (acervo APL).

²⁹ MARCHA do Tiro 137. Revista **PHENIX**. Florianópolis, anno 1, nº 33, 03 dez. 1916 (acervo BPESC). Apesar de registrar o ano de 1896 como de criação do “Tiro de Guerra” de Laguna, é possível ter havido uma primeira fundação nesse ano e pouco depois a sua desativação.

moral e a ordem, como no caso exposto do patrulhamento noturno. Sua complementaridade à educação escolar se reforçou também através do próprio trabalho do reformador Orestes Guimarães, que fundamentou nas escolas catarinenses “a remodelação educativa no ensino cívico e na língua nacional. Busc[ando-se] ensinar o civismo utilizando um programa sedimentado pelos cantos cívicos, pelo estudo de geografia e história do Brasil e pela educação cívica” (UNGLAUB, 2008, p. 38). A linha de tiro lagunense funcionou de modo inconstante devido às dificuldades materiais advindas do seu caráter comunitário e particular. Dependia excessivamente de doações e do pagamento regular das mensalidades pelos jovens ali treinados. Seu papel social, para além das reservas humanas ao exército, deveria ser o de criar a ligação militar-povo-nação formando uma “consciência nacional” (NAGLE, 1974, p. 45-46), o que foi esboçado de diversas maneiras e em conjunto com outras associações. Algumas destas já citadas, que seriam as sociedades nacionalistas de Laguna. Outro segmento extra-escolar, entretanto, que seria o grande parceiro e, sobretudo, protagonista nas atividades públicas, era a “Escola de Escoteiros de Laguna”. Sua atuação possibilitou maior alcance complementar principalmente por estar direcionada às crianças e adolescentes.

1.3 – O “BATALHÃO DA ESPERANÇA”: INTRODUÇÃO DO ESCOTISMO EM LAGUNA ENTRE 1917 E 1919

Fruto da iniciativa de René Rollin (1881-1918), um funcionário público (coletor de impostos), em 1º de janeiro de 1917 nasceu a Escola de Escoteiros de Laguna (EEL)³⁰. Seus dados ordinários e demais registros administrativos foram tragados pelas contingências próprias dos homens de ontem e dos atuais (REMOR, 2008, entrevista). Parte da história lagunense certamente continuará obscura, possivelmente mergulhada em seu velho cais do porto, onde, segundo a entrevista supracitada, foram jogados esses materiais nos primeiros anos da década de 1970, quando já estava desativada a EEL e sua sede fora ocupada por um banco. Não obstante, os veículos de informação de Laguna e Santa Catarina puderam orientar sobre a configuração desse fenômeno durante o recorte estabelecido.

Segundo algumas matérias, o escotismo lagunense possuía uma “turma de 40 ou 50 incansáveis rapazes” em outubro de 1917³¹, enquanto no contexto de sua primeira paralisação, em janeiro de 1919 contava com “quasi cem creanças”³². Até 1930, esse grupo não estava

³⁰ OS ESCOTEIROS. Jornal **O ALBOR**. Laguna, 06.01.1918, nº 786, p. 2 (APL).

³¹ ESCOTEIROS. Jornal **O ALBOR**. Laguna, 07.10.1917, nº 773, p. 2 (APL).

³² O ESCOTISMO. Jornal **O DEVER**. Laguna, 09.11.1919, nº 69, p. 1 (BPESC).

aberto ao sexo feminino³³, abertura que em outros centros passou a ser debatida um pouco mais tarde, seguindo também a tendência do escotismo internacional, que impulsionou a modalidade feminina em fins da década de 1920 (NASCIMENTO, J. C.; 2008, p. 71-80 e 243-249). A EEL tinha um caráter comunitário e particular, no sentido de que recebia doações individuais ao mesmo tempo em que cobrava uma mensalidade dos jovens ingressos. Portanto, não era formalmente vinculada a instituições públicas, muito embora tivesse o apoio de diversas autoridades do município, conforme algumas situações apresentadas pela imprensa local deixam ver. As relações entre esse estabelecimento extra-escolar e as esferas institucionais da cidade se mostraram constantes, mesmo sem um elo burocrático que as unisse, assim apresentando relações mais complexas, porque diluídas em espaços variados e autorizados do cotidiano lagunense. Sua sede, por exemplo, funcionava no andar térreo da Superintendência Municipal, a partir de 1925³⁴. Entre 1917 e 1919 não há indicações precisas sobre onde ocorriam as reuniões e os exercícios juvenis (ver a ilustração 11, pág. 115).

A essa iniciativa de Rollin, juntaram-se o escrivão da mesa de rendas federais, Álvaro Carneiro, e o diretor do Grupo Escolar Jerônimo Coelho entre 1917 e 1919, Luiz Sanches Bezerra da Trindade. Este se tornaria protagonista da nacionalização do ensino catarinense durante o Estado Novo, enquanto Carneiro representava importante família lagunense, envolvida no comércio e na política local. Rollin tinha a função de instrutor, Trindade era o diretor técnico e eventualmente instrutor, enquanto Carneiro desempenhava funções administrativas, sendo o presidente da EEL. Eram chamados, de acordo com o último, “Bella Trindade”, “Alma forte do Escotismo”, “Luzeiros da Mocidade”, “Pioneiros do Civismo”³⁵. Outros membros de menor atuação, entre 1917 e 1919, eram: Romeu Ulysséa, vice-presidente; Tancredo Pinto, secretário; Octavio Bessa, tesoureiro; Antonio Guimarães Cabral, orador; Lucas Bainha e Octavio Carneiro, “vogaes”³⁶; A estrutura social aí permeada evidenciava uma possível relação entre esse grupo extra-escolar e o critério de distribuição hierárquica no movimento escoteiro então difundido, por indicação da Associação Brasileira dos Escoteiros (ABE)³⁷. Esse critério foi descrito por Rosa F. de Souza (2000, p. 111-113)

³³ IBIDEM, entrevista. Ver também: ESCOTISMO. Jornal **O ALBOR**. Laguna, 23.09.1939, nº 1.811, p. 2 (BPESC).

³⁴ ESCOTISMO. Jornal **A CIDADE**. Laguna, 28.04.1925, nº 29, p. 2 (BPESC).

³⁵ O ESCOTISMO na Laguna. Jornal **O DEVER**. Laguna, 22.12.1918, nº 27 (BPESC).

³⁶ NOTAS Locaes. Jornal **A TARDE**. Laguna, 14.05.1917, nº 885 (BPESC).

³⁷ Sobre a Associação Brasileira de Escoteiros: foi criada em São Paulo por Mário Cardim em 1914. Objetivava organizar o movimento escoteiro no país, tarefa que foi realizada pela UEB, União dos Escoteiros do Brasil, fundada em 1924. A fusão da ABE com a UEB aconteceu apenas em 1928, por intervenção de Robert Baden-Powell. Mais dados factuais sobre a história do escotismo no Brasil, ver NASCIMENTO, J. C.; 2008; <http://www.escotismo.org.br/mensagem.pdf> e http://www.escoteiros.org.br/escotismo/escotismo_no_brasil.php

acerca do escotismo paulista incluído no currículo escolar daquele contexto compreendido entre 1917 e 1925, onde

o escotismo configurava-se como uma associação escolar e civil. Por isso as comissões regionais [paulistas] filiadas à Associação Brasileira de Escoteiros eram centralizadas na Diretoria Geral de Instrução Pública [de São Paulo], composta por um presidente e vice, um secretário e vice e um tesoureiro, todos membros da comunidade, além de um delegado técnico, designado pela Diretoria de Ensino, de preferência o diretor do Grupo Escolar ou um professor, e um instrutor.

A este respeito, é importante observar a aproximação entre o caráter administrativo do escotismo lagunense e as prescrições organizacionais da então maior entidade ordenadora do movimento escoteiro no país, à qual também estava ligada a associação fundada por Rollin (AREÃO, S/D). Os dirigentes de fato atuantes eram aqueles da “Bella Trindade”, ao passo que os demais seriam os representantes de setores mais favorecidos materialmente, sendo a sua autoridade social um fator de legitimidade. O vice-presidente Romeu Ulysséa era procedente da família, talvez, mais renomada de Laguna, ligada ao comércio e proprietária de várias embarcações (BITENCOURT, J. B.; 1997, p. 136-7) sendo ainda irmão de Saul Ulysséa, então presidente do “Tiro 137” entre o final da década de 1910 e o começo da seguinte. O secretário da Escola de Escoteiros, Tancredo Pinto, era funcionário público, o tesoureiro Octavio Bessa era o gerente do Banco Nacional do Comércio, portanto ligado a um cargo público, Antonio G. Cabral provinha de família abastada no município, era funcionário público e orador dos principais eventos em Laguna durante as décadas de 1910, 20 e 30, seu irmão João foi superintendente local e ali representava o Partido Republicano Catarinense. Lucas Bainha era o proprietário do jornal “O Dever”, que circulava na cidade entre 1918 e 1919, foi, ainda, proprietário da revista “O Santelmo”, circulante entre 1921 e 22; por fim Octavio Carneiro era irmão de Álvaro, presidente da EEL, e ambos eram filhos de Antônio Pinto da Costa Carneiro, antigo superintendente municipal e importante personagem da política local nas duas primeiras décadas do novo regime³⁸.

Ilustração 4: Diretoria da EEL à frente e partindo da esquerda, com René Rollin, Álvaro Carneiro e Luiz Trindade, atrás alguns dos escoteiros lagunenses. Laguna, 1917.

³⁸ Agradeço à contribuição do historiador lagunense Antônio Carlos Marega, que me informou sobre alguns desses dados históricos. Essas informações conferem com dados outros que estão nos periódicos citados de Laguna durante a Primeira República.



Fonte: Arquivo pessoal de Antônio Carlos Marega.

Uma formalidade visível permeia essa importante imagem. Os uniformes dos escoteiros correspondem ao modelo de uniforme regulamentado em 1915 pela Associação Brasileira de Escoteiros (vide anexo 4, pág. 130). Necessário salientar o caráter cerimonial que o ato fotográfico significava nesse contexto, uma vez que essa fonte transmitiria às futuras gerações determinada representação das pessoas e de sua comunidade. Nesse sentido, é possível relacionar a forma com que se retratou a diretoria da Escola de Escoteiros de Laguna à outra célebre, da famosa Trindade Parnasiana, dos poetas Olavo Bilac, Raimundo Correia e Alberto de Oliveira, eternizada no Rio de Janeiro. Essas coincidências ou aproximações intencionais do período podem revelar aspectos de grande relevância, pois

a transmissão de elementos do passado ao historiador pela mensagem fotográfica [...] não deveria limitar-se ao âmbito da comunicação pura e simples. É, justamente, a busca da lógica de tais elementos num determinado tempo e espaço que faz com que adquiram um significado que tanto pode informar aspectos materiais [...], quanto revelar uma imagem/monumento: aquilo que, no passado, a sociedade queria perenizar de si mesma para o futuro (CARDOSO; MAUAD; 1997, p. 406-7).

A criação do grupo escoteiro de Laguna, por sua vez, situava-se no contexto de surgimento das primeiras sociedades nacionalistas já mencionadas, fundadas no Rio de Janeiro e em São Paulo, em 1916 e 1917, respectivamente. Essas, a Liga de Defesa Nacional e a Liga Nacionalista do Brasil (ou de São Paulo, como também era conhecida), registravam em seus estatutos o fomento a “associações de escoteiros, linhas de tiro e batalhões patrióticos”, além de outras iniciativas de marca cívica, como sociedades pró-língua nacional

(NASCIMENTO, J. C.; 2008, p. 296). Outrossim, como já apontado na experiência do “Tiro 137”, também a EEL estabeleceu significativo intercâmbio com os grupos nacionalistas da cidade. Segundo as várias matérias aqui estudadas, verifica-se a circulação freqüente dos munícipes mais renomados nessas sociedades de caráter cívico-patriótico, como, por exemplo, as participações de Luiz Trindade e René Rollin, que eram também, respectivamente, um dos “Procuradores” e um dos “Vogaes” do “Comitê Pró-Pátria”³⁹. Nos eventos públicos organizados por essa entidade, alardeados amiúde pela imprensa local, foi recorrente a atuação da Escola de Escoteiros de Laguna, assim como do TG137; todavia, constatou-se um envolvimento mais complexo, onde essa instituição extra-escolar promovia desde o desfile marcial até, por exemplo, a graduação dos escoteiros. A este respeito, é relevante a menção da “Grandiosa Festa Cívica” que celebrava o 13 de maio, dia da assinatura da lei de abolição da escravatura no Brasil. Nessa comemoração, era ressaltada a especificidade com que se representava o escotismo em Laguna, conforme esta investigação pretende compreender e contextualizar por meio das fontes que, sequencialmente, serão trabalhadas. No evento em questão, igualmente marcava presença o “Tiro 282” de Tubarão. Sua presença transmitiria maior importância simbólica à comemoração, onde

puxado pelos Escoteiros e pelas duas bandas musicais, o Tiro 282 desfilou por diversas ruas da cidade e foi debandar em frente ao *Congresso Lagunense*. [...] Em seguida, o 282 formou e foi-se juntar ao 137 e Escoteiros, em frente ao teatro 7 de Setembro. [...] Em poucos momentos ficou organizado o prestito, tendo à frente a Escola de Escoteiros, que conduzia um andor em o qual se via uma bella e significativa allegoria: uma ellipse em sentido longitudinal, um pouco inclinada para traz, toda coberta de flores naturaes, tendo ao centro, preso em filó, o globo que figura na nossa bandeira, serpeado por uma fita com as cores nacionaes, onde se lia “O BRASIL ESPERA QUE CADA UM CUMPRA O SEU DEVER”. [...] Vinham depois as autoridades locais e da vizinha cidade de Tubarão. Logo depois a banda musical *Carlos Gomes* e os dois tiros: o 282 e o 137, a banda musical *União dos Artistas*, e em seguida todas as associações com seus estandartes e bandeiras. Ladeavam esse grande cortejo, os alumnos do Grupo Escolar, Escola Complementar e collegio *Stella Maris*. [...] ⁴⁰

Em Santa Catarina, durante o período estudado, “o caráter nacionalista e o compromisso de moldar a alma brasileira, questão central da disciplina [de História], foram, assim como aponta o *Regimento dos Grupos Escolares de 1914*, amplamente explorados em sala de aula”⁴¹. A Escola de Escoteiros de Laguna, desde sua fundação, participou diretamente dessa construção simbólica, tendo atuado em sintonia com as representações nacionalistas

³⁹ “COMITÉ” Pró-Pátria. Jornal **A TARDE**. Laguna, 26.04.1917, nº 871, p. 2 (BPESC).

⁴⁰ A GRANDIOSA festa cívica promovida pelo “Comitê” Pró-Pátria. Jornal **A TARDE**. Laguna, 14.05.1917, nº 885, p. 1 (BPESC).

⁴¹ SANTA CATARINA. Regimento Interno dos Grupos Escolares do Estado de S. Catharina. Joinville: Typ. Boehm, 1914 apud MACHADO, 2007, p. 111.

então circulantes nos principais centros do país e que podem ser ilustradas nas associações lideradas por Bilac e Sampaio Dória, além das localizadas no próprio espaço lagunense. O “Comitê Pró-Pátria”, nesse sentido, foi transparente quando de sua criação, registrando como objetivos próprios “tratar de festas cívicas e de todo o meio de propaganda em favor do nosso paiz”⁴². A este respeito, EEL, “Tiro 137”, “Comitê Pró-Pátria” e “Liga de Defesa Nacional (com sede em Laguna)” evidenciavam, em linhas gerais, certa disposição cultural que relacionava algumas tendências do imaginário em curso: em um plano, “[evidenciavam] as práticas que visam fazer reconhecer uma identidade social, exibir uma maneira própria de estar no mundo, significar simbolicamente um estatuto e uma posição”. Em outro ponto, a aproximação entre as representações e as práticas culturais salientava “formas institucionalizadas e objetivadas graças às quais uns ‘representantes’ (instâncias coletivas ou pessoas singulares) marcam de forma visível e perpetuada a existência do grupo, da classe ou da comunidade” (CHARTIER, 1990, p. 23).

O escotismo lagunense, principalmente em sua atividade durante a Primeira República, conviveu com as experiências de escolarização do movimento em outros Estados. Essa apropriação, a rigor, inspirou Jorge Carvalho do Nascimento (2008) a reabilitar a imagem badeniana no Brasil hodierno, onde essa instituição ficou estigmatizada pelos usos e adaptações de grupos políticos e sociais em geral. Esse autor analisa a configuração das “culturas escoteiras”, como uma categoria que estabelece condições para identificar as distintas formas de incorporação do movimento fundado por Baden-Powell. Este, avalia aquele autor, foi empregado e/ou repudiado por nacionalistas, internacionalistas, católicos, comunistas, fascistas, nazistas, integralistas, etc. Assim disposto,

o movimento escoteiro gestou diferentes culturas escoteiras, algumas delas razoavelmente distanciadas do projeto concebido pelo general Baden-Powell. Assim, da mesma maneira que Viñao Frago fala de culturas escolares, é razoável afirmar-se a existência de culturas escoteiras, no plural, para distinguir os modos através dos quais o Escotismo foi apropriado. O conceito de culturas escoteiras, portanto, diz respeito a um conjunto de teorias, idéias, princípios, normas, pautas, rituais, inércias, hábitos e práticas. Formas de fazer e pensar, mentalidades e comportamentos sedimentados sob a forma de tradições, regularidades, regras do jogo, tal como observado em relação às culturas escolares (NASCIMENTO, J. C.; 2008, p. 10).

Para a Liga de Defesa Nacional, por exemplo, “a dinâmica do Movimento Escoteiro estava relacionada com as artes marciais. Daí o incentivo da Liga à criação de *associações de escoteiros*. A Associação Brasileira de Escoteiros, de São Paulo, recebeu grande apoio da

⁴² “COMITÉ” Pró-Pátria. Jornal **A TARDE**. Laguna, 24.04.1917, nº 869 (BPESC).

Liga de Defesa Nacional” (NASCIMENTO, A.; 2004, p. 63). No caso do escotismo escolar paulista, o movimento “foi compreendido como ‘os exercícios, tanto quanto possível militares, para melhor desenvolvimento físico dos alunos e também o conhecimento das máximas cívicas para o seu melhor aproveitamento moral’⁴³”. Nesse compasso, busca-se nas representações gerais e nas atividades do escotismo lagunense as suas tendências de atuação, refletindo principalmente os vestígios do jornalismo local nas fases de funcionamento do grupo criado por Rollin em 1917. A este respeito, uma matéria que ilustrava a concepção jornalística do escotismo em Laguna como uma extensão educacional de caráter cívico-militar registrava:

fez um anno, a 1º do corrente, que a esperançosa juventude da Escola de Escoteiros da Laguna, cheia de fé e de entusiasmo, se uniformisou pela primeira vez. Commemorando essa gratissima data, que não podia nem devia passar despercebida, os sympathicos soldados do BATALHÃO DA ESPERANÇA, na phrase feliz de Diniz Junior, fizeram, armados e equipados, uma passeata pelas ruas da cidade, indo depois estacionar no Jardim Calheiros da Graça, onde Luiz Trindade, Antonio Guimarães Cabral e Alvaro Carneiro lhes dirigiram a palavra inspirada e os exhortavam ao Dever e ao Patriotismo. Em seguida foi cantado o Hymno Nacional, pondo-se, logo após, a Escola em marcha, ao som da Canção dos Escoteiros Lagunenses, mimosa letra de Alvaro Carneiro, adaptada ao dobrado do capitão Cassulo. De regresso ao ponto de partida, os Escoteiros, cuja passagem era saudada com salvas de palmas e entusiasticos vivas, foram acompanhados por um numeroso grupo de gentis senhoritas, que continuamente os aclamava, demonstrando assim a exuberancia de patriotismo e a soberana grandeza da alma da mulher lagunense. Apresentando os nossos sinceros parabens a essa pleiade de jovens, que são os homens de amanhã e os futuros e dedicados defensores desta grande Patria, pelo admiravel progresso que apresenta em tão curto espaço de tempo e que a torna credora de unanimes sympathias e de geraes applausos, seriamos ingratos e injustos se não levassemos tambem os nossos elogios a essa trindade patriotica e infatigavel que tanto se esforça pelo desenvolvimento do escotismo entre nós e que se compõe de René Rollin, Luiz Trindade e Alvaro Carneiro. Ao primeiro cabe uma grande porção dos louros conquistados, pois foi elle quem fundou em S. Catharina a primeira Escola de Escoteiros e por ella sempre se bateu denodadamente. O segundo – organização de ferro, insensível á fadiga – continuou, desenvolveu e completou a obra do fundador, cedendo á Escola toda a sua força, bondade, energia e competencia de soldado e de educador. O ultimo – a alma forte da Comissão Regional – deu-lhe todo o poder da sua enorme e inquebrantavel vontade, e, se ao seu esforço deve-se o material de que a Escola actualmente dispõe, á sua tenacidade dever-se-á, muito breve, talvez, a aquisição de aparelhos gymnasticos e a construcção da caserna, para cujo fim continua angariando donativos e pretende organizar kermesses.

Aos garbosos Escoteiros e aos seus esforçados directores, todos os applausos d’O ALBOR⁴⁴.

Chamam a atenção, inicialmente, algumas definições sobre a EEL, definições essas que se repetem com frequência nos periódicos lagunenses e são reveladoras da concepção que esses meios tinham do escotismo. Assim mesmo, esse grupo era ligado ao “Dever” e ao

⁴³ Regulamento para o Escotismo no Estado de São Paulo (Decreto 3.531, de 22/11/1922) apud SOUZA, 2000, p. 113.

⁴⁴ OS ESCOTEIROS. Jornal **O ALBOR**. Laguna, 06.01.1918, nº 786 (APL).

“Patriotismo”, segundo teriam enunciado o seu orador e o seu presidente, juntamente da execução do Hino Nacional e do desfile em marcha pelo centro da cidade. Do mesmo modo, os escoteiros locais seriam “os homens de amanhã e os futuros e dedicados defensores desta grande Pátria” que então comemoravam um evento incomum, visto que particular, embora suas participações festivas e nos desfiles municipais ocorressem mais nos eventos públicos de caráter nacional. Mais que escoteiros, a juventude da EEL representava “soldados do BATALHÃO DA ESPERANÇA”, conforme a própria matéria avultava, em uma definição simbólica que manifestava ao mesmo tempo uma assimilação de cunho militar desse segmento educacional e uma perspectiva que promovia o jovem membro do grupo escoteiro à função modelar do imaginário republicano. Outrossim, o tom militarista repetiu-se em outras matérias. A atuação jornalística desse período, ainda, teve fundamental papel “pedagógico”, influenciando os hábitos e caracterizando o novo sistema político. A imprensa catarinense, nessa consideração, estava “inserida num imaginário que valorizava o progresso técnico e o avanço social, [e] suas concepções ratificaram um tempo linear, ascendente e irreversível, presentes nas doutrinas do liberalismo econômico e do positivismo” (NECKEL, 2003, p. 55).

Mesmo que essas representações culturais produzidas entre escritores renomados e/ou entre profissionais da imprensa durante a Primeira República revelassem o seu protagonismo político no contexto, é preciso salientar, de modo geral, entre a representação proposta e o sentido construído as possibilidades de desacordo, como também identificar a distância entre os referenciais enunciados e a realidade que estes não podem dissimular (CHARTIER, 1990, p. 178). A este respeito, são relevantes as pesquisas já mencionadas acerca da apropriação do escotismo em outros Estados, uma vez que revelam certa tendência sociocultural também sinalizada nas práticas da Escola de Escoteiros de Laguna e nas representações procedentes da atividade jornalística e de entidades catarinenses como o Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina e a Associação Catarinense de Letras, esta fundada em 1924⁴⁵. Afirmava, então, o presidente da EEL uma posição harmônica aos discursos dos novos grupos políticos dominantes, em sua tendência republicano-positivista. Para ele, o escotismo fundamentava-se principalmente na relação entre uma espécie de civismo⁴⁶ com conotação muito próxima de

⁴⁵ Anteriormente fundada como Sociedade Catarinense de Letras, em 1920. NECKEL, 2003, p. 42.

⁴⁶ Na escolarização investigada em São Paulo também foi identificada certa apropriação da transmissão cívica: “A escola de civismo deveria garantir a unidade política do país inculcando ‘em todas as crianças brasileiras idéias e sentimentos necessários à própria existência da nacionalidade’.” Lourenço Filho citado por CARVALHO, M.; 1989, p. 65-66. Jorge Carvalho do Nascimento, contudo, indica que o significado da obediência no escotismo conforme Baden-Powell diz respeito a uma consciência do bem-comum e do interesse geral, em detrimento de qualquer convivência prévia com determinado grupo político ou governo instituído (2008, p. 129-130).

obediência e outras bases do nacionalismo corrente nas primeiras décadas do novo regime. Álvaro Carneiro se pronunciou durante a festa para a graduação dos escoteiros:

[...] conferindo a alguns dos vossos camaradas graduações de commando, eu procedi em obediência ás injuncções do coração e consciência: - ás injuncções do coração, porque vos amo, vos admiro e ambiciono a pujante prosperidade da Escola de Escoteiros, para a qual vão poderosamente contribuir, estou certo, os postos agora introduzidos; ás injuncções da consciência, porque, na impossibilidade de promover-vos a todos, eu escolhi, dentre vós, aquelles que mais se distinguiram pela disciplina, pela competência, pela assiduidade aos exercícios, pela resistência demonstrada em vários raids e pelo valor pessoal e technico. Commetti um acto de verdadeira justiça, ditado pela consciência e applaudido pelo coração. Os meus votos são que elle influa poderosamente no vosso espírito e a todos anime á conquista de um premio que tanto mais vos ennobrecerá quanto mais nobremente o merecerdes.

[...] Sêde bons Escoteiros, pois que o programma do Escotismo é o programma de redempção de um povo. Cumpri sempre os vossos deveres de Brasileiros, quer nos dias venturosos da paz, quer nos dias tristes, mas gloriosos, da guerra. Respeitai o pavilhão augusto da nossa Patria. Amai esse pedaço de panno – panno ideal – panno sagrado – coisa material e espiritual, inanimada e animada [...]. Um homem, embora seja um ser extraordinário como Bilac, representa o presente, é quasi o passado, porque se aproxima do fim. A criança symbolisa o futuro – é a vida; é o entusiasmo, é a esperança, é a força que vai surgir da vontade educada. Bilac foi a semente – a grande semente germinadora. Os Escoteiros são o fructo que a Patria bemdirá. Hoje, compõem o Batalhão da Esperança. Amanhã, serão os defensores de um Brazil cada vez mais forte, mais poderoso e respeitado; serão os patriotas conscientes dos seus deveres que jamais ouvirão o epitheto – covardes -, com que o heroísmo de Annita Garibaldi vergastou, há 78 annos, alguns marinheiros do “Seival”; serão os bravos que, rompendo as trevas densas do fumo das metralhas, marcharão, se preciso fôr, para os campos da batalha, fazendo ecoar no espaço as notas vibrantes do Hymno Nacional e bradando com orgulho e entusiasmo: Viva o Brazil!⁴⁷

O contexto em que fora pronunciado o discurso de Carneiro tinha relação com a Grande Guerra então em fase final na Europa. O dirigente escoteiro estruturou seu raciocínio através da perspectiva tradicional em que haveria uma contradição entre emoção e razão, muito embora tenha buscado um equilíbrio nesse antagonismo. Por outro lado, Lúcia L. de Oliveira afirma que “a glorificação do instinto, a superioridade do julgamento emocional sobre o racional constituíram o arcabouço do pensamento nacionalista [final XIX e início do XX, na França], garantindo-lhe um componente de ideologia de massas” (1990, p. 68). A superação dessa contradição, segundo Carneiro, viria na esteira de uma formação do caráter em complementação ao processo escolar tradicional, onde determinados valores e conhecimentos seriam transmitidos, mas dificilmente incorporados entre os muros da escola. Para isso, seria necessária uma educação auxiliar, engendrada em formas de autocontrole e de valorização da nacionalidade prescrita. As práticas sociais do “Batalhão da Esperança” e a produção de discursos relacionados à sua atividade estiveram significativamente conectadas

⁴⁷ A FESTA dos Escoteiros. Jornal **A NOTA**. Laguna, 26.07.1917, nº 4 (BPESC).

às experiências públicas e aos debates intelectuais e políticos da Primeira República. Outrossim, a fala pública do dirigente escoteiro se relacionava com os objetivos da Associação Brasileira de Escoteiros, que em seus estatutos e regulamentos visava:

- 1º- Eugenia, na parte referente à educação física, à saúde, ao vigor e à destreza das gerações novas, homens e mulheres;
- 2º- Civismo, não apenas reduzido a ensinamentos cívicos, mas o hábito de realizar os deveres cívicos, mercê das convicções adquiridas;
- 3º- Inteligência, isto é, o desenvolvimento de algumas das mais notáveis qualidades intelectuais, a urgência, a logicidade, a divisão pronta;
- 4º- Caráter, considerado como o hábito adquirido pela prática sistemática da bondade, em casos concretos, dia a dia, como o horror à mentira e correlato amor à verdade, à pontualidade⁴⁸.

Graduar os jovens ingressos no escotismo, com efeito, faz parte da dinâmica original do movimento conforme seu fundador. Todavia, ao promover uma grande celebração pública acompanhada dos procedimentos internos de distinção a EEL alterava parcialmente os propósitos desses mecanismos escoteiros com vistas a veicular socialmente determinado modelo de civilidade. Para Baczko, a relação entre os mecanismos de circulação e apropriação de modelos culturais é compreensível na medida em que “ao produzir um sistema de representações que ao mesmo tempo traduz e legitima a sua ordem, qualquer sociedade instala também ‘guardiães’ do sistema, que dispõem de uma certa técnica de manejo das representações e símbolos” (BACZKO, 1984, p. 299). Alguns meses antes do discurso emblemático de Álvaro Carneiro, o movimento escoteiro nacional fora laureado pelo então Presidente Wenceslau Brás, que em 11 de junho de 1917 sancionava o decreto nº 3297, que no artigo 1º estabelecia: - “São consideradas de utilidade pública, para todos os efeitos, as associações brasileiras de escoteiros com sede no país” (NASCIMENTO, J. C.; 2008, p. 272).

Outro fator de representação desse grupo extra-escolar lagunense foi a sua atuação constante ao lado do TG137. Segundo jornais e revistas de Laguna, foram promovidas diversas atividades em conjunto entre as duas instituições, algo próximo do que também ocorria na experiência escolarizada de São Paulo nos primeiros anos da década de 1920 (NERY; PINTASSILGO; 2007, p. 5). Dessa forma, encontrava-se o instrutor e fundador do “Batalhão da Esperança”, René Rollin, como “Director de Tiro” pela linha “137” lagunense em junho de 1917⁴⁹. Também fundamental para o entendimento desse processo eram as chamadas para exercícios conjuntos e os comunicados públicos de exclusão por ausências sem justificativa registrados pelos periódicos municipais. Nesse sentido, estão destacados

⁴⁸ CAMPOS, P. D. Estatutos e regulamentos. Associação Brasileira de Escoteiros. São Paulo: Typ. Pasquino, 1922 (Série Biblioteca do Escoteiro) apud SOUZA, 2000, p. 110.

⁴⁹ TIRO 137. Jornal **A TARDE**. Laguna, 09.06.1917, nº 908, p. 2 (BPESC).

primeiro os registros jornalísticos relativos à exclusão de alguns escoteiros e, depois, o anúncio da simulação de um combate entre o “Tiro 137” e a Escola de Escoteiros da cidade:

MILITARES

Da Commissao Regional de Escoteiros, desta cidade, foi excluído o escoteiro n. 32 por falta de comparecimento aos exercicios⁵⁰.

TIRO 137

O nosso brioso Tiro fará hoje um combate simulado, auxiliando-o com os seus serviços, uma turma da Escola de Escoteiros⁵¹.

Nos desfiles cívico-escolares, também estavam entrosadas as duas instituições lagunenses, consoante as fontes registram. As principais características dessa atuação em desfile eram geralmente associadas a uma estética cívico-militar na qual a sociedade municipal estaria participante e conforme. A este respeito, tem destaque a representação um dos eventos públicos nos quais ambos os grupos foram valorizados através de seus aspectos marciais:

n'um desfilar alinhado e bem perfilados, percorreram domingo ultimo pelas ruas da cidade, os sympathicos atiradores do 137 e a correcta Escola de Escoteiros. Puxando os atiradores marchava á frente a banda musical *Carlos Gomes*, que á passos certos e cadenciados, executava a entusiasta e alegre marcha do Tiro. Em seguida, via se a *União dos Artistas*, com o mesmo porte altivo de uma banda arregimentada, puxando os Escoteiros, numerosos defensores desta grande Patria brasileira. E assim, em harmonica passeata, sempre acompanhados por grande numero de admiradores, desfilaram emfim, até á praça Duque de Caxias, no Magalhães, onde o som estridente da corneta fez se ouvir, dando o signal alto. Uma vêz alli, erectos e firmes, obedecendo todos a um alinhamento impecavel, surge á frente a figura sympathica do nosso intelligente patricio Antonio G. Cabral, que elevado pelos seus verdadeiros sentimentos altruisticos, de um patriotismo arraigado e inconfundivel, dirige-lhes a palavra facil e clara, concitando os a amarem com carinho e sinceridade, a esta Patria, admirada por todos e por todos invejada. Ao terminar o intelligente orador, foi vivamente aclamado, notando-se pelos olhares tanto dos atiradores como dos pequenos Escoteiros, a alegria que lhes hia n'alma, causada pelas palavras fluentes do orador. A' todos, atiradores e Escoteiros bem como ao competente instructor do Tiro, sargento Martins e muito especialmente ao esforçado sr. Luiz Trindade, pelo muito que tem feito pelos Escoteiros, os nossos parabens⁵².

Ainda que as linhas de tiro e os grupos escoteiros criados durante a Primeira República tivessem significativas relações e, muitas vezes, compartilhassem instrutores e dirigentes, como nas experiências paulistas protagonizadas por Sampaio Dória e Guilherme Kuhlmann (ver GABRIEL, 2003), são estruturais as diferenças entre essas instituições. Os “Tiros de Guerra” não atendiam às prescrições pedagógicas do escotismo, além de serem exclusivos para os jovens acima de 16 anos das escolas normais, ginásios e escolas profissionais (NASCIMENTO, J. C.; 2008, p. 281) (SOUZA, 2000, p. 112). Outrossim, seria um segmento

⁵⁰ MILITARES. Jornal **A TARDE**. Laguna, 17.04.1917, nº 863, p. 2 (BPESC).

⁵¹ TIRO 137. Jornal **O ALBOR**. Laguna, 11.11.1917, nº 778, p. 2 (APL). Ver também a ilustração 12, na p. 114.

⁵² TIRO 137 e Escola de Escoteiros. Jornal **O ALBOR**. Laguna, 26.08.1917, nº 767, p. 1 (APL).

marcial (instrução e treinamento militares) em suas bases de criação, ao passo que no movimento fundado por Baden-Powell há uma crítica contundente no tocante às adaptações que levassem seus adeptos a reproduzir marchas, ordens e um comportamento militarizado⁵³. Assim disposto, é possível afirmar que as tentativas de adaptar as finalidades do escotismo correspondiam mais “a um projeto das elites sociais brasileiras, e não do movimento badeniano” (NASCIMENTO, J. C.; 2008, p. 273). Também no decorrer das primeiras décadas do século XX houve apropriações de cunho militarista desse movimento em outros países, como afirmam J. C. Nascimento (2008, p. 273-4) com relação à França e Scharagrodsky (2008) no que se refere ao escotismo argentino. Segundo Adalson Nascimento,

de forma geral, o Movimento [Escoteiro] apresentou características bastante evidentes de formação pré-militar. [...] algumas atividades desenvolvidas (marchas e evoluções durante cerimônias cívicas e acampamentos) e o uniforme denunciam aspectos militares. Além disso, o ideal de formação valorizava a hierarquia, a disciplina, a ordem e uma rígida moral, características das instituições militares (2004, p. 100-101).

Em vista desse panorama, é preciso afirmar que, não obstante ter sido concebida por um militar inglês, essa associação se constituiu mediante propósitos de formação civil e que, nessa direção, “é interessante observar como foi concebido o militarismo, tanto no movimento escoteiro, como pelos educadores que se empenharam na implementação da atividade no Brasil” (GABRIEL, 2003, p. 84).

Ilustração 5: Desfile cívico onde o “Tiro 137” se posiciona lateralmente, em postura marcial, e a Escola de Escoteiros de Laguna ocupa lugar mais à frente com seus tambores e fanfarras, próximos das autoridades que centralizam o evento público. Laguna, centro da cidade, 1918.

⁵³ “As tentativas de militarização da infância por meio do Escotismo escolar, onde ocorreu, constituíram um processo polêmico e conflituoso. Robert Baden-Powell nunca admitiu que seu projeto militarizasse a infância. Em várias oportunidades [...] ele se manifestou claramente contra essa militarização. Mesmo antes de fundar o movimento escoteiro, era conhecida a sua crítica ao *Boys Brigade*, um movimento escocês que oferecia educação militar aos meninos” (NASCIMENTO, J. C.; 2008, p. 276).



Fonte: Arquivo pessoal de Antônio Carlos Marega.

Na ilustração acima, revela-se a fotografia como representação, como discurso que é, transmitindo uma pluralidade de comportamentos e lugares sociais nos desfiles públicos de comemoração às datas instituidoras das tradições republicanas. Nesse sentido, Marta M. C. de Carvalho afirma que nesses eventos específicos eram manifestados diversos recursos simbólicos de função normatizadora, onde determinados espaços “sociais têm sua configuração delineada idealmente, de modo que neles possam ser situados os indivíduos particulares, como adequação a um tipo, e de modo que outros lugares – como a rua ou o botequim, por exemplo – sejam expurgados de representação” (1989, p. 79-80). Tanto era modelar o papel do escoteiro e do atirador em Laguna que a ambos foram associados referenciais de modernidade em contrapartida ao debate simbólico que depreciava as populações litorâneas em Santa Catarina quando das primeiras décadas de República. Sobre a questão, um periódico local afirmava que

não somos um povo decadente como muita gente julga, por ver uma grande parte da população que habita o nosso extenso littoral, enfraquecida pela anquilostomíase e pelas febres, formando um longo contingente dos analphabetos. Nem a nossa população consiste somente em indivíduos doentes e analphabetos. Em todas as cidades e villas do Brasil, ha em maior ou menor porcentagem, um numero de indivíduos cheios de civismo, promptos a sacrificar a vida em defesa da nação. Laguna, por exemplo, de há muito que tem a sua linha de Tiro, Confederada, e a sua Escola de Escoteiros. Agora, com a previsão de uma guerra, appareceram novos voluntários para a linha de tiro e isso vem corroborar a idéa que tínhamos dos nossos patrícios. Nem podia ser para menos. Os filhos da heróica Juliana, nunca desmintirão as tradições históricas da terra de Jeronymo Coelho. Nem os lagunenses podem fugir de onde a heroína Annita Garibaldi, arriscando a vida, afrontou, com denodo, o inimigo. Esperamos ainda muito mais desse povo, que é o nosso povo

brasileiro. Temos a nossa historia repleta de brilhantes feitos, cujo brilho servirá de pharol aos que se atirarem em defesa da Pátria Brasileira, que ao lado de seus filhos acolheu e enriqueceu o estrangeiro que aqui veio encontrar o que a sua ingrata mãe pátria lhe negou. [...]

Si há meia dúzia de tolos, filhos ou netos de allemães que se julgam também allemães, em compensação temos um grande numero de moços ardentes de patriotismo, que se orgulha de ser bons brasileiros. [...] ⁵⁴.

Como já indicado nas primeiras páginas deste capítulo, Laguna alimentava (e ainda alimenta, porém em outra escala) certa peculiaridade com relação à memória pública. Não apenas em seu espaço, como também em Santa Catarina a discussão em torno de uma identidade estadual provocou diversas tensões entre os escritores, intelectuais e políticos, mormente junto dos que atuavam no Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina e na Academia Catarinense de Letras (UNGLAUB, 2008, p. 70). Essa discussão perpassou desde a primeira década do novo regime até, pelo menos, os anos de 1940 com significativa intensidade, haja vista os descendentes italianos e, principalmente, alemães estarem em uma posição de destaque econômico e político no panorama estadual. Laguna, conforme as pesquisas citadas de João Bitencourt, defendeu sua imagem por meio de dispositivos simbólicos relacionados à sua história (BITENCOURT, J. B.; 2002, p. 39), como bem aparece nos registros do periódico acima. No período de afirmação do regime republicano e de suas referências culturais, esse município representava, de seu modo, os próprios primórdios do sentimento republicano, sentimento que estaria identificado na evocação da efêmera “República Juliana”, declarada pelos Farroupilhas liderados por Giuseppe Garibaldi em 1839.

No mais, a citação que discute o antagonismo “imigrante-laborioso x litorâneo-indolente” concluía sua defesa das capacidades e do nacionalismo do litorâneo inserindo uma pequena passagem do “Hymno dos Escoteiros Lagunenses”, escrito por Álvaro Carneiro ⁵⁵. Diz: “Somos a forte esperança/ Que não se cança/ E tudo alcança [...]/ Nós somos os escoteiros/ Bons brasileiros, entre os primeiros [...]/ E sem tremer, sem fugir,/ O nosso dever vamos cumprir [...]”. Além de seus atributos formais, como uniformes, postura marcial (nesse contexto de representação nacionalista), o escoteiro lagunense também polarizava as construções simbólicas locais através da guarda da bandeira nas solenidades institucionais e das demonstrações musicais lembradas até hoje na cidade. Estes promoviam exhibições do bom condicionamento físico e de habilidades específicas, como nas ilustrações a seguir:

⁵⁴ O NOSSO Civismo. Jornal **A TARDE**. Laguna, 18.04.1917, nº 864, p. 2 (BPESC).

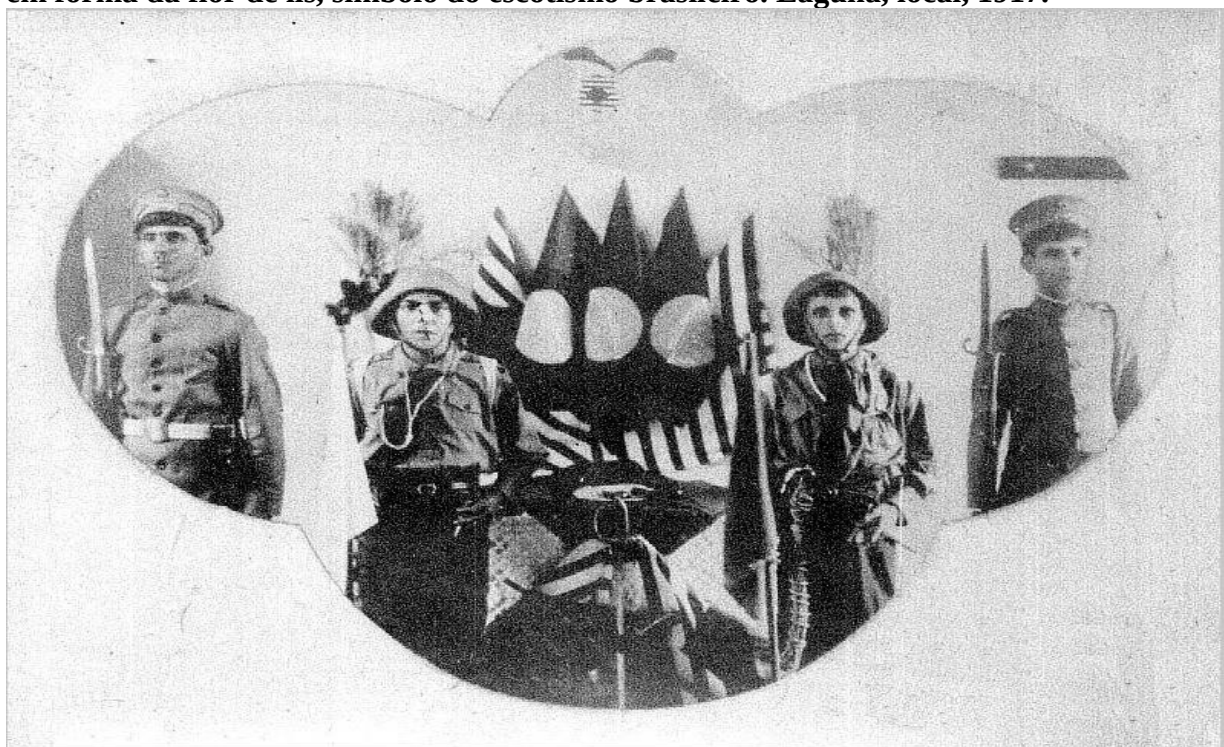
⁵⁵ O ESCOTISMO. Jornal **O DEVER**. Laguna, 09.11.1919, nº 69, p. 1 (BPESC); DE VEZ em quando. Revista **O SANTELMO**. Laguna, 1922 (APL). Infelizmente a versão completa foi perdida juntamente com os documentos administrativos do grupo. Foi possível, entretanto, reunir alguns fragmentos, entre os quais o refrão, acima-registrado.

Ilustração 6: Escoteiros lagunenses formando pirâmide em frente à sua sede (inaugurada em 1925). Laguna, data desconhecida.



Fonte: Arquivo pessoal de A. C. Marega.

Ilustração 7: Atiradores do grupo “137” nas pontas e escoteiros centralizados, imagem em forma da flor de lis, símbolo do escotismo brasileiro. Laguna, local, 1917.



Fonte: Arquivo pessoal de A. C. Marega.

É preciso compreender as imagens como documentos que são construídos, que possuem certa intencionalidade, que tem, portanto, o caráter monumental próprio das fontes mediadas: quer perpetuar uma determinada recordação. Na ilustração seis, onde formavam a tradicional pirâmide escoteira, há a projeção dos signos de higiene tão constantes nas representações discursivas em geral da Primeira República. Em Laguna, os jornais veiculavam reiteradamente sobre o grupo escoteiro as virtudes republicano-sociais que deveriam orientar a população lagunense, na mesma direção dos Estados centrais brasileiros. Nesse sentido, é um tanto revelador o fato de destacar amiúde o papel dos escoteiros nos eventos públicos e ofuscar, de certa maneira, os estudantes do Grupo Escolar, Escola Complementar e Colégio “Stella Maris”, além dos próprios atiradores, que também empregavam uma série de símbolos e rituais nas celebrações municipais. Quem guardava as bandeiras do Estado e do Brasil, em primeiro lugar, eram os jovens da EEL, como na ilustração sete, condição que os aproximava das prescrições para o escotismo escolar paulista, nesse mesmo contexto, onde “o regulamento instituiu o escotismo como emblema de formação cívica ao determinar que os escoteiros tivessem lugares reservados nas festas escolares, além de preferência para fazer a guarda da bandeira” (GABRIEL, 2003, p. 81).

Contudo, destaca-se que embora exercesse uma função pedagógica fundamental para a normalização de condutas e a uniformização de valores culturais, a imprensa da época, ainda mais em Laguna, cidade de economia frágil desde ao longo do século XX, não fugia a uma questão essencial dos mecanismos de circulação e apropriação de modelos simbólicos: a tensão, de um modo geral, “entre as modalidades do fazer crer e as formas de crença” (CARVALHO, F. A. L.; 2005, p. 154). Em um artigo de janeiro de 1917, logo primeiro mês de atividade do “Batalhão da Esperança”, foi repercutida uma defesa da instituição contra certa “resistência” promovida por um munícipe enquanto os jovens se exercitavam publicamente:

Escola de Escoteiros – Fez exercício, hontem realizando um *raid* de quase dois kilometros. Hoje, entre outros exercícios, fará o de *football*. Amanhã, depois da gymnastica fará um *raid* de dois kilometros, em torno do Jardim.

Admiradores sinceros dessa corporação infantil, ficámos chocados ao vermos pessoas que nos merecem uma certa consideração, incitar as creanças a correrem ou atirando um caixote á passagem dos meninos, não se lembrando, talvez, que aquelle caixote podia attingir o próprio filho, que é também escoteiro. Franqueza, tudo isso é muito feio, e aquellas creanças devem ser respeitadas. Sejamos mais polidos, que já é tempo!⁵⁶

⁵⁶ MILITARES. Jornal **A TARDE**. Laguna, 17.01.1917, nº 788, p. 2 (BPESC).

As representações coletivas oriundas das disputas políticas em torno do imaginário republicano se relacionavam ao caso do indivíduo citado no periódico. Mais que um eventual desrespeito, daqueles sempre possíveis e ordinários, é preciso contextualizar mesmo a ignorância, pois os escoteiros ainda não tinham o alcance simbólico que cultivariam após o primeiro ano de atividade. Nessa ocorrência, percebe-se não haver transcorrido sequer um mês de atuação da EEL. A respeito da construção discursiva em torno dos jovens do grupo fundado por René Rollin, identifica-se que “o imaginário, apesar de manipulável, necessita, para criar raízes, de uma comunidade de imaginação, de uma comunidade de sentido. Símbolos, alegorias, mitos só criam raízes quando há terreno social e cultural no qual se alimentarem”. Outrossim, “na ausência de tal base, a tentativa de criá-los, de manipulá-los, de utilizá-los como elementos de legitimação, cai no vazio, quando não no ridículo” (CARVALHO, J. M.; 1990, p. 89). Adalson Nascimento, por sua vez, registra que “farta documentação do período [1910-1945] denuncia as preocupações dos dirigentes [escoteiros] em combater a visão popular que enxergava os escoteiros como *soldadinhos de cabo de vassoura*” (2004, p. 103). Como não foram encontrados outros registros de resistência aos “Soldados do Batalhão da Esperança” até 1960, inclusive, é possível que esse tipo de atitude tenha se diluído, de forma a se manifestar sob roupagens ocultas, discretas, como a própria indiferença. Ademais, o grupo experimentou enorme difusão ao longo de 1917 e 1918, sempre presentes nas solenidades institucionais e em destaque nos desfiles cívicos em que participavam os alunos do Grupo Escolar e da Escola Complementar da cidade.

O funcionamento da Escola de Escoteiros se deu continuamente até novembro de 1918, ocasião em que Laguna conviveu com o surto de Gripe Espanhola⁵⁷ e, simultaneamente, com o adoecimento de Rollin, que veio a falecer em dezembro do mesmo ano. Ele, certamente em um espírito de auxílio, dedicou-se à prestação de serviços aos civis infectados, lidando diretamente com a doença. Logo, também a contraiu e, em pouco tempo, convalesceu isolado da família. Segundo as representações, ainda, mais escoteiros e jovens do TG137 participaram da ação de auxílio à cidade durante esse momento de epidemia, não falecendo ninguém mais além do fundador da EEL. Para piorar a situação, coincidiu de Luiz Trindade, instrutor dos escoteiros e diretor do Grupo Escolar Jerônimo Coelho, ser transferido pelo governo estadual, assumindo a diretoria de ensino em Lages, transferência que se concretizou no início de 1919. O quadro derivado desses acontecimentos gerou uma dificuldade insolúvel ao presidente Carneiro, que decretou o encerramento das atividades em

⁵⁷ JORNAL A NOTA. Laguna, 16.01.1919, nº 79 (BPESC).

janeiro do ano de saída de Trindade, provocando ainda a insatisfação de um representante da sociedade letrada catarinense, Tito Carvalho⁵⁸, que se expressou naquela ocasião com o título de “A morte de uma instituição”, que segue transcrito em sua maior base, a fim de fazer ver, sobretudo, a concepção acerca do escotismo e da EEL:

está definitivamente resolvida a remoção de Luiz Trindade, competente director do nosso Grupo Escolar, para o Grupo Vidal Ramos, em Lages.

A transferencia do distincto educacionista [...] vai ser um verdadeiro desastre para esta nobilissima instituição, pois que, conforme affirmámos em nosso ultimo numero, “tirar da Escola de Escoteiros qualquer dos seus dois baluartes é provocar o desmoronamento completo do edificio que tantos sacrificios há custado.” O presidente da Commissão Regional fez tudo quanto podia fazer para evitar a retirada do seu indispensavel companheiro e esgotou todos os recursos para obstar o tristissimo desaparecimento da corporação que, durante dois annos, forneceu á Laguna e a Santa Catharina sobejos motivos de justificado orgulho. [...]

Achava-se ainda em discussão, no Congresso, a actual lei da reforma do ensino, e já Alvaro Carneiro, antevendo o perigo, providenciava para que o golpe de morte não attingisse o coração da primeira Escola de Escoteiros do Estado. Nessa época, endereçou ao dr. José Boiteux uma longa carta, expondo claramente a situação, suggerindo a maneira de resolver-se o problema, com o aproveitamento de [João dos Santos] Areão e de Trindade no districto escolar da Laguna, e confiando ao distincto Secretario do Interior e Justiça a vida da benemerita instituição. Mais tarde voltou á presença do illustre e operoso auxiliar do Governo, por meio de outras cartas, cartões e telegrammas, em que demonstrou a enorme necessidade da permanencia de Luiz Trindade, augmentada então consideravelmente, pelo infausto decesso do inolvidavel fundador do Escotismo Catharinense – René Rollin. Depois appellou directamente para o patriotismo do eminente dr. Hercilio Luz, em cuja ampla visão e largo descortino politico depositava as mais caras e seguras esperanças, expedindo a s. ex^a. um expressivo despacho telegraphico.

Ultimamente apegou-se ao nobre e varonil entusiasmo dos d^{rs}. Clovis de Araujo e Joé Collaço, impetrando a sua dedicada intervenção, junto ao Governo, e, por fim, socorreu-se do prestigio da Associação Brasileira de Escoteiros, supplicando-lhe, ante os tumulos mal fechados do grande poeta patriota Olavo Bilac e René Rollin, providencias tendentes a impedir a morte da Escola de Escoteiros, que se tornaria certa, desde que o seu insubstituivel instructor fôsse tirado de Laguna. Infelizmente, o resultado não coroou a obra, pois só de uma forma – o regresso do 4º. anno – o Governo consentia na permanencia aqui do prestimoso catharinense, dando-lhe a escolher, entretanto, a direcção do Grupo de Lages ou a do de Tubarão, ainda por construir. Sentindo immensamente abandonar os seus destemidos Escoteiros, mas considerando-se sacrificado pela volta ao 4º. anno, Luiz Trindade optou pelo primeiro desses Grupos. Ha sacrificios que não se pôdem acceitar, porque não se devem impôr. Luiz Trindade renunciou, pelo grande ideal do Escotismo, á maior parte das horas que podia offerecer aos livros, ao repouso e aos carinhos da familia. [...]

Não! E por isso, Luiz Trindade vai, muito em breve, deixar a sua e a nossa Escola de Escoteiros, em rumo da linda cidade serrana. Mas não é sómente elle que se retira da utilissima instituição - <cellula primordial da organização nacional>, na phrase sincera do immortal Bilac. Vendo perdidos todos os seus esforços, sentindo-se desamparado pelos homens de maior responsabilidade e reconhecendo que lhe é impossivel manter a Escola sem a cooperação de Luiz Trindade, pela falta absoluta de quem o substitua, Alvaro Carneiro, abalado profundamente pelos desgostos que ha dois mezes vem soffrendo, com a morte successiva de entes queridos, deixou-se

⁵⁸ “Tito Carvalho ocupa posição ímpar na evolução da literatura em Santa Catarina. [...] Dedicou sua vida à imprensa, como inteligente e brilhante jornalista. [...] Mas, ao lado de inúmeros artigos de caráter político, dispersos em jornais, cultivou a literatura de ficção, no melhor estilo regionalista, sendo considerado o introdutor do regionalismo em nossas Letras” (JUNKES, 1987, p. 71).

vencer pela desillusão mais acerba e pelo amargo arrependimento do dispendio das suas energias, tão mal compreendidas e recompensadas, e está resolvido a resignar o cargo que consagrou o maximo da sua vontade.

Não foi um sentimento de despeito que lhe inspirou essa resolução, tão penosa ao seu patriotismo e ao seu immenso amor aos Escoteiros. Mais do que o pezar da desprotecção, influio em seu espirito a certeza de que o seu trabalho torna-se nullo sem o concurso de Luiz Trindade. Um é o complemento do outro. Um é a alma da Escola, ao passo que o outro é o coração. Um sente, o outro vibra. Precisam-se mutuamente, não pôdem ser separados para a victoria do ideal. Homens da tempera e do quilate de Luiz Trindade são muito raros, para que pössam ser substituidos de improvisos.

Quem é capaz de sacrificios iguaes aos seus e quem dispõe da sua competencia, do seu tino, da sua energia, do seu zelo e da sua autoridade para instruir os Escoteiros, guial-os, robustecel-os moral e physicamente, formar-lhes o caracter, criar-lhes a idéia da disciplina, inicial-os nos principios de economia e desenvolver-lhes os sentimentos do bem, do amor á verdade, do respeito proprio e de dedicação á Patria?! Ninguém! E Alvaro Carneiro, experimentando a dor pungente desta pungentissima verdade, vê-se na triste contingencia de se afastar e de contemplar, com os olhos rasos de lagrimas, o desabamento da obra que com tanto carinho e sacrificio auxiliou a construir. Outros membros da Directoria acompanharão o Presidente, de forma que, dentro em pouco, si o Governo não acudir com o seu socorro, terá desaparecido, como uma visão, essa sociedade de meninos, que estavam bebendo seus ensinamentos civicos na verdadeira escola do caracter. [...]

Dessa forma, o Governo teria premiado os serviços dos distinctos educadores [Areão e Trindade], dignos ambos da consideração dos dirigentes do Estado, que nelles tem dois infatigaveis servidores, e haveria resolvido o magno problema da vida da Escola de Escoteiros. E quem pôde affirmar que Areão, irmanado com Alvaro Carneiro e Luiz Trindade, instruindo-se nos ensinamentos de Escotismo, identificando-se com os seus ideaes, e permutando com os esperançosos meninos a autoridade pela estima, não viria a ser um forte esteio da inconfundivel instituição, auxiliando-a poderosamente no seu constante progredir, animando e favorecendo a construcção da caserna do “Batalhão da Esperança” e tornando realidade o projectado *raid* a Florianopolis, considerado questão de honra pelos alumnos da Escola de Escoteiros?

Infelizmente, não foi dessa fórma, que o Governo soluccionou a questão. A transferencia de Luiz Trindade, provocando a retirada de Alvaro Carneiro, é a queda, é a morte inevitavel de uma instituição catarinense, que logrou ser classificada, por pessoa entendida, como a segunda do Brasil. E nós lamentamos, choramos até, o esboroamento dessa utilissima corporação, cujos juvenis associados deram, nos angustiosos dias que a Laguna atravessou, o mais bello exemplo de desprendimento, de abnegação e de caridade, desempenhando custosos trabalhos e expondo-se corajosamente ao perigoso contagio da terrivel e traiçoeira epidemia.

Graças a Deus, não é ella que se suicida⁵⁹.

Não só para esse destacado jornalista e escritor, mas também para a imprensa municipal e até algumas autoridades estaduais⁶⁰, o exemplo de Rollin, dedicando-se ao controle da Gripe Espanhola na cidade, legou à própria EEL uma representação de grande dimensão simbólica. No sentido mais corriqueiro do conceito de civismo, teria se dedicado até as últimas consequências ao interesse público, pois, além de ajudar, teria se isolado voluntariamente a fim de não contagiar seus familiares e iguais. Nessa experiência de Rollin

⁵⁹ A MORTE de uma instituição. Jornal **O DEVER**. Laguna, 19.01.1919, nº 31, p. 1 (acervo BPESC).

⁶⁰ Jornal **O DEVER**. Laguna, 22.12.1918, nº 27 (acervo BPESC). Nesse número várias autoridades catarinenses registraram suas condolências por meio de mensagens e telegramas.

haveria a equivalência entre sacrifício cívico-patriótico e escoteiro lagunense, de modo que nas representações impressas da cidade seriam transformados os jovens da EEL em uma espécie de heróis da causa nacional e, por extensão, da própria imagem de Laguna. Sobre esse aspecto remissivo à construção sociocultural, José Murilo de Carvalho afirma que

heróis são símbolos poderosos, encarnações de idéias e aspirações, pontos de referência, fulcros de identificação coletiva. São, por isso, instrumentos eficazes para atingir a cabeça e o coração dos cidadãos a serviço da legitimação de regimes políticos. Não há regime que não promova o culto de seus heróis e não possua seu panteão cívico. [...] Herói que se preze tem de ter, de algum modo, a cara da nação. Tem de responder a alguma necessidade ou aspiração coletiva, refletir algum tipo de personalidade ou de comportamento que corresponda a um modelo coletivamente valorizado (1990, p. 55).

Na verdade, o falecimento de seu fundador e a transferência de seu instrutor não seriam mais que a gota d'água para a paralisação das atividades da Escola de Escoteiros de Laguna em janeiro de 1919. Já apresentava “dificuldades ainda a vencer, oriundas unicamente da deficiência dos recursos pecuniários”⁶¹ desde o seu primeiro ano de funcionamento, pedindo, por isso, “o auxílio financeiro do município, do Estado e dos lagunenses” (IDEM). Concretizado o término de sua atuação nessa primeira fase, persistiriam os notáveis munícipes, vozes autorizadas, a evocá-la como “Escola de Civismo”, “Batalhão da Esperança”, ou, em linhas gerais, como agentes de uma cultura específica a ser legitimada publicamente e em favor de Laguna.

⁶¹ ESCOTEIROS. Jornal **O ALBOR**. Laguna, 07.10.1917, nº 773, p. 2 (acervo APL).

Capítulo 2 - A ESCOLA DE ESCOTEIROS EM SUA 2ª FASE (1919-1930):

Este capítulo destaca as ações referentes ao restabelecimento da Escola de Escoteiros de Laguna. Identifica-se, a princípio, a construção de uma memória relativa a esse grupo, então paralisado, mas que ainda significava determinado modelo cultural para a sociedade lagunense. O seu retorno mediante uma mobilização recordada ainda hoje por alguns munícipes, quando foram realizadas duas grandes viagens pedestres simultâneas, representou o clímax da segunda fase escoteira em Laguna. Esses deslocamentos reuniram escotistas e ex-membros da primeira fase de funcionamento, sendo que ambas as trilhas agregariam diversas funções simbólicas ao escotismo local e ao próprio município enquanto aspirante modelar das virtudes republicanas e nacionalistas. Por fim, é relacionado o ostracismo vivido pela EEL a partir de 1927 com o arrefecimento público no tocante às celebrações cívico-escolares e, por conseguinte, ao movimento escoteiro fora de Santa Catarina na década de 1920.

2.1 – ANOS DE PARALISAÇÃO FORAM ANOS DE MEMÓRIA (1919-1924)

A interrupção das ações escoteiras em Laguna teve efeito significativo em seu contexto histórico-cultural, tal o volume de textos e menções referentes à EEL na imprensa local. Veículos como “A Nota”, “O Dever”, “O Albor” e a revista “O Santelmo” repercutiram esse acontecimento não apenas em 1919, mas também entre 1920 e 1924, ano em que a mesma foi reativada. As narrativas então difundidas contribuíram para reabilitar o significado social do escotismo lagunense e de determinados acontecimentos em detrimento de outros, configurando um “processo de memória” no qual esse segmento educacional se convertia na própria brasilidade republicana da cidade, então adormecida. Nessa atuação jornalística é possível refletir, em linhas gerais, que

o documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder. Só a análise do documento enquanto monumento permite à memória coletiva recuperá-lo e ao historiador usá-lo cientificamente, isto é, com pleno conhecimento de causa (LE GOFF, 2003, p. 536).

Inicialmente, após as reclamações públicas subseqüentes à desativação do escotismo em Laguna⁶², as atenções se voltaram ao Tiro de Guerra 137⁶³. Sua rotina seria então

⁶² ESCOLA DE ESCOTEIROS. Jornal **A NOTA**. Laguna, 16.01.1919, nº 79 (BPESC). A MORTE de uma instituição. Jornal **O DEVER**. Laguna, 19.01.1919, nº 31, p. 1 (BPESC).

⁶³ TIRO DE GUERRA 137 – Instrução Militar. Jornal **O ALBOR**. Laguna, 16.03.1919, nº 796, p. 2 (BPESC).

difundida, desde os exercícios militares até os raides e desfiles públicos nas ocasiões cívicas; seu funcionamento, contudo, foi suspenso em agosto de 1919 sem muitas explicações das autoridades militares catarinenses⁶⁴, as quais simplesmente ordenaram o recolhimento do material de treino técnico. Segundo as matérias do jornal “O Albor” ao longo do primeiro semestre de 1919, é possível inferir que os jovens ingressos eram poucos e que, por extensão, a compensação financeira advinda das mensalidades não cobria os gastos ordinários da instituição. Nesse sentido, tanto o evento ocorrido com o grupo fundado por Rollin como esse tocante à associação militar local refletiram o papel fundamental exercido pelo jornalismo do município, que não se limitava apenas a noticiar, mas fazia parte da construção do próprio fenômeno nacionalista em nível regional. Essas representações construídas não figuravam insólitas, visto que se constituíam através de várias relações sociais (entidades patrióticas locais, imprensa, agentes políticos, desfiles e eventos cívicos junto aos estudantes, etc.) para, em seguida, tornarem-se referenciais de classificação e ordenação do próprio mundo social, do próprio contexto lagunense. A este respeito, a matéria recém-citada, referente à suspensão das atividades do TG137, bem ilustrava as formas de associação entre atirador/escoteiro e o modelo de cidadania caracterizado nas narrativas jornalísticas de Laguna e, genericamente, de grande parte dos veículos de informação brasileiros durante o pós-Guerra:

[...] Pela nossa imaginação então, ferida por tão desoladora nova, passaram em revista aquelles dias gloriosos e inapagaveis para Laguna, em que os garbosos rapazes da nossa florente mocidade, com o peito inflado do mais ardente civismo, de armas aos hombros e decentemente uniformizados, passeavam sobranceira e orgulhosamente pelas ruas de nossa cidade, cuja população fazia-lhe carinhosas manifestações de alegria e contentamento. Passaram aquelles bem organizados raids a Gy, Imaruhy e Tubarão, e dos quaes resaltava sempre o espírito de harmonia e colleguismo reinante entre si e mais ainda a resistência orgânica, nunca desmentida dos nossos ephebos. Foram dias de gloria, sim, aquelles em que as ardentes canções patrióticas que se desprendeu dos lábios, não só dos atiradores mas tambem dos inesquecíveis escoteiros, vibravam canglorosamente pela atmosphera; e penetrando no interior dos nossos lares, acordavam, por um instincto de imitação, nos ternos corações das creancinhas o amor a esta terra divina que se chama Brasil ! E a musica do dobrado do Capitão Cassulo, executada pelas nossas bem atinadas bandas musicaes desta cidade, ora a vestir sonorosamente a letra da Canção do Soldado, ora a envolver harmoniosamente as deliciosas estrophes da Canção dos Escoteiros, tornou-se para nós uma musica sagrada ! Com saudade recordamos tudo isso [...]. De subito, porém, um gelido e maldito sopro, vindo não sei de que regiões, começou a descer sobre aquellas duas patrioticas instituições, que por muito tempo constituíram o mais formoso patrimônio moral de que Laguna, através dos seus factos, poder-se-hia orgulhar. Todas aquellas vozes se apagaram e todas aquellas bocas emmudeceram. Uma desanimadora apathia envolveu Laguna. Mas não ! Temos fé não poderá ser assim ! Uma voz vinda dos altos cimos da grandeza futura de nossa Patria vos diz ‘Precisae despertar’. A mocidade, a quem cumpre honrar as tradições de Jeronymo Coelho, do almirante Jesuino Lamego, dos voluntarios João Fermiano, Benevides, Carpes e tantos outros, não poderá afundar-se nos abysmos de uma indifferença desvirilisante e criminosa. [...] Despertaes bellos Escoteiros e

⁶⁴ O TIRO 137. Jornal **O ALBOR**. Laguna, 10.08.1919, nº 817 (BPESC).

garbosos Atiradores – Dos Escoteiros sabemos que apenas esperam um bom instructor. Mas a mesma desculpa não justifica os nossos moços do Tiro 137. [...] Lembrai-vos atiradores de que sois os fieis guardadores daquela lindissima bandeira da nossa Patria, que a mulher lagunense, com uma intuição verdadeiramente patriótica vos offertou. Lembrai-vos de que ella é a perfeita encarnação da Pátria Brasileira [...]. LEO (IDEM).

A paralisação de mais uma entidade complementar à formação da juventude lagunense significava um sério empecilho ao desdobramento pedagógico de funções cívicas e patrióticas naquele contexto. O texto, entretanto, extrapola essa carência circunscrita à formação pedagógica com o fechamento do “Tiro 137”, fazendo ver justamente a complexidade da lacuna que se abre culturalmente, no sentido de a cidade ser privada de mais uma referência simbólica, mais um paradigma social então defendido pelos seus veículos de informação. Quais agentes culturais poderiam “honrar as tradições de Jeronymo Coelho, do almirante Jesuino Lamago, dos voluntarios João Fermiano, Benevides, Carpes e tantos outros”, se estavam fechadas a Escola de Escoteiros e, agora, a linha de treinamento militar? Nessa direção, é coerente reiterar o vulto social dessas instituições extra-escolares, identificando, em linhas gerais, que as mediações institucionais penetram a sociedade e influenciam suas escolhas, preferências, aversões e anseios. Assim disposto, o fenômeno representado na matéria d’O Albor, apesar de não possuir um caráter formalmente institucional, no sentido de haver atrelamento governamental, ressaltava a densidade simbólica do legado extra-escolar e, principalmente, escoteiro naquele panorama lagunense, em especial por meio de suas participações nos eventos e desfiles públicos. Esse perfil comunitário e, portanto, institucionalmente limitado da EEL, e também do TG137, dispõe certa necessidade metodológica de confrontar as representações jornalísticas locais com as atividades então difundidas sobre esses segmentos educativos. Segundo C. Bittencourt, “contextualizar as atividades pedagógicas ligadas ao civismo em meio aos discursos [...] que se fundamentavam no nacionalismo” (1992, p. 45), assim refletindo o processo através do qual se desenvolve e se reproduz a experiência nacionalista em Laguna no âmbito educacional extra-escolar.

A perspectiva do periódico citado, oportunamente, caracteriza essa relação entre a imprensa lagunense e a difusão das virtudes republicano-sociais marcadas nos jovens do escotismo e da linha de tiro. As representações coletivas tão propaladas no contexto da Primeira República em âmbito nacional, ali estão associadas a esse segmento específico de Laguna, na forma de asseio, abnegação, ordem, responsabilidade, civilidade e, sobretudo, patriotismo; conquanto se torne excessiva para quem avalia este trabalho, é necessário fixar a continuidade dessa construção sociocultural, buscando fundamentá-la no seu aspecto

conjunto. Essas qualidades sociais, grosso modo, agora promoviam a tentativa de tornar “presentes um objeto, conceito ou pessoa ausentes mediante sua substituição por uma imagem capaz de representá-los adequadamente. Há uma distinção radical entre o representado ausente e a imagem que o representa” (CARVALHO, F.; 2005, p. 153). Sob esse ângulo, por conseguinte, numerosas questões são levantadas para o historiador examinar no que se refere à atuação da imprensa, “não só quanto ao discurso que é veiculado nas diferentes partes ou seções dos jornais, como quanto ao entendimento dos diferentes interesses que se manifestam na sociedade e que são transmitidos pelo jornal” (NEVES; MOREL; 1998, p. 64-65). Assim mesmo, por exemplo, cabe ilustrar o vínculo formal e público do proprietário d’O Albor, Antônio Bessa, ao Partido Republicano Catarinense⁶⁵, sendo uma das lideranças dessa entidade a nível local e “1º Substituto do Superintendente Municipal em Exercício” em novembro de 1919⁶⁶. Sobre esse tipo de envolvimento, o pesquisador Paulo Pinheiro Machado menciona o caso serrano em Santa Catarina, onde

[...] os coronéis, a partir dos próprios partidos republicanos, mantinham muitos jornais em pequenas cidades do interior. Jornais estes redigidos por bacharéis e profissionais liberais que gravitavam em torno dos coronéis, quando não eram seus parentes diretos. Este é o caso da imprensa serrana de Santa Catarina, dos jornais *O Lageano* e *Região Serrana* e do jornal *O Trabalho*, fundado em Curitiba, em 1909, pelo coronel Francisco de Albuquerque. A existência dessa imprensa, eminentemente política, estendia a setores sociais médios urbanos o discurso político e os interesses dos coronéis dominantes, conseguindo, desta maneira, consolidar sua força regional com maior legitimidade (MACHADO, P. P.; 2004, p. 94).

A relação entre o nacionalismo republicano e a atividade jornalística, no caso lagunense, por sua vez, reforçava em nível local certa tendência a adaptar o escotismo como um método cívico-patriótico de complementação educacional infanto-juvenil, o que auxiliava a promoção dessa cidade como matriz da brasilidade republicana. Um acréscimo relevante aos discursos ali promovidos, onde atiradores e, principalmente, escoteiros encontravam-se inativos em 1919, era a divulgação pelos veículos dos outros Estados da experiência paulista de escolarização do escotismo e das linhas de tiro⁶⁷. Justamente Laguna, que evocava amiúde

⁶⁵ PARTIDO Republicano Catharinense. Jornal **O ALBOR**. Laguna, 30.03.1919, nº 798, p.1 (BPESC). Não apenas nesse número Antônio Bessa aparece formalmente registrado ao lado das lideranças republicanas em Laguna, mas também em outros momentos no decorrer da década de 1910 e 1920. Nesta matéria, está como o último de sete nomes, a saber (na própria ordem): João Guimarães Pinho, José Maurício dos Santos, Thomaz Pereira Netto, João Guimarães Cabral, Domingos Thomaz Ferreira e João Nunes Netto. Era também irmão de Octavio Bessa, dirigente da EEL em 1917 (tesoureiro).

⁶⁶ Jornal **O ALBOR**. Laguna, 22.11.1919, nº 832, p. 1 (BPESC).

⁶⁷ “As linhas de tiro destinavam-se aos alunos maiores de 16 anos das escolas normais, ginásios ou escolas profissionais”, de acordo com o Decreto 3.355, de 27.05.1921, o qual regulamentou a Reforma da Instrução Pública de São Paulo (SOUZA, 2000, p. 112).

a sua importância política como centro histórico e cultural, via-se agora ofuscada simbolicamente. Estaria, pois, envolvida em “uma desanimadora apathia”. Tal imagem paralelamente ligava-se à considerável disseminação do escotismo escolar em São Paulo, que já em 1917 era incorporado “às atividades da disciplina de Educação Física”, através da lei estadual desse ano, nº 1.579 (NASCIMENTO, A.; 2004, p. 67). Ali, não apenas a atividade escoteira era difundida pelos jornais e revistas educacionais, como ainda estava apropriada ao cotidiano escolar⁶⁸, “inserir[a] entre as práticas cívico-patrióticas escolares e vinculad[a] ao movimento nacionalista brasileiro. [...] Ao apresentar uma formulação própria de cidadania, o escotismo inseriu-se no debate político do período e nas preocupações educacionais” (GABRIEL, 2003, p. 16). Nessa disposição, até 1925 a matéria escoteira foi praticada na instrução pública daquele Estado, quando a nova reforma educacional lhe “omitiu qualquer referência”, embora a sua prática continuasse a ser desenvolvida informalmente (SOUZA, 2000, p. 117).

Algumas razões para a inserção do movimento badeniano como atividade curricular na instrução pública fundamentavam-se nas representações então comuns de degenerescência do povo brasileiro e, como antídoto, no papel idealizado da ação formativa escolar. Baden-Powell de fato formulou uma interpretação pedagógica que tivesse funções integrais, isto é, “que uni[sse] a formação do corpo e da alma em um projeto cívico” (GABRIEL, 2003, p. 45), mas, a despeito das constantes referências a respeito dessa relação entre escotismo e educação integral na imprensa paulista e em outros Estados daquele período, o movimento escoteiro praticado ressaltou “um ideal cívico de mobilização da ‘nação brasileira’ e de constituição de um Estado corporativo ‘forte’” (ZUQUIM; CYTRYNOWICZ; 2002, p. 56). A propósito desse debate referente à sua apropriação curricular e interna aos colégios, pode-se afirmar também que

o desconhecimento, ou a pouca informação sobre a doutrina badeniana, certamente levou a *desvios* quando da [sua] inserção nas escolas. Além disso, a dinâmica do Movimento não se encaixa no modelo de organização do tempo e do espaço escolar. Surge, então, um questionamento sobre as formas pelas quais o escotismo foi incorporado à cultura escolar dos diversos sistemas de ensino relatados. Certamente, o escotismo influenciou e foi influenciado pela cultura escolar, espaço estranho ao Movimento criado pelo militar inglês (NASCIMENTO, A.; 2004, p. 79).

Muito embora a experiência lagunense com a associação elaborada por Baden-Powell não se caracterizasse por uma eventual escolarização e sim pela atuação fora dos muros

⁶⁸ GABRIEL, 2003, p. 19; SOUZA, 2000, p. 111; ZUQUIM; CYTRYNOWICZ; 2002, p. 44; NERY, 2003, p. 1-2.

colegiais, ainda em 1919 parte da imprensa local divulgou alguns feitos do escotismo escolar. Nesse ano, uma matéria reproduzia o texto publicado num dos principais periódicos cariocas de então, “O Paiz”, acerca dos benefícios sociais realizados pelos escoteiros paulistas de “Jahú”⁶⁹. Encontram-se ali referências morais igualmente indicadas nas práticas da EEL, quando ainda funcionava dirigida por Rollin, Trindade e Álvaro Carneiro. Dentre as possíveis mensagens de sacrifício individual em prol do todo comunitário jauense, que revelam uma representação bastante oportuna do civismo veiculado pela imprensa carioca e do município catarinense, destaca-se, em acréscimo, a afirmação de um determinado modelo de comportamento, próprio daquele ideal de nação e de cidadania desejado por Bilac em sua campanha nacionalista (GABRIEL, 2003, p. 42). No mesmo passo, outra matéria sobre a configuração do escotismo nas escolas foi reproduzida com minudência num outro jornal lagunense no mesmo mês e ano daquela tocante aos escoteiros de “Jahú”. Era retratado, pois, um quadro melancólico no município catarinense, ilustrado, inclusive, pelo ex-presidente do grupo escoteiro local, que pareceu ter motivado o texto ao interpelar um jornalista acerca do descompasso entre o escotismo disposto nacionalmente e o de sua cidade, então estacionado:

[...] Por dois annos, mais ou menos, assistimos ás manobras, ás paseatas, aos exercicios desse pugilo de meninos, que eram o nosso encanto e o nosso prazer que nos tocavam á alma quando seus labios atiravam ao ar aquelles bellissimos canticos patrioticos. Eram ao mesmo tempo a admiração de todos quantos visitavam nossa terra; eram, tambem o nosso orgulho. Orgulhosos andavam tambem, o seu inesquecivel instructor, sr. Luiz Trindade, e seu infatigavel presidente, sr. Alvaro Carneiro; e nós, mais orgulhosos ainda, por vermos á testa da patriotica associação, dous cidadãos de real merecimento, que só por isso são credores da nossa eterna gratidão. O idéal de Alvaro Carneiro ia em breve, tornar-se em realidade; não muito longe estava o dia bemaventurado de vermos o quartel dos Escoteiros, em seu predio proprio, devido, unicamente ao esforço titanico, á tenacidade inquebrantavel de Alvaro Carneiro. Mas, quando perdemos a esperanza de termos aqui, Luiz Trindade, seu instructor, que fôra obrigado a seguir para Lages, para onde o Governo o removera, afim de dirigir o Grupo Escolar daquela cidade, foi, então, que se nos afigurou ver a immorredoura imagem de Renê Rollin, seu fundador; foi, então, que desanimámos, e mais tristes ficámos em ver o abatimento moral que se apoderara de

⁶⁹ ESCOTISMO. Jornal **O ALBOR**. Laguna, 15.11.1919, nº 831, p. 2 (BPESC). “[...] Os escoteiros de Jahú, em dois annos, fizeram simplesmente isto: effectuaram 50 excursões, cobrindo 1.000 kilometros de marcha; participaram de 500 exercicios e licções de gymnastica, Box, hymnos e canções; acamparam e decamparam 300 vezes, levantaram plantas de rios, estradas, zonas inteiras; salvaram a vida a duas crianças; dominaram dois incendios; auxiliaram o ensino, levando para as escolas de seu municipio mais de 300 meninos e meninas; socorreram a população da cidade durante a epidemia da gripe, tendo nesse acto de grande devotamento humanitário, perdido um dos seus mais estimados e graduados companheiros; extinguiram o *foot-ball* nas ruas de Jahú; fizeram a propaganda do saneamento rural e da luta contra o ophidismo; policiaram diariamente os theatros urbanos; policiaram ainda dois carnavaes, todas as festas profanas e procissões religiosas; mediram o volume de agua de diversos rios e correjos; montaram a séde de sua commissão, instalaram os postes de illuminação eletrica e osapparelhos telegraphicos e telephonicos; executaram de selleiros, marceneiros, ferreiros, carpinteiros, pedreiros, pintores, etc., cozinham a propria comida, lavaram e remendaram a propria roupa, concertaram o proprio calçado, e tudo isso, como já se disse, sem prejuízo das occupações individuaes de cada um. Haverá alguma coisa mais eloquente? Não são elles os pioneiros do grande Brasil, forte e saudavel de amanhã? [...]”

Alvaro Carneiro e que ainda hoje o domina. Foi com imenso pesar nosso que vimos paralisar a escola do caracter, onde quasi cem creanças estavam recebendo lições civicas de verdadeiro proveito. Que inveja teriamos nós dos escoteiros de Jahú, si nossa escola de escoteiros existisse hoje? A mesma admiração, o mesmo entusiasmo despertado no seio dos Cariocas pelos escoteiros de Jahú, os nossos despertariam. Infelizmente, nossa escola está encostada por falta de instructor; e é assim que todas as instituições patrióticas em nosso paiz, morrem com a mesma facilidade que nascem: falta-lhes, quasi sempre o amparo do governo. Alvaro Carneiro vive mergulhado numa tristeza que nos causa dó, e é sempre demonstrando a mais acerba dôr, que fala na Escola de Escoteiros. Foi num dia destes, numa tarde que morria sob um ceu irisado de nuvens de cores vivas tingindo o poente, que Alvaro Carneiro, esboçando um sorriso, disse-nos: - Lê isso – e nos deu um recorte de jornal com o seguinte: “O sr. Joaquim Osorio apresentou o seguinte projecto: **O escotismo nos estabelecimentos de ensino.** < O Congresso Nacional resolve:

Art. 1º. – Nos collegios e institutos civis de educação profissional e technica, mantidos pela União, e equiparados será adoptada a instrução do escotismo para os alumnos até a idade de 16 annos.

Art. 2º. – Não será autorizada a admissão a instrução militar nos collegios civis officiaes ou particulares aos menores de 16 annos.

Art. 3º. – Sómente poderão gozar das regalias os institutos secundarios que, annexo, mantiverem a escola de escotismo.

Art. 4º. – O Poder Executivo intercederá junto aos governos dos Estados, municipios e directores de collegios para que nas escolas publicas e particulares seja adoptado o escotismo.

Art. 5º. – Como premio aos collegios publicos e particulares e ás sociedades que se propuzerem ao ensino do escotismo, o Poder Executivo fornecerá instructores, que fica autorisado a contratar.

Art. 6º. – Será concedido transporte gratuito nas vias ferreas e linhas de navegação para os grupos ou companhias de escotismo em excursão de instrução.

Art. 7º. – Fica o Poder Executivo autorizado a abrir os credits necessarios para a execução desta lei.

Art. 8º. – Revogam-se as disposições em contrario. >”

E depois, com aquelle mesmo sorriso amargo, disse-nos, muito cheio de fé: - Parece que vou ter a satisfação de ver realiado o meu idéal. Discorrendo sobre a utilidade das Escolas de Escoteiros em todo o Paiz, falou-nos dos seus esforços tão mal recompensados, e no desejo ardente de sahir de Laguna. Que fazer para aliviar suas maguas? Fomos buscar o hymno dos Escoteiros, de sua lavra, e cantámos aos seus ouvidos: Somos a forte Esperança/ Que não se cança/ E tudo alcança. Alvaro nos entre olhou, sorriu e suspirou, e nós pelos seus profundos olhos, fomos descobrir sua alma, a sorrir, sorrir, no azul immensuravel do infinito...⁷⁰

A tomar pelo autor do projeto acima esboçado, não se trata de Joaquim Osório Duque-Estrada, mesmo porque não era identificado a partir do primeiro nome, além de não ter se inserido formalmente nos espaços políticos da Primeira República, senão pelo desempenho literário e cultural, como bem demonstra o trabalho de Circe Bittencourt (1992). Tampouco a proposta alcançou o esperado deferimento político, conforme os diversos currículos estaduais do período deixaram ver. No tocante à construção simbólica transmitida pela matéria, onde o escotismo era tomado como fator identitário intimamente vinculado à estruturação de uma memória nacional, a Laguna antes tão orgulhosa de si parece estar na penumbra, assim como seu ex-dirigente. Afinal, ela não teria inveja das ações escoteiras jauenses, que pareciam ser

⁷⁰ O ESCOTISMO. Jornal **O DEVER**. Laguna, 09.11.1919, nº 69, p. 1 (BPESC).

os próprios feitos de Jaú, caso ainda atuasse o “Batalhão da Esperança” municipal e catarinense, seu “Patrimônio Moral”. A evocação da EEL, em paralelo ao contexto promissor da atividade escoteira paulista e, enquanto projeto, nacional, proporcionava certa defesa de uma ordem antes existente, a qual se tenta preservar no presente e no futuro. Essa rememoração histórica realizada pela imprensa lagunense empregava, em linhas gerais, “outro artifício [que] é a apresentação de fatos da atualidade que intentam confirmar a versão da história ali veiculada” (NEVES; MOREL; 1998, p. 69). Sobretudo, como agentes culturais mediante a seleção-comunicação dos eventos e, em certo sentido, da realidade conveniente, alguns setores do jornalismo de Laguna se constituíam também como agentes políticos, no sentido de suas ações direcionarem a perspectiva de parte da sociedade e suscitarem determinadas formas de intervenção social, que podiam ou não estar de acordo com as premissas governamentais.

As principais representações dedicadas ao grupo fundado por Rollin, no entanto, ligavam-se à afirmação das datas oficiais republicanas e dos eventos cívico-escolares, a despeito das eventuais menções ao escotismo paulista e àquele projetado à institucionalização. Possivelmente, o destaque jornalístico de Laguna aos desfiles públicos e às festas cívicas demonstrasse em parte o significado essencial que essas ações possuíam no contexto, em especial, dos anos 1920, quando a atmosfera cultural do Brasil experimentou clara ebulição devido ao término da Primeira Guerra Mundial. Para Nagle (1974, p. 232), por exemplo, essas manifestações festivas compensavam, em linhas gerais, uma defasagem entre a demanda e a produção de obras didáticas de geografia, história pátria e instrução cívica, não significando mais que “um apêndice, ou uma atribuição suplementar feita pela escola [primária]” (BITTENCOURT, C.; 1992, p. 44-45). Em contrapartida, Marta Carvalho sinaliza a centralidade pedagógica das celebrações públicas de participação escolar, cuja eficiência endossava, no círculo educacional, “a razão de existência de tais práticas, uma vez que, na esteira de Gustave Le Bon, entendia-se a educação como mecanismo de fazer passar atos do domínio consciente para o do inconsciente” (CARVALHO, M.M.C.; 1989, p. 76-7). Outrossim, Circe Bittencourt defende o papel elementar dos eventos e desfiles cívico-escolares como recursos de comunicação, “com rituais e símbolos construídos para a institucionalização de uma memória nacional” (1992, p. 44).

Assim disposto, o panorama lagunense assumia contornos mais complexos ainda quando considerada a sua busca contumaz pelo reconhecimento como baluarte do sentimento

republicano. Sua linha de tiro tentou retornar às funções em março de 1920⁷¹ e, segundo os dados jornalísticos locais, em novembro do mesmo ano já estava paralisada novamente. Dessa forma, os eventos públicos perderiam mais um dispositivo simbólico e, por conseguinte, um fator significativo de projeção municipal num quadro valorizador das manifestações cívico-patrióticas na esfera catarinense e, acima de tudo, nacional. A este respeito, duas matérias, entre outras publicadas entre 1919 e 1924 sobre a Escola de Escoteiros de Laguna, ilustravam simultaneamente a proeminência das comemorações e a frustração na cidade diante do arrefecimento dessas realizações:

[...] as ephemerides nacionaes registram a 19, o dia consagrado ás homenagens, que todos os brasileiros devem prestar ao symbolo da sua pátria a bandeira. De todas as festas nacionais, e apezar de ser a mais recentemente estatuida, foi a que logo conseguiu empolgar completamente a alma brasileira. Aqui mesmo, em Laguna, ella já teve os seus luminosos dias da mais pura gloria! Como dolorosamente recordamos, através da tela transparente da memoria, aquellas homenagens prestadas em sua honra, em varios anos passados, por quase toda a sua população, representada pelas suas corporações e suas associações!... Ainda parece que contemplamos abrindo o prestito civico, os inolvidaveis escoteiros, a flor da nossa adolescencia, eretos, perfilados, empunhando os seus bastões e todos os seus apetrechos, com os quaes realizavam audaciosas escaladas, admiraveis saltos e de improviso armavam os recursos da sua Cruz Vermelha! Surge-nos tambem as nossas vistas, a garbosa rapaziada do Tiro 137, no qual uma centena de moços, com o peito inflado do mais santo patriotismo, rendia o seu culto ao “auri-verde pendão da minha terra”. Todas as escolas, inclusive o numeroso e bem disciplinado Grupo Escolar, appareciam-nos como a apotheose do futuro á grandeza do Brasil. Dias idos, mas que ainda vivem na memoria de todos! Infelizmente, nos últimos annos as homenagens á Bandeira, somente têm sido rendidas intra muros do Grupo e dos outros collegios. Quando despertaremos desta apathia, que já vae se tornando demasiadamente longe?!⁷²

[...] É preciso tambem, que todas as nossas associações recreativas e litterarias; a adolescencia viril das nossas sociedades do remo e a infancia numerosa das escolas; num longo e brilhante prestito, nos arroubos do mais intenso entusiasmo, e sob as dobras de auri-verde pendão da nossa terra, entoem pelas vozes dos seus associados, o mais formoso e harmonioso côro, jamais contemplado em nossa querida terra, envolvendo nas suas ondas sonoras as notas da sublime inspiração de Francisco Manoel, o nosso Hymno Nacional. E só assim, então Laguna, terá rehabilitado o seu prestigio de povo de sentimentos genuinamente nacionaes, que a apathia em que ultimamente temos cahido decorrente da extincção da mais formosa, mais pratica e mais bella instituição que tivemos a dos Escoteiros e do desaparecimento dos minimos signaes de vida do Tiro 137, que muito brilho e entusiasmo emprestavam as nossas festas civicas de outrora, parecem nos dar um ar do povo indifferente e incapaz dos grandes surtos de entusiasmo, que o sentimento civico deve despertar em todo o brasileiro. [...]⁷³

Dentre algumas questões assinaladas pelos excertos, verifica-se o retorno da crítica em relação à ausência das associações de escoteiros e de tiro nas festividades cívicas de Laguna. Mais do que enfraquecer esses momentos de legitimação do novo regime, que ainda sofria

⁷¹ TIRO 137. Jornal. **O ALBOR**. Laguna, 21.03.1920, nº 849, p. 1 (BPESC).

⁷² 15 E 19 DE NOVENBRO. Jornal **O ALBOR**. Laguna, 14.11.1920, nº 880, p. 1 (BPESC).

⁷³ 7 DE SETEMBRO. Jornal **O ALBOR**. Laguna, 04.09.1921, nº 920, p. 1 (BPESC).

sérias oposições sociais⁷⁴, estava em causa a própria representação da cidade, como “berço de heróis” e do próprio distintivo republicano, mediante sua fase “Juliana” experimentada durante a contestação Farroupilha nos idos dezenovistas. Determinados comportamentos socialmente recomendados, como condição à participação cívica, ganhavam corpo e imagem através dos jovens estudantes, atiradores e, principalmente, dos escoteiros lagunenses, consistindo na “apotheose do futuro á grandeza do Brasil” e, genericamente, ofuscando também “possíveis conflitos e dissonâncias em relação ao regime e suas formas de manifestação” (VAZ, 2006, p. 45). Essa espécie de vazio simbólico, entretanto, somada à atuação jornalística local, provocou uma efêmera reação dos ex-dirigentes do Tiro de Guerra 137 e da EEL, que surpreenderam parte da sociedade ao realizar um desfile com ex-membros desses grupos em um domingo de madrugada (16 de outubro de 1921), experiência a qual recebeu a esperada consideração do periódico republicano “O Albor”:

na madrugada de domingo atrazado, foram os ares lagunenses accordados pelas notas vibrantes de um clarim, cujas clarinadas echoavam sonoramente acompanhadas pelo surdo écho dos abafados sons de tambores. [...] E vimos assim, em alinhados pelotões, correctamente uniformizados, e premunidos de todos os accessorios que lhes era peculiar, nas suas funcções; os inolvidaveis escoteiros, guarda avançada da adolescencia lagunense, que em passos cadenciados desfilavam pelas ruas de nossa cidade. As suas canções patrioticas, cujas lindas estrophes nos encantavam, entravam sonoramente pelos canaes auriculares da creançada, que logo depois as repetia de cor e com igual entonações. Mas os escoteiros as entoavam tão sentidamente, tão ardentes de fé e tão fervidos de amor civico, que dir-se hiam ellas, não nascidas do cerebro que as retina, mas brotadas dos seus tenros mas já ardentes corações. Instituição, novel ainda, mas emtanto já perfeitamente organizada, o Batalhão de Escoteiros de Laguna contava em seu seio quasi uma centena de infantes. [...] E todos nós nos remiravamos orgulhosos ante tão completa quão brilhante manifestação de civismo e consideravamos os Escoteiros de Laguna, um verdadeiro patrimonio lagunense. [...] Mas voltemo-nos para a significação das clarinadas de domingo passado. Que significavam ellas? Significavam que um grupo de antigos devotos do Escotismo, resolvera despertar a alma dos seus companheiros, accordando nella aquella mesma dedicação de outr’ora, afim de conseguirem, mesmo atravez de todas as difficuldades, fazer resurgir o inesquecivel Batalhão de Escoteiros lagunense. [...] Pois bem: que a mocidade lagunense, sentindo reavivar dentro do seu peito, aquelle intenso amor ás cousas patrias, desperte de tão prolongado lethargo e radiante de enthusiasmo, se entrelace em nossa viva adolescencia; e ambos unidos, vibrando ao mesmo ardor civico, façam reviver os bellos dias para a Laguna digna de Conselheiro Jeronymo, Jesuino Lamego, Voluntarios Carpes e Benevides e Annita Garibaldi, em que escoteiros e atiradores, sob os applausos da multidão, exalçava em luminosos exemplos do civismo, a capacidade efficiente da alma genuinamente nacional dos lagunenses, sempre mansa e affectiva nos dias remançosos da paz; mas também, sempre prompta á lucta e á conquista do triumpho, nos dias tormentosos da repulsa de uma offensa á nossa querida patria: são os nossos ardentes desejos⁷⁵.

⁷⁴ Jaime de Almeida registra algumas das resistências grupais (católicos e anti-jacobinos) à República e às datas instituídas pelo novo governo, além de tentarem esvaziar os eventos cívicos republicanos (1990, p. 98-100).

⁷⁵ BATALHÃO de Escoteiros e Tiro 137. Jornal **O ALBOR**. Laguna, 23.10.1921, nº 927, p. 1 (BPESC).

Determinadas representações do escotismo lagunense e, perifericamente, da linha de tiro “137” reapareceram, então, mais uma vez através de imagens distintivas que deixavam ver parte do nacionalismo da Primeira República. A última matéria a citar os escoteiros fora em setembro do mesmo ano, aproximadamente, sendo a mesma pouco antes mencionada. De especial interesse é o horário do desfile das duas associações, em plena madrugada de domingo, o que leva a uma inferência acerca da pretensão de ambos os grupos, escoteiro e o TG137, em fazer com que os lagunenses reconhecessem a sua existência a partir da exibição de uma já conhecida unidade instrumentalizada e suas dimensões simbólicas decorrentes – o alinhamento militar, a apresentação uniformizada, seus acessórios peculiares e, conforme indicado pela ação da “creançada”, a reprodução cultural por meio das canções patrióticas, etc. Para além da evocação e enaltecimento dos “exemplos de civismo”, conforme a matéria, era sinalizada novamente a declaração de apoio do periódico em destaque, atuando decisivamente para essa efêmera aparição e, na sequência, para sua representação coletiva através do discurso. Nesse sentido, a construção jornalística em Laguna, genericamente, intervinha no imaginário social, que

torna-se inteligível e comunicável através da produção dos “discursos” nos quais e pelos quais se efetua a reunião das representações coletivas numa linguagem. [...] A função do símbolo não é apenas instituir uma classificação, mas também introduzir valores, modelando os comportamentos individuais e coletivos e indicando as possibilidades de êxito dos seus empreendimentos. [...] Os sistemas simbólicos em que assenta e através do qual opera o imaginário social são construídos a partir da experiência dos agentes sociais, mas também a partir dos seus desejos, aspirações e motivações. Qualquer campo de experiências sociais está rodeado por um horizonte de expectativas e de recusas, de temores e de esperanças. Com efeito, o imaginário social informa acerca da realidade, ao mesmo tempo que constitui um apelo a ação, um apelo a comportar-se de determinada maneira. Esquema de interpretação, mas também de valorização, o dispositivo imaginário suscita a adesão a um sistema de valores e intervém eficazmente nos processos da sua interiorização pelos indivíduos, modelando os comportamentos, capturando as energias e, em caso de necessidade, arrastando os indivíduos para uma ação comum (BACZKO, 1985, p. 311).

No mais, outros textos produzidos entre 1919 e 1924, ano de ressurgimento do escotismo em Laguna, seguiram associando as práticas escoteiras aos referenciais mais difundidos do nacionalismo em curso. Em novembro de 1921, ainda, uma matéria voltava a reclamar a falta das suas instituições juvenis extra-escolares, relacionando o motivo da reclamação aos desdobramentos do nacionalismo⁷⁶. Nesse mesmo ano, aliás, uma revista local

⁷⁶ “[...] E hoje, que mais do que nunca, o sentimento nacionalista vae arregimentando em torno do seu ideal toda a mocidade brasileira, não é justo que Laguna, que já se tenha manifestado em sobejas provas de amor á pátria, conserve-se numa algidez que lhe abafa, que lhe amortece aquellas vibrações que já lhe tornaram dignas das mais conscientes parcelas da nossa nacionalidade”. 19 DE NOVEMBRO. Jornal **O ALBOR**. Laguna, 13.11.1921, nº 930, p. 1 (BPESC).

escrevera sobre esse fenômeno sociopolítico⁷⁷, enquanto outro veículo apresentou⁷⁸, em dezembro do mesmo, uma articulação entre essa tendência e a EEL, de uma forma saudosista e bastante precisa dos cruzamentos entre os paradigmas culturais vulgarizados nacionalmente e a sua apropriação pelo jornalismo lagunense. Na base dos modelos de civilização direcionados à juventude brasileira e de Laguna, pois, estava o escoteiro como a versão juvenil do soldado, sistematicamente evocado, de modo que a representação se consolidasse e se transformasse em ação. Esse mecanismo demonstra, em linhas gerais, como “a imprensa age no presente e também no futuro, pois seus produtores engendram imagens da sociedade que serão reproduzidas em outras épocas” (CAPELATO, 1994, p. 25).

Ao final de 1923, nesse compasso, interveio o escritor Tito Carvalho, reiterando as reclamações à ausência escoteira no cenário educacional lagunense. A este respeito, o ex-membro da Academia Catarinense de Letras fez referência, inclusive, ao escotismo escolar de São Paulo, então no ápice de seu crescimento:

ainda ante-hontem publicou esta folha um telegrama que informava terem cem mil escoteiros paulistas dirigido patriótica mensagem ao sr. Ministro da Guerra. São Paulo possui cem mil escoteiros, note-se bem, e nós não contamos em nosso Estado, um só. Sugerimos destas columnas a idéa do soerguimento da escola de escoteiros em Santa Catharina, e as nossas palavras não encontraram amparo. Para a fatura de scepticos que mentalmente se acocóra, gemendo o seu “não paga a pena”, a terra é maninha para semente tão delicada. E não é, - que esse aspecto lhe da a falta de iniciativa, da persistencia irreductivel de que nos legou um tão nobre exemplo esse pioneiro da boa-cruzada que foi René Rollin. Ninguém ignora as grandes vantagens do escotismo na formação do physico e do moral dos jovens brasileiros. É necessario dar-se lhes a instrucção de civismo sob uma fórmula positiva, educando-lhes a vontade pela disciplina, mettendo-lhes mais amiúdo, defronte os olhos, os valorosos feitos de abnegação e de bravura, que dão lustre á nossa Historia. Pelo ensino paciente, torna-se o brasileirinho digno da sua missão, compreendendo-a, praticando-a vida fôra com a consciencia de não ter faltado ao seu dever. O exemplo é de hontem. E, todavia, nem todos o admiram, pela formidavel energia que o revestiu. Os escoteiros do Rio Grande do Norte tentaram um raid daquelle Estado ao Rio de Janeiro. [...] Não ha quem se não commova de ante desses pequenos heroes, que incarnaram edificantemente, arrojadamente, o espirito emprehendedor, combativo e victorioso da raça. A esses fala mais alto o imperativo patriotico, que se lhes formou o espirito na verdadeira escola de civismo. [...] Destemidos e tranquillos, deram ao paiz o mais quente, o melhor exemplo de devotamento, de abnegação, de coragem indomita. Deixo-o, apagada, ligeiramente exposto, á reflexão da nossa gente. Nem todos hão de encarar a hora que passa, sob a mesma visão pessimista. E nem a todos o vortice da luta pela vida extinguiu o senso patriotico, o sentimento de fé, o ideal indestructivel, por um Brasil melhor, mais forte e mais respeitado⁷⁹.

⁷⁷ “[...] A propaganda nacionalista impõe-se em todo o territorio nacional e ella deve ser levada á todos os recantos e ensinada nas escolas como se ensina o alphabeto”. NACIONALISMO. Revista **IDEAL**. Laguna, junho de 1921, ano I, ed. nº 1, p. 15-16 (APL).

⁷⁸ “[...] Os escoteiros! Como era agradável de ver-se essas creanças abandonarem os deliciosos folguedos da infancia e correrem cheios de satisfação para, sob o regimen severo da caserna, aprenderem a mais sacrosanta das missões – a defeza da patria amada! [...]”. O texto é datado de dezembro de 1921. DE VEZ em quando. Revista **O SANTELMO**. Laguna, 28 de fevereiro de 1922, nº 5, ano I, p. 21 (APL).

⁷⁹ TITO CARVALHO. ESCOLA de civismo. Jornal **O ALBOR**. Laguna, 04.11.1923, nº 1029, p. 1 (BPESC).

Segundo Marialva Barbosa, “o poder simbólico daquele que sabe verbalizar os sentimentos pode, através dos jornais, transformar-se em poder de fato” (2010, p. 129). Nesse sentido, a rigor, Tito Carvalho intercedia pelo escotismo em Laguna, tanto no período de existência debilitada da EEL, com a morte de Rollin e a transferência de Trindade, como nesse texto, de 1923, quando essa instituição contrastava, desligada, ao desenvolvimento escoteiro em São Paulo, principalmente. Coincidia, ainda, o significado dessa publicação com o lugar do autor, então redator do jornal “República” entre 1922 e 1930, órgão oficial do governo estadual, “época em que foi também diretor da Imprensa Oficial do Estado, durante os governos de Hercílio Luz e Adolfo Konder” (JUNKES, 1987, p. 71). Assim como o escotismo, que chegou ao Brasil em 1910, Tito Carvalho, nascido em 1896 (IDEM), cresceu em meio a um contexto sociocultural povoado de representações coletivas que tinham a função de adaptar as instituições e a própria sociedade nacional ao novo regime. Os referenciais projetados simbolicamente pelo jornalismo lagunense, com efeito, redimensionavam o nacionalismo ora circulante, haja vista o estado socioeconômico municipal então divergente à sua importância histórica e, principalmente, republicana. Nesse sentido, pois, era rememorado amiúde o escoteiro local, como matriz geradora de condutas e práticas sociais entre a mocidade lagunense, tal qual o escotismo incentivado em outras regiões do país durante a Primeira República, como um “espaço em que se constrói a identidade social” (NASCIMENTO, A.; 2004, p. 40-41).

As palavras do então diretor da Imprensa Oficial do Estado tinham vulto e beleza suficientes para “transformar-se em poder de fato”. O retorno do “Batalhão da Esperança” viria a se realizar no ano seguinte, com ações que, coincidentemente, evocariam questões registradas por Tito Carvalho no excerto citado há pouco. De resto, é possível verificar o papel da imprensa lagunense para manter viva a imagem do escotismo local entre 1919 e 1924, tal a proeminência simbólica representada pelo movimento escoteiro em âmbito nacional. A este respeito, os periódicos citados refletiram como

a memória coletiva foi posta em jogo de forma importante na luta das forças sociais pelo poder. Tornar-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores destes mecanismos de manipulação da memória coletiva (LE GOFF, 2003, p. 422).

2.2 - A REATIVAÇÃO DO ESCOTISMO LAGUNENSE EM 1924: O CIVISMO A SERVIÇO DAS TRADIÇÕES NACIONAIS (REPUBLICANAS)

As referências mais perenes sobre a experiência escoteira em Laguna, de todo modo, remetem ao seu ano de ressurgimento. Ainda hoje, outrossim, é possível identificar socialmente determinadas menções àquela Escola de Escoteiros, normalmente associando-a ao seu feito cívico de maior alcance simbólico, como deixa ver esse excerto do caderno oficial da cidade, em 1982:

no escotismo Laguna também foi pioneira, o primeiro grupo de Escoteiros do Sul do Estado, foi criado aqui, tendo alguns de seus componentes realizado um raide a pé, Laguna-Rio de Janeiro no ano de 1924. Naquela época não existiam estradas de rodagem que ligassem Laguna ao resto do país. A primeira estrada de rodagem ligando Laguna à Capital do Estado, foi iniciada em meados de 1931 pelo Prefeito Municipal José Fernandes Martins, uma iniciativa de arrojo e fé nos destinos de nossa terra⁸⁰.

Antes de tudo, esse documento foi elaborado durante a gestão do prefeito Mario José Remor, ex-escoteiro local da década de 1950 e filho de um dos lagunenses participantes da grande aventura acima mencionada. Ademais, registrava a importância pioneira de Laguna que, mais uma vez, teria inaugurado uma instituição de reconhecido apelo cultural. A menção, porém, que se destaca é respeitante ao raide de 1924. Este ficou resumido ao trecho mais famoso e, portanto, de maior efeito às reflexões desta pesquisa, embora outro deslocamento simultâneo de escoteiros locais se desenvolvesse a caminho das Cordilheiras dos Andes, no Chile. A preferência pela nota oficial de uma ação em detrimento da outra, como se verá nos próximos parágrafos, não significou a convencional valorização de uma glória familiar, apesar do silêncio desnecessário sobre os escoteiros dirigidos ao país andino, e sim um destaque oportuno devido à configuração simbólica do acontecimento, que, talvez, pode ter proporcionado a maior projeção do nacionalismo na história desse município catarinense.

Nesse compasso, a primeira matéria localizada sobre o restabelecimento do escotismo em Laguna iluminava e, paradoxalmente, lançava segundas interrogações sobre as razões desse reaparecimento, que teria ligação com a passagem de um escoteiro paulista pela cidade. A saber:

com a passagem por esta cidade, do joven Raphael Ayello Netto, escoteiro paulista, foi graças a brilhante propaganda que vem fazendo do escotismo no Brasil, reorganizada a nossa tradicional Escola de Escoteiros, outrora tão bem equipada e apreciada por todos aqueles que tiveram a ventura de vel-a nas suas esplêndidas manobras, sob o competente commando de Luiz Trindade e René Rollin. Finalmente

⁸⁰ LAGUNA: Três séculos de brasilidade (caderno de dados e informações sobre o município). Prefeitura Municipal de Laguna e UFSC, 1982, p. 28.

eil-a novamente cheia de entusiasmo e vigor, crusando ás ruas da cidade em evoluções, sob o commando do Sr. João dos Santos Areão, seu director technico. Um bem sucedido raid já fez ella a Gy, e hoje sahiu completamente equipada, para Bifurcação, onde acampará. Como director da sympathica Escola, continua a prestar o seu valioso concurso, o nosso intelligente amigo, Sr. Álvaro Carneiro, a quem apresentamos as nossas felicitações, pela reorganisação⁸¹.

Uma vez que foi perdida a maioria dos documentos oriundos da EEL, não é possível afirmar que sua reativação tenha resultado apenas da visita do escoteiro paulista, assim como fica obscura a condição desse jovem, sem definir se era representante da Associação Brasileira de Escoteiros (ABE) ou se somente representava determinado grupo municipal de seu Estado. Segundo os dados da matéria, o mesmo rapaz promoveu “brilhante propaganda [...] do escotismo no Brasil”, o que configuraria em si mais uma influência que uma motivação essencial ao retorno da associação fundada por Rollin. No mais, para além dos registros sobre suas atividades físico-pedagógicas (raide e acampamento), o texto situava os dirigentes máximos dessa fase escoteira iniciada em 1924 em Laguna, a saber, o mesmo Álvaro Carneiro da primeira fase e, por sua vez, o diretor do Grupo Escolar Jerônimo Coelho entre 1914 e 1916 e desde a saída de Luiz Trindade, no princípio de 1919, até 1927, João dos Santos Areão⁸². Chama a atenção o fato de este professor estar na diretoria citada desde o começo da paralisação escoteira na cidade e, contudo, não ter assumido o “Batalhão da Esperança” em 1919 ou nos demais anos de sua interrupção. Subitamente, entretanto, seguindo o curso da representação jornalística, eis o diretor do GE Jerônimo Coelho como diretor técnico da Escola de Escoteiros, possivelmente após realizar um curso de capacitação como guia ou chefe escoteiro. Sua presença garantia a base daquela espinha administrativa sugerida pela ABE às comissões distritais escoteiras de São Paulo, onde membros da comunidade, de preferência funcionários públicos, comporiam a organização do movimento em parceria com um diretor ou professor de Grupo Escolar (SOUZA, 2000, p. 111-113).

Na sequência das notícias relacionadas pelos periódicos lagunenses durante esse recomeço do escotismo local, surpreendentemente, salientava-se a matéria sobre uma grande empreitada cívica recém-iniciada. Dividida em duas partes, seu objetivo aparente, conforme as primeiras impressões veiculadas no município, seria promover o distintivo moral e cívico através do deslocamento de quatro escoteiros ao Rio de Janeiro e, dirigidos à Cordilheira dos Andes, dois outros membros da EEL. Irradiariam o nome de Laguna à capital da República e

⁸¹ ESCOLA de escoteiros. Jornal **O ALBOR**. Laguna, 23.02.1924, nº 1045, p. 1 (acervo BPESC).

⁸² “O professor João dos Santos Areão, chegou a Santa Catarina logo após concluir seu Curso Normal em São Paulo, a convite de Orestes Guimarães, em 1912. Desempenhou várias funções no ensino e, em 1933, assumiu o cargo de Inspetor Geral das Escolas Subvencionadas pela União” (UNGLAUB, 2008, p. 37).

ao espaço internacional concomitantemente, ao passo que endossariam a imagem estóica relacionada ao escoteiro, numa cadeia de ações que representariam, ao fim, a figura moral que se dedica prioritariamente ao bem comum, a despeito das próprias necessidades. De certa maneira, essa imagem fora veiculada através de René Rollin, quando noticiado o seu falecimento. O discurso em questão detalhava, igualmente, o estímulo cívico-patriótico que originava a largada de ambos os raides:

aproveitando a data civica de 21, seguiram para o seu projectado raid seis destemidos escoteiros lagunenses. Foi a partida delles uma solennidade commovedora. Em frente ao paço municipal formou toda a Escola, sob o commando de seu director-technico prof. João dos Santos Areão, para ouvir a palavra de seu presidente, Alvaro Carneiro, cuja oração, curta e incisiva, foi a mensagem de esperança que elles levam através de nossas estradas, de nossas florestas e de nossas praias. E disse o bem o ardoroso paladino. Porque, e facto, os escoteiros não se constituem, nessas jornadas, puros exhibicionistas de resistencia physica, o que seria talvez exterioridade innocua. Elles são antes, passando aos olhos de nossos pescadores e de nossos sertanejos, uma clara visão dos novos dias, um fremito de esperança e uma lição muda, estabelecendo a communhão de ideaes na grande Patria, fragmentada e dissociada pelo vazio das distancias e pelo desconhecimento de suas reservas e de sua força; Os bandeirantes desesperaram, outróra, da tarda marcha civilizadora e, deslumbrados pela visão do ouro, irromperam pelos serrões, acordando as brenhas, semeando cidades, plantando, a cada sepultura que se abria, o marco da ambição humana. Hoje, os escoteiros encetam o roteiro de sua aventura magnifica pelo littoral ainda desguarnecido do Brasil conhecendo-o em sua extensão, em sua belleza e em suas vicissitudes, desenvolvendo do mesmo passo o espirito de iniciativa, espalhando o exemplo e vencendo por elle, para erguer, a cada etape vencida, o obelisco luminoso do Escotismo. E hao de amanhã, guias destemerosos, demandar o ámag do paiz, arroteando o de esperanças, para fazerem, no plano moral e civico, o que as estradas de ferro friamente conseguirão no plano material. [...] O “raid” dos escoteiros:

Os escoteiros que encetaram no dia 21, ás 9 horas da manhã, o seu annunciado *raid* dividiram-se, chegados ao pontal da barra, em duas turmas : a do norte e a do sul. A primeira, em excellentes condições, está fazendo o *raid* Laguna – Joinville, com permissão para o estender a Curityba, São Paulo e Rio. Compõe se do subchefe Sady Magalhães, monitor João Francisco da Rosa e escoteiros Sylvio Rosa Teixeira e Mario Remor. A segunda turma está vencendo animadoramente a travessia de Laguna – Porto Alegre, com licença de prolongar o *raid* a Montevidéu, Buenos Aires e Santiago. Compõe-se do guia Antonio Faisca e escoteiro Fernando Eghert. Posto assim em prova o ardor de nossos jovens conterraneos, felicitamos a Escola Regional desta cidade, a brilhante realização de René Rollin, Alvaro Carneiro, Luiz Trindade e João dos Santos Areão⁸³.

Partiram, pois, os grupos norte e sul em meio à data do herói nacional republicano, Tiradentes, cuja figura, “recuperada pelos militares no final do século XIX, passou a se constituir em símbolo nacional, procurando-se com a rememoração do evento associar república e liberdade” (BITTENCOURT, C.; 1992, p. 57). De certa forma, essa ação escoteira retomava questões antes lançadas por Tito Carvalho, como o caso dos jovens escoteiros do Rio Grande do Norte que haviam tentado o mesmo objetivo em direção ao Rio de Janeiro.

⁸³ OS NOVOS bandeirantes. Jornal **O ALBOR**. Laguna, 27.04.1924, nº 1053, p. 1 (BPESC).

Esses potiguares se transformaram em heróis naquela narrativa, também os lagunenses se tornariam marcos de uma provável identidade coletiva, como aquele mártir mineiro era para a República inaugurada em 1889. A EEL figurava em formação defronte à prefeitura na solenidade que marcaria sua saída da cidade, numa postura que, embora comum e pouco registrada pela imprensa nos eventos cívicos, era destacada de forma a simbolizar a identificação entre uma instituição e a outra. Talvez porque aqueles rapazes refletissem os próprios ideais de Laguna, que então se afirmaria física e moralmente diante dos brasileiros e, noutra rota, dos sulamericanos, espalharia “o exemplo e vencendo por elle” por meio daquela instituição que era seu “patrimônio moral”. Dentre os escoteiros registrados para os eventos pedestres, Sady Magalhães e Antônio Faísca eram os únicos a já ter aparecido nos dados jornalísticos entre 1917 e 1918, quando ambos foram graduados monitores⁸⁴.

Desde sua largada, a viagem era reportada exaustivamente pela imprensa de Laguna. Segundo Areão, “[...] diariamente era afixado no placard d’O Albor’ o desenvolvimento que [os escoteiros] iam dando à viagem, através de um mapa confeccionado especialmente para esse fim” (AREÃO, S/D, p. 47). Tito Carvalho, em longo texto dedicado ao dirigente máximo da EEL, enaltecia a ação escoteira, informando, inclusive, que tentara estimular o movimento em Florianópolis, onde residia devido à sua função no governo. Consoante suas palavras, buscara ainda o auxílio de Luiz Trindade nesse intento, embora registrasse também o insucesso de tal iniciativa⁸⁵. Noutra matéria desse mesmo jornal, data e página, intitulada “Escoteiros Lagunenses – Está Terminada a Primeira Etapa do Grande Raid”, era comunicada a conclusão da que seria a primeira escala dos dois grupos, o do norte chegara a Joinville em 1º de maio e a dupla dirigida aos Andes atingira Porto Alegre em 30 de abril. Dali, os jovens chefiados por Sady Magalhães seguiriam para o Rio de Janeiro com escala em São Paulo e os dois rapazes da outra rota partiriam para Montevidéu. Uma das representações exploradas nesse contexto foi a da simpatia cativante dos escoteiros em destaque, os quais, “por toda parte [...] foram alvos das maiores demonstrações de apreço e carinho, pelas autoridades e povo das diversas localidades do norte e sul do nosso Estado e do Rio Grande do Sul” (IDEM). Nessa direção, as imagens foram selecionadas e assim condicionavam os dados daqueles eventos, com os periódicos associando determinado sentido que atraísse e gerasse identificação para com a empreitada daquele segmento extra-escolar.

⁸⁴ A FESTA dos Escoteiros. Jornal **A NOTA**. Laguna, 26.07.1917, nº 4, p. 2 (BPESC). Demais graduados: sub-chefe – Jacy Ulysséa, guias – Arnaldo Carneiro, Ruben Ulysséa, Ramiro Ulysséa, monitores – Dante Tasso, Estiliano Baptista da Silva, Pedro Rocha, Hercílio Ribeiro, Brilhante Teixeira, Cid Natividade, Júlio Carvalho, João Martins da Silva, Alfredo Bortoluzzi e Bernardino Guimarães.

⁸⁵ TITO CARVALHO. DE LONGE – Alvaro Carneiro. Jornal **O ALBOR**. Laguna, 04.05.1924, nº 1054, p. 2.

Ilustração 8: Escoteiros da rota norte (a partir da esquerda): Mário Emílio Remor, Sylvio R. Teixeira, Sady Magalhães e João Francisco da Rosa. Local desconhecido, 1924.

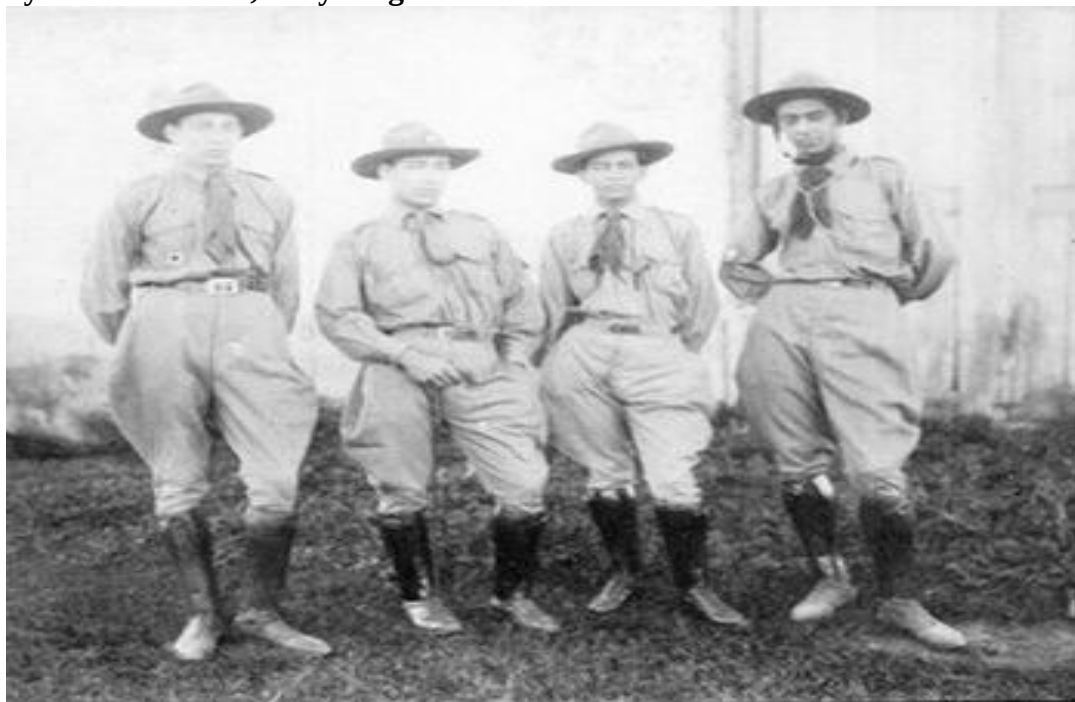


Ilustração 9: Escoteiros da direção sul (a partir da esquerda): Antônio Faísca e Fernando Eghert. Local desconhecido, 1924.



Fonte: Arquivo pessoal de A. C. Marega.

A tomar pela semelhança entre os terrenos retratados e os altos custos para a elaboração fotográfica em uma cidade como Laguna durante os primeiros anos da década de 1920, é pertinente inferir que as duas imagens tenham sido realizadas ainda nesse município quando da largada pedestre ao norte e ao sul. No mais, é evidente a diferença entre certas formalidades patrióticas dispostas nas ilustrações, como o alinhamento rígido e, de tal modo, militarizado de Faísca e Eghert, que contrastava diretamente com o visível relaxamento dos quatro representantes da rota norte. Embora os dois grupos estivessem formalmente uniformizados, somente a dupla dirigida aos Andes portava o símbolo pátrio. Com efeito, são poucas as imagens da EEL que sobreviveram às contingências, o que relativiza possíveis classificações entre esses grupos, senão como reflexões parciais de um conjunto simbólico, que é dado a ver também pelo próprio exemplo do raide bidirecional de 1924. Assim dispostas, essas representações reiteravam certa correspondência entre determinados referenciais cultivados na Primeira República e o movimento badeniano tal como encarado sob a ótica nacionalista, de modo que a bandeira elaborada pelos protagonistas do regime iniciado em 1889 era carregada como distintivo, juntamente dos acessórios peculiares dos jovens escoteiros, propiciando que lagunense e virtudes republicanas se confundissem, se identificassem. Nesse sentido,

para Eco, representar iconicamente um objeto significa transcrever, por meio de artifícios gráficos, as propriedades culturais que lhe são atribuídas. Uma cultura, ao definir seus objetos, remete a códigos de reconhecimento que indicam traços pertinentes e caracterizantes do conteúdo. Um código de representação icônica estabelece quais os artifícios gráficos que correspondem aos traços do conteúdo, ou mais exatamente aos elementos pertinentes fixados (selecionados) pelos códigos de reconhecimento. Há, então, blocos de unidades expressivas que remetem, não ao que se vê, mas sim ao que se sabe ou ao que se aprendeu a ver: um esquema gráfico reproduz as propriedades relacionais de um esquema mental⁸⁶.

Na esteira dos quilômetros superados pelos rapazes divididos em duas direções, os jornais de sua cidade promoviam desde aspectos que fundamentavam o movimento fundado por Baden-Powell⁸⁷, até a repercussão externa da ação iniciada em 21 de abril. Neste caso, trechos de reportagens de São Francisco do Sul e de Curitiba são transcritos de modo a legitimar os escoteiros de Laguna, como na parte que concluía o excerto curitibano e também a matéria lagunense, segundo, “nesta Capital, os bravos raidmen visitaram o sr. presidente do Estado, prefeito municipal, a imprensa e o sr. Tenente Aristoteles Xavier, o major

⁸⁶ ECO, Umberto. **Tratado geral de semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 1980, p. 169-190 apud CARDOSO; MAUAD; 1997, p. 404-5.

⁸⁷ ESCOTEIRISMO – internacionalismo. Jornal **O ALBOR**. Laguna, 11.05.1924, nº 1055, p. 1 (BPESC).

propugnador do escotismo em nosso Estado”⁸⁸. Essa construção do fato, que passava pela deferência das autoridades paranaenses frente aos representantes da EEL e, por extensão, da própria cidade catarinense, induzia a uma espécie de projeção desta no cenário nacionalista pelo papel de sua esfera educacional através do estabelecimento então administrado por Areão e Álvaro Carneiro. O efeito em questão transformava o fato social por meio do aspecto simbólico, visto que “na maioria das representações colectivas, não se trata da representação única de uma coisa única, mas sim de uma representação escolhida mais ou menos arbitrariamente a fim de significar outras e de exercer um comando sobre as práticas” (BACZKO, 1985, p. 306).

Para compreender a dinâmica escoteira nos outros Estados durante a década de 1920, os intercâmbios em forma de visitas e passagens de escoteiros nos municípios brasileiros foram de suma importância⁸⁹. Como não lembrar, por exemplo, da estada de Raphael Ayello Netto em Laguna? Segundo o relato anteriormente apresentado, seu trânsito foi significativo para a reativação do “Batalhão da Esperança”. Assim mesmo, alguns vestígios configurados pela imprensa lagunense nesse contexto dos raids lançaram impressões sobre a rede cultural do escotismo desde o Rio Grande do Sul até a então capital do país. Texto relevante desse fenômeno, diz respeito à passagem do grupo norte da EEL por São Paulo, quando o sub-chefe S. Magalhães apontou algumas interações realizadas com a ABE, até 1924 a principal entidade unificadora desse movimento. Também era reportado o estado da viagem rumo ao sul, inclusive direcionando o posicionamento do leitor:

do nosso conterraneo Adalberto Bessa, telegraphista em Joinville e que alli se acha em constante comunicação com os nossos destemidos escoteiros, que vão levando o arrojado *raid* Laguna-Rio de Janeiro, recebeu o sr. Alvaro Carneiro, incansavel presidente da Escola de Escoteiros desta cidade o seguinte aviso transmittido de S. Paulo por Sady Magalhães, o escoteiro chefe dos demais companheiros, que com verdadeiro amor pela causa do escotismo ascendrado patriotismo e coragem acabam de vencer a terceira etapa do valoroso *raid*, chegando a S. Paulo onde o escotismo é um facto inconfundivel de real valor! Eis o aviso:

Transmitto aviso acabo receber de S. Paulo para ti, dos nossos bravos escoteiros.

⁸⁸ ESCOTEIROS Lagunenses. Jornal **O ALBOR**. Laguna, 25.05.1924, nº 1057, p. 2 (BPESC).

⁸⁹ “O compartilhamento de um imaginário comum e a divulgação da doutrina escoteira tornaram-se possíveis graças aos materiais impressos e ao contato constante entre os grupos dos diversos estados brasileiros. O deslocamento das tropas escoteiras também cumpriria um papel de integração nacional. A mesma lógica de que o contato e o conhecimento do território nacional criam laços de pertencimento entre pessoas, presente nos meios militares, existia no escotismo. As viagens de visitas realizadas eram uma constante, e cruzavam as fronteiras estaduais. São inumeráveis os documentos que dão conta destes deslocamentos de grupos de um lugar ao outro, e quase sempre as visitas eram retribuídas, proporcionando aos escoteiros a experiência de serem hóspedes e de hospedarem colegas de localidades distantes. Os encontros, além de incentivarem o reconhecimento do espaço e da cultura nacionais, permitiam a demarcação de padrões de prática do escotismo, mediante a troca de experiências entre os grupos de locais diferentes. Além das visitas recíprocas de grupos e associações, ocorriam os *ajuris*, que eram encontros em que se reuniam escoteiros de várias localidades ou estados” (NASCIMENTO, A.; 2004, p. 57).

<Bons. Fomos hoje pelo presidente Associação condecorados Flor de Lis. Presenteados obra sobre Itazaingo sua lavra. Preparam festas, passeios, visitas etc. e seremos pela A.B.E. (Associação Brasileira de Escoteiros) condecorados medalhas honrosas. Recebemos instrução tecnica obteremos melhores postos. Seguiremos Rio entre 15 e 20. Avise Areão. Sciente recommendação mensagem A.B.E. prometeu auxiliar neste ponto. Seguem cartas. Escreva para 11 de Agosto 41. Abraços – Sady.>

Toda a nossa atenção deve estar voltada com especialidade, para o grande *raid* que está sendo empreendido pelos nossos dois outros destemidos conterraneos Antonio Faisca e Fernando Eghert, pois que, ha já 13 dias que marcham pelas difficilimas estradas do territorio uruguayo, em busca de Montevideo. Agora mais que nunca, redobra de valor, o *raid* destes corajosos escoteiros lagunenses! Até então, elles pisavam o solo pátrio, viam o que era seu e compartilhavam da camaradagem hospitaleira do seu povo! Presentemente não será o mesmo. Outras estradas terão que trilhar, galgando passo a passo, serras altaneiras e valles extensos, cobertos talvez, pela neve abundante e escorregadia, tão commum nos tempos d'agora, nas plagas uruguayas. São outros, emfim, os costumes da terra estranha que vão pisando os nossos bravos conterraneos; e por isso, devemos voltar as nossas vistas com orgulho e patrioticamente para ambos, que tão heroicamente levam sobraçando o auri verde pendão brasileiro e com elle o nome do Brasil glorioso ao paiz visinho. Que Deus guie teus passos verdadeiros. Oh! heroicos e bravos Escoteiros!⁹⁰

Era como se o berço do escotismo nacional se dobrasse em reconhecimento àqueles escoteiros. Não se quer dizer com isso que Sady Magalhães tivesse ampliado o que de fato aconteceu, mas a frequência de matérias e, sobretudo, a comunicação carregada de dramaticidade pelo jornal lagunense estimulavam certo poder simbólico aos representantes da EEL. A palavra transmitida pela imprensa do período tinha força de verdade, isto é, seu efeito legitimava através da comunicação restrita em um ambiente como Laguna em 1920, levando à aceitação das representações constantes e ao direcionamento da visão de mundo de parte da sociedade para um determinado consenso, no caso o imaginário nacionalista republicano. Enquanto os grupos dirigidos ao norte e ao sul superavam suas respectivas etapas, a associação escoteira em Laguna parecia multiplicar-se, com grande adesão infanto-juvenil em suas atividades, consoante transmitia a ilustração abaixo:

⁹⁰ ESCOTEIROS Lagunenses. Jornal **O ALBOR**. Laguna, 15.06.1924, nº 1.060, p. 1 (BPESC).

Ilustração 10: Membros da Escola de Escoteiros de Laguna (cerca de cinquenta). Laguna, terreno desconhecido, 15.06.1924.



Fonte: arquivo pessoal de Antônio C. Marega

Possivelmente, os escoteiros usavam as instalações do GE Jerônimo Coelho naquele período, uma vez que já haviam sido retratados ali (ver ilustração 11, p. 115); essa consideração, contudo, é obscura pela falta de registros, inclusive nos jornais. De todo modo, observa-se a variedade juvenil daquele grupo, bem como Baden-Powell caracterizava em sua doutrina, onde cada faixa etária corresponderia a uma formação educacional específica. No mais, a inscrição superior fora dedicada por alguém ilegível a Álvaro Carneiro, além de sinalizar a data no espaço inferior da fotografia. Esta, ao ser realizada em pleno andamento dos raides, talvez tivesse algum propósito público, dada a mobilização inspirada pelo escotismo naquele contexto local, capaz de multiplicar os aportes para certa memória.

Um aspecto fundamental para a compreensão dos desdobramentos escoteiros, em geral, é a relação entre o movimento e as instituições públicas. No caso lagunense, há uma complexidade obscura devido às interações informais dos governos com as associações civis, algo aparentemente comum nas esferas políticas brasileiras durante a 1ª metade do século XX. As matérias subseqüentes remeteram a esse problema, que passava a ser ilustrado pela imprensa local, gradativamente. A propósito, em junho do ano em destaque era reproduzido pequeno texto do “Correio Paulistano”, onde os jovens lagunenses agradeciam “o

acolhimento que tiveram e a hospedagem que estão recebendo ao sr. dr. Carlos de Campos, presidente do Estado: o sr. dr. Antonio Lobo, secretário do interior, e sr. dr. Bento Bueno, secretário da justiça⁹¹”. O alcance do escotismo era, então, significativo e São Paulo respondia pela maioria dos escoteiros do país, tal a reunião de fatores como a presença da ABE, o debate em revistas educacionais mantidas pelo governo estadual, o envolvimento de autoridades do movimento badeniano com as esferas governamentais, como Sampaio Dória, Guilherme Kuhlmann e Oscar Thompson, além, naturalmente, da própria escolarização escoteira entre 1917 e meados da década de 1920 (GABRIEL, 2003, p. 25-82). Nesse compasso, em matéria posterior à recém-citada, noticiava-se a passagem do escoteiro gaúcho Antídio Silva, então a caminho do Rio de Janeiro, sendo recebido pela EEL a “seis kilometros de distancia. Uma vez aqui chegado foi o arrojado *raidmen* hospedado no Hotel Brasil, a expensas do Governo Municipal [...]”⁹². Sua estada durou dois dias, de 15 a 17 de julho, mas este seria, de fato, um primeiro vestígio explícito de apoio material do poder público local ao escotismo, a despeito de eventuais declarações enaltecedoras e meramente laudatórias. A questão, porém, não se esgotaria nesse limite. A chegada do grupo norte ao Rio de Janeiro apresentou um dado relevante que, contudo, fora silenciado nas reportagens sobre os raids. Grosso modo, o futuro de Laguna dependia da carta que entregariam nessa cidade:

devem regressar amanhã a esta cidade, pelo *Max*, os bravos Escoteiros lagunenses Sady Magalhães, João Francisco da Rosa, Mario Remor, Sylvio Teixeira, Antonio Faisca e Fernando Eghert, os destemidos vencedores dos importantes *raids* < Laguna-Rio > e < Laguna-Buenos Aires >, iniciados a 21 de Abril ultimo, em homenagem ao grande martyr da Inconfidencia Mineira. Deixando voluntariamente os carinhos do lar, com a exclusiva preocupação de cercarem de resplandecente aureola a sua e nossa terra, elles venceram, á custa de perigos, de sacrificios e, quiçá. de humilhações, as etapas da sua gloriosa jornada e < exaltaram, com tal prova de destemor, resistencia e disciplina, o nome do nosso querido Estado, conquistando mais um titulo de gloria e de renome para a heroica terra lagunense >. É justo, portanto, que a Laguna, engrandecida e feliz, receba festiva e entusiasticamente os filhos queridos que óra voltam ao seu seio, comparecendo ao desembarque delles por meio das autoridades, classes conservadoras, escolas, associações em geral e do seu povo, e aclame delirantemente aquelles que, dando novo brilho ás suas tradições, foram levar lhe o nome ao Uruguay e á Argentina, e entregar pessoalmente ao exmo. Presidente da Republica a mensagem que abaixo reproduzimos. Os valorosos *raidmen* do Rio chegaram a Florianopolis pelo *Commandante Alcidio* e os de Buenos Aires desembarcaram em S. Francisco, de bordo do *Maranguape*, sendo transportados em automovel para a Capital, a fim de regressarem todos amanhã, pelo *Max*. Aos bravos escoteiros lagunenses, os mais entusiasticos applausos d’O *Albor*.

A MENSAGEM

Exmo, Snr. Dr. Arthur da Silva Bernardes, Eminente Presidente da Republica Brasileira.

Representada pelos elementos de maior destaque na sua vida administrativa, social e laboriosa, a cidade de Laguna, no Estado de Santa Catharina, tem a honra e a

⁹¹ ESCOTEIROS Lagunenses. Jornal **O ALBOR**. Laguna, 29.06.1924, nº 1062, p. 2 (BPESC).

⁹² ESCOTEIRO Antidio Silva. Jornal **O ALBOR**. Laguna, 20.07.1924, nº 1065, p. 2 (BPESC).

gratissima satisfação de apresentar a V. Exa. os melhores augúrios de felicidade, quer no recesso do seu lar – modelo de virtudes, quer no sabio e proficuo Governo da Nação, tão promissor de beneficos resultados. Berço de heroes, de cujo numero se destaca o vulto soberbo de Annita Garibaldi, quiz Laguna que os portadores da sua mensagem, altamente significativa, fossem os quatro valorosos moços que, investindo-se da representação da pequena mas tradicional parcella da Republica, sahiram das fileiras da Escola de Escoteiros, preparadora de homens sãos na moral, no physico e na intelligencia, e se propuzeram a realizar um importante raid pedestre ao Rio de Janeiro. Modernos Bandeirantes, cuja accção recorda a época brilhante das epopéas, eles conduzem a V. Exa, atravez de todos os perigos, difficuldades e sacrificios, a mensagem de saudação da cidade que, em 1839, foi a capital da Republica Catharinense. Queira V. Exa. recebel-a, como a positiva demonstração da sympathia de um povo, sempre sincero nos seus impulsos generosos e sempre guardador das suas gloriosas tradições. E ao lel-a, digne-se ouvir tambem o vehemente appello de soccorro que a Laguna dirige a V. Exa., em prol da mais nobre e da mais justa das suas aspirações, de cujo conseguimento depende o seu futuro, a sua prosperidade e, quiçá, a propria vida. Exmo. Snr. Presidente.

Acha se em vespas de solução um dos grandes e magnos problemas nacionaes, qual o da escolha definitiva do porto que vae servir de escoadouro do carvão extrahido das varias minas em exploração. Verdadeiras summidades na engenharia e na hydraulica, entre as quaes o saudoso Almirante Calheiros da Graça, pronunciaram-se a favor do porto da Laguna. E recentemente, em luminosos relatorios, os illustrados Engenheiros Dr. Belford Vieira e Dr. Le Coq de Oliveira manifestaram-se francamente favoraveis á prosecução das obras que se estão realizando no referido porto. Semelhantes opiniões, abalisadas e insuspeitas, proferidas por technicos de reconhecida competencia e comprovada honorabilidade, enchem de esperança o coração dos lagunenses e levam aos espiritos mais prevenidos a convicção de que o porto preferido deve ser o da Laguna, tanto pela posição hydrographica, que constitue um seguro abrigo, como porque a suspensão dos serviços de profundidade da barra representa um enorme prejuizo para os cofres publicos. Por isso, Exmo. snr. Presidente, a Laguna appella confiantemente para o abnegado patriotismo de V. Exa. e, depositando-lhe nas mãos os seus destinos, os quaes se resumem na realização do magestoso ideal que sempre fez vibrar a alma dos seus oito mil habitantes, espera que, não desprezado o seu porto, prosigam, efficientemente, as obras projectadas na respectiva barra e se proceda á dragagem do porto e competente conserva. O carvão, diariamente depositado nas duas secções do Caes, construido pela contribuição do commercio local, necessita de transporte. E a Laguna, enviando a V. Exa. o seu appello, por intermedio dos novos bandeirantes de Santa Catharina – os Escoteiros, abriga n’alma a consoladora certeza de que V. Exa. não lhe recusará o seu auxilio e apoiará providencias no sentido de serem emfim terminados os trabalhos da sua barra, a mais economica e a mais segura do sul do Estado. Creia, Exmo. Snr. Presidente, que a alma da Laguna lhe será eternamente reconhecida e que sobre a cabeça de V. Exa. hão de chover as benções de todo um povo, que glorifica a Patria, ama a Justiça e préza a gratidão⁹³.

Segundo Adalson Nascimento, “muitas fontes dão notícias de encontros entre escoteiros e dirigentes políticos, eclesiásticos, etc. Nestes encontros, os escoteiros levavam mensagens de congratulações” (2004, p. 57). O autor complementa citando a mensagem entregue ao presidente Roosevelt, em 1941, pelo jovem escoteiro Roberto Andrade, que fora recebido pela esposa desse estadista e lhe repassara o seguinte registro: “o presidente Vargas envia suas saudações e declara que tudo está fazendo para fomentar uma boa vizinhança entre

⁹³ ESCOTEIROS Lagunenses – O seu regresso á terra natal. Jornal **O ALBOR**. Laguna, 27.07.1924, nº 1066, p. 2 (BPESC).

os Estados Unidos e o Brasil. O que não pode ser terminado por nossa geração será terminado pela geração representada pelos escoteiros” (NASCIMENTO, A.; 2004, p. 57-58). Em vários outros casos, como o de Antídio Silva, recém-mencionado, trata-se de uma aventura individual, não obstante às suas projeções simbólicas específicas. O fenômeno lagunense, orientado para a capital da República e, noutro sentido, para o sul continental, configurou-se por um grupo e uma dupla, respectivamente. A meta dos escoteiros do norte, segundo a imprensa da cidade, seria uma espécie de difusão do papel formador da EEL, seu rigor, ao mesmo tempo que fundamentada nos preceitos cívicos e patrióticos, então circulantes nacionalmente. A surpresa, pois, surgia pela mensagem confiada ao presidente do país, Artur Bernardes, que deveria, segundo dispunha a matéria, salvar Laguna construindo seu tão anunciado porto para escoamento do carvão oriundo de Criciúma e região, além de potencializar a circulação de serviços e produtos no município. A rigor, as ambições lagunenses na esfera econômica, durante grande parte do período republicano, remetiam às adaptações necessárias para a navegabilidade de embarcações maiores em seu porto. O resumo dessa esperança frustrada de realização econômica é ilustrado por um livro emblemático, intitulado “Porto da Laguna: a luta de um povo traído”⁹⁴.

A autoria da carta não foi registrada pelo periódico, mas reproduzida por João dos Santos Areão, em seu “Adendo”, onde constavam cerca de trinta nomes, de políticos a comerciantes locais⁹⁵. A mensagem, por sua vez, revelava representações coletivas de largo alcance para a compreensão do escoteiro lagunense como portador de determinada cultura, determinada projeção do homem e da sociedade. Os quatro “bandeirantes” do sentido Laguna-Rio de Janeiro “conduzem a V. Exa. [...] a mensagem de saudação da cidade que, em 1839, foi a capital da Republica Catharinense”, sendo, igualmente, representantes “da pequena mas tradicional parcella da Republica”. Essas passagens resumem muitas das reflexões desenroladas até esta parte do trabalho, e destaca-se a dimensão simbólica do civismo praticado pelos membros da EEL em foco. Sua atuação cívica traduziria no mais amplo significado essa virtude republicana, então “amplamente forjada por rituais de constituição de corpos saudáveis e de mentes e corações disciplinados, a educação cívica era garantia de que a educação não viesse a tornar-se fator de desestabilização social” (CARVALHO, M.; 1989, p. 59). Seu devotamento ao interesse público, conforme as primeiras linhas transcritas acima, seria voluntário e “com a exclusiva preocupação” de valorizar Santa Catarina e,

⁹⁴ GUEDES Junior, Valmir. **Porto da Laguna: a luta de um povo traído**. Florianópolis, 1994.

⁹⁵ AREÃO, João dos Santos. Adendo representando uma etapa na vida dos escoteiros da Laguna, S/D, p. 44-5 (acervo particular Prof^a Dra. Gladys Mary G. Teive). “João Guimarães Cabral, Superintendente Municipal; João Guimarães Pinho, Octavio Pinto da Costa Carneiro, Conselheiro Municipal; [...]”

principalmente, Laguna, “conquistando mais um título de glória e de renome para a heroica terra lagunense”. Estava, ainda, o civismo a serviço das tradições do novo regime, haja vista a sua “homenagem ao grande martyr da Inconfidência Mineira”, na origem dos deslocamentos pedestres. Em linhas gerais, essas representações geraram significativas leituras e atitudes na sociedade lagunense da época, permanecendo na memória coletiva de algumas esferas municipais, como no documento de 1982, citado na primeira página deste subcapítulo. Assim disposto, é coerente afirmar que

o social produz-se através de uma rede de sentidos, de marcos de referência simbólicos por meio dos quais os homens comunicam, se dotam de uma identidade coletiva e designam as suas relações com as instituições políticas, etc. A vida social é produtora de valores e normas e, ao mesmo tempo, de sistemas de representações que as fixam e traduzem. Assim se define um código coletivo segundo o qual se exprimem as necessidades e as expectativas, as esperanças e as angústias dos agentes sociais. [...] A compreensão das estruturas inteligíveis das atividades sociais passa, pois, necessariamente, pela reconstrução do sistema de representações que aí intervém, bem como pela análise das suas combinações e funcionamento (BACZKO, 1985, p. 307).

Na mesma matéria, só que abaixo do texto dedicado ao presidente Bernardes, uma seção intitulada “Os Telegrammas” indicava os passos anteriores e os seguintes dos dois grupos escoteiros quando realizado o fim maior, no Rio de Janeiro. Entre os movimentos feitos pelos jovens na capital republicana esteve uma recepção pela bancada catarinense no congresso, os nomes registrados eram dos deputados Ferreira Lima, Elyseu Guilherme e Adolfo Konder. Sobre Antônio Faísca e Fernando Eghert, apenas se informava que estariam a caminho de Florianópolis a fim de chegarem junto dos colegas da rota norte, então viajando para essa cidade por meio da embarcação comercial “Max”, das empresas Höepcke. Essa dupla, segundo outra matéria do mesmo número, página e periódico em questão, enfrentou muitos empecilhos naturais e, assim, “infelizmente, a Cordilheira dos Andes, estando intransitável impossibilitou os nossos valentes Escoteiros de atingir a meta dos seus desejos”. Dois “telegrammas” se destacavam entre os cerca de oito: ambos foram expedidos por Álvaro Carneiro, sendo o primeiro direcionado aos escoteiros de ambos os grupos, que “alcançando *Max* venham por terra Capital. Dinheiro disposição Hoepcke Florianopolis (26.07)”. Dessa forma, seria possível inferir a existência de eventuais patrocinadores aos raids em evidência. Contudo, se esse eventual auxílio foi ou não o único concedido aos grandes deslocamentos empreendidos pelos escoteiros lagunenses, sua dimensão se tornaria periférica ao lado da outra mensagem telegráfica destacada, onde se registrava que seria um “reconhecimento indelevel, caso Congresso conceda auxílio caserna Escola, premiando assim raids Rio Buenos Aires (23.07)”. Por extensão, e considerando a mensagem entregue a Arthur Bernardes, houve

uma solicitação no sentido de retribuir o esforço do escotismo de Laguna, porém não fora feita formalmente. Por sua vez, a reportagem seguinte do mesmo periódico esclarecia melhor a questão, que passava pela autoridade política

do operoso deputado dr. Ferreira Lima, que tanto interesse vem demonstrando pelas coisas da nossa terra, bem merecendo, por isso, a gratidão de todos nós, recebeu o sr. Alvaro Carneiro presidente da Comissão Regional de Escoteiros, o seguinte telegramma :

< Rio, 35 – Motivo de grandes dificuldades para se obterem favores federaes, até subvenções antigas, a meaçadas seriamente de serem cortadas no orçamento, estamos lutando serem conservadas as catharinenses. Mesmo a sim, vamos trabalhar conseguir vosso pedido, relação caserna Escola Escoteiros. – Saudações >.

Nesse despacho, o illustre parlamentar não esconde as dificuldades que a representação catharinense terá de enfrentar, para obter do Congresso a concessão de um premio á nossa Escola de Escoteiros, pela brilhante conclusão dos *raids* < Laguna-Rio > e < Laguna-Buenos-Aires >. Entretanto, mantemos a grata esperança de que os esforços dos dedicados representantes de Santa Catharina alcancem o desejado exito, visto como, si se cogitou [sic] em conceder um premio individual de 10.000\$000 ao heroico Escoteiro Alvaro Silva, pelo arrojo do seu raid ao Chile, não seria justo recusar um premio colectivo á nossa Escola de Escoteiros, tanto mais quanto elle se destina á aquisição da respectiva caserna, impresindivel para deposito do material e, principalmente, para as prelecções moraes, que são a base em que assenta o grande edificio do Escotismo⁹⁶.

Ao mesmo tempo em que atuou em prol de Laguna e do Estado catarinense, a Escola de Escoteiros angariou esse retorno material, a princípio da esfera federal, segundo o texto. Talvez o largo reconhecimento obtido e, por outro lado, a informação de uma possível recompensa ao escoteiro citado tenham suscitado a expectativa acima exposta. De fato, a associação escoteira local polarizava as atenções naquele contexto, inclusive a governamental, como se percebe, e assim incorporava maior alcance simbólico. Nesse sentido, sua recepção em Laguna teve uma nítida atmosfera apoteótica, alimentada pela imprensa municipal, é claro, onde “grande numero de senhorinhas, exmas. senhoras, cavalheiros, autoridades federaes, estadoaes, municipaes e ecclesiasticas, escolas e a banda de musica *União dos Artistas*, aguardavam no caes a chegada dos destemidos escoteiros”⁹⁷. Os seis representantes do “Batalhão da Esperança” receberam distinções de várias entidades municipais, até do cinema, que juntava-se “ás homenagens que a Egreja, o Municipio, a Escola de Escoteiros e a [banda musical] União dos Artistas prestam aos 6 heroicos vencedores [...] e reserva-lhes lugar distincto. Será focalizado o magnifico filme MÃE, MISSÃO SUPREMA” (IDEM). A mobilização das representações coletivas nesse quadro afirmava publicamente a EEL e seus integrantes como expoentes sociais, em sintonia com a construção sociocultural de

⁹⁶ ESCOLA de Escoteiros. Jornal **O ALBOR**. Laguna, 03.08.1924, nº 1067, p. 2 (BPESC).

⁹⁷ ESCOTEIROS Lagunenses. IBIDEM.

legitimação do novo sistema político. Dessa forma, com efeito, seria possível recuperar o prestígio de outrora como “berço de heróis”. A propósito, heróis republicanos. Em síntese,

todo regime político busca criar seu panteão cívico e salientar figuras que sirvam de imagem e modelo para os membros da comunidade. Embora heróis possam ser figuras totalmente mitológicas, nos tempos modernos são pessoas reais. Mas o processo de heroificação inclui necessariamente a transmutação da figura real, a fim de torná-la arquétipo de valores ou aspirações coletivas (CARVALHO, J. M.; 1990, p. 14).

Naquele ano dos raides, ainda, outras condecorações públicas foram realizadas e a presença da EEL nos desfiles cívicos recebia reconhecimento significativo do jornal “O Albor”, que no ano seguinte teria a companhia do periódico “A Cidade”, dirigido por Godofredo Marques e, como redator-chefe, Tito Carvalho. Esse veículo se configurou como importante mediador do escotismo lagunense, publicando amiúde as suas apresentações sociais, suas atividades ordinárias (aulas de esgrima, canto, das leis escoteiras) e, sobretudo, as advertências e punições aos membros dessa instituição⁹⁸. Uma de suas matérias, por exemplo, retomava o assunto referente à edificação de uma sede para o grupo dirigido por Carneiro e Areão. Numa primeira nota, registrava a data de inauguração desse espaço, que ficaria “no andar terreo da Superintendencia Municipal. Após aquelle acto, os escoteiros farão uma passeata pelas ruas da cidade. A *Cidade* agradece o convite que lhe foi dirigido, fazendo-se representar”⁹⁹. Nesse mesmo número, remetente a 26 de abril de 1925, duas reportagens se destacavam na parte superior da primeira página: “Escola de Civismo” e “Exemplo Que Fica – Dois Escoteiros Arriscam a Vida e Salvam Uma Criança”, sendo a primeira uma análise do papel integral da formação escoteira e a segunda matéria um relato sobre o auxílio de João Francisco da Rosa, membro do grupo Laguna–Rio de Janeiro, e um colega escoteiro a um caso de afogamento infantil. Somando-se a essas representações, a nova sede da associação fundada por René Rollin estava localizada em plena prefeitura, significando, em linhas gerais, “simbolicamente um estatuto e uma posição” (CHARTIER, 1990, p. 23).

Além dessa projeção, a EEL mantinha a sua força através da exibição dos referenciais cívicos e morais também inscritos na educação escolar e, noutro sentido, pelo reconhecimento social advindo dessa prática, que expressava o imaginário sociopolítico da Primeira República. Suas relações com o Grupo Escolar não eram representadas claramente, assim como aquela apontada em relação ao governo municipal. Grosso modo, essa complexidade ilustra, inclusive, certa característica menos formal das relações entre as entidades políticas e

⁹⁸ ESCOTEIRISMO. Jornal **A CIDADE**. Números: 113, 123, 127 e 129, entre outros de 1925, p. 2 (BPESC).

⁹⁹ ESCOTISMO. Jornal **A CIDADE**. Laguna, 26.04.1925, nº 28, p. 2 (BPESC).

as civis do período, principalmente fora das capitais estaduais. A despeito dessa condição, dois eventos sinalizavam alguns aspectos do envolvimento entre o grupo escoteiro e a principal escola local:

O DIA DA BANDEIRA

O dia de hontem teve as suas comemorações nesta cidade. No Grupo Escolar Jerônimo Coelho foi realizado um festival, a que compareceu a escola de escoteiros. O director, sr. professor João dos Santos Areão dissertou sobre a Bandeira, a sua origem e historico. [...] Logo após a escola de escoteiros fez uma passeata pelas principaes ruas da cidade. A' tarde houve nova formatura para o arrear da Bandeira. Tanto as repartições publicas federaes, estadoaes e municipaes, como alguns edificios particulares, mantiveram as suas bandeiras hasteadas¹⁰⁰.

7 DE SETEMBRO

Estiveram bastante concorridas as festas em comemoração a data de 7 de setembro. O *Grupo Escolar Jeronymo Coelho*, realizou tambem neste dia uma festa, a qual constou de poesias e monologos pelos alumnos, finda esta foi organizada uma passeata que percorreu as principaes ruas da cidade, indo dissolver-se em frente ao Jardim, onde a Escola de Escoteiros executou varios numeros de gymnastica. [...] ¹⁰¹

Nesse contexto nacional, tinha especial importância a demonstração das tradições e das virtudes enfatizadas pela escola republicana, em detrimento de sua consideração “apenas pelos livros didáticos acompanhados das preleções dos professores em sala de aula. ‘As festas e comemorações, discursos e juramentos’ tornaram-se partes integrantes e inerentes da educação escolar” (BITTENCOURT, C.; 1992, p. 47). Assim disposto, percebe-se também em Laguna a necessidade dessa transposição simbólica, de modo que o grupo escoteiro exercesse seus distintivos, mediante sua educação do corpo, sua mobilização dos símbolos, seu garbo militar (conforme a apropriação do escotismo no Brasil da época), seus tambores e, em suma, sua representação coletiva durante os desfiles, os quais “se constituíam em um dos pontos de integração entre o Movimento e a sociedade em geral” (NASCIMENTO, A.; 2004, p. 50). Nesse sentido, a EEL protagonizava, como no caso dos eventos citados acima, o fenômeno comemorativo através de suas atividades públicas, que faziam reconhecer uma identidade social. Esse expediente simbólico, em especial, foi o principal fator para sua valorização no jornalismo da cidade. Sua reverência para com o ritual da bandeira, seus exercícios físicos e a própria passeata em si revelavam, de forma ordenada, caminhos para a participação comunitária, onde todos estariam na mesma direção, deferentes à ordem instituída. Para Chartier, em linhas gerais, “[...] as cerimônias públicas não representam apenas, mas também constroem as relações entre os grupos sociais e o Estado” (1990, p. 221).

¹⁰⁰ O DIA da Bandeira. Jornal **A CIDADE**. Laguna, 20.11.1925, nº 196, p. 2 (BPESC).

¹⁰¹ 7 DE SETEMBRO. Jornal **O ALBOR**. Laguna, 15.09.1925, nº 1.123, p. 2 (BPESC).

A atribuição simbólica do grupo dirigido por Álvaro Carneiro e João dos S. Areão, a despeito das faltas periodicamente anunciadas pela imprensa de alguns membros, terminava o ano de 1925 em alta nas páginas dos veículos “A Cidade” e “O Albor”. Uma matéria, em particular, tomava quase toda a capa de uma edição semanal, dando projeção à palestra de Afonso Pena Junior¹⁰², então ministro da justiça nacional, aos escoteiros cariocas, de modo a incutir certa representação autorizada sobre o movimento, ao mesmo tempo em que reiterava os seus fundamentos educacionais. Nesse compasso, outro evento pedestre era anunciado de forma vibrante num periódico. Dessa vez, seu motivo seria declarado já na primeira reportagem, além dos nomes que empreenderiam o trajeto Laguna-Florianópolis:

para o raid pedestre Laguna-Florianopolis, que a Escola Regional de Escoteiros dessa cidade levará a efeito em setembro proximo, por occasiao da posse do dr. Adolpho Konder do cargo de governador de Santa Catharina, já estão inscriptos os seguintes escoteiros:

Mario Guedes, Moacyr Orige, Francisco Silva, Zedar Silva, Antonio Martins, Erico Machado, Fernando Teixeira, Manoel Bessa, Agenor Bessa, Antonio Sebastião, Ludgero Soccas, João F. Rosa, Sylvio Teixeira, Jonas Medeiros, João Martins, Antonio Silva, Oreste Eghert, Sylvio Santos, Narbal Baptista, Salustiano Soccas, Oscar Natividade, Roberto Guedes, Armando Gomes, Herotides Prates, Armando Araujo, Heitor Bittencourt, José Macuco, José Guedes, Manoel Rocha, Cid Teixeira, Antonio Soares, Nildo Ulysséa, Gelson Teixeira, Glacio Rosa, Murilo Ulysséa, Jorge Guedes e Aldo Alcantara.

A escola que conta com 60 escoteiros para o referido raid, espera que dentro em breve os srs. paes deem o consentimento para que o nome dos seus filhos seja incluído na presente lista. Os exercicios são feitos diariamente das 18 ás 19 horas e a Escola precisa que todos compareçam sempre. Já foi marcada para 22 de setembro a partida da Escola, desta cidade¹⁰³.

Observando atentamente, no mais, torna-se possível inferir os núcleos familiares envolvidos na viagem noticiada e, por extensão, na própria EEL. Distinguem-se os sobrenomes remetentes aos segmentos mais favorecidos materialmente de Laguna, alguns já ilustrados nas primeiras páginas do subcapítulo 1.3. Nesse sentido, cabe recordar o caráter particular dessa associação escoteira, algo que também direcionava a participação de jovens das classes médias. Outrossim, alguns autores¹⁰⁴, indicam certo direcionamento social do escotismo, uma vez que surgido em um contexto de consolidação cultural desses setores médios na sociedade britânica. Sobre essa relação entre as bases do movimento escoteiro e as condições sociais que lhe favoreceram a mobilização naquele contexto (1ª metade do século XX), Judith Zuquim e Roney Cytrynowicz afirmam que

¹⁰² “SURSUM Corda” Civico. Jornal **O ALBOR**. Laguna, 29.11.1925, nº 1.134, p. 1 (BPESC).

¹⁰³ ESCOTEIRISMO – O raid pedestre Laguna-Florianopolis. Jornal **A CIDADE**. Laguna, 27.04.1926, nº 317, p. 2 (BPESC).

¹⁰⁴ Circe Bittencourt sobre o escotismo escolar paulista desenvolvido entre 1917 e a década de 1940 (1992, p. 50). Já Bruno Raposo (2008, p. 37), Cinara Bergmann (2011, p. 74; 92) e Max Eduardo Souza (2010, p. 36) afirmam a questão ao se referirem sobre casos específicos.

o movimento baseava-se em um programa padronizado, associado a uma estratégia de replicação em pequenas unidades supervisionadas por uma burocracia centralizadora, e constituía um forte apelo ideológico para a classe média. O ideário básico podia ser facilmente assimilado por indivíduos com formação educacional mediana, que tinham no escotismo talvez uma chance única de chefiar grupos e se tornar líderes na formação de crianças e jovens de seu grupo social. Além disso, disciplina, moderação, lealdade e obediência, entre outros valores, eram excepcionalmente adequados às famílias e organizações sociais das classes médias. [...] (2002, p. 51).

De resto, ficava a imagem de que o escotismo lagunense representaria a sua cidade com grande destaque na posse do novo governador. Além de registrar a data de partida e enfatizar a necessidade da frequência por parte dos membros escoteiros, o mesmo periódico repercutia em matéria posterior o eco jornalístico produzido em Florianópolis¹⁰⁵, acerca do raide anunciado. Este, contudo, foi realizado sem a difusão costumeira de outros anos, a tomar pelas notas da imprensa local, que em 1926 mal publicava as ações da EEL. A última divulgação¹⁰⁶, de fato, se deu através da reprodução de um pequeno texto oriundo do jornal “O Direito”, da vizinha Orleans, onde se informava a saída dos escoteiros a Florianópolis no dia seguinte à publicação orleanense. Essa partida provavelmente ocorreu entre o final de maio e o início de junho daquele ano, porém não seria essa a principal questão de análise agora, e sim o porquê do arrefecimento simbólico do outrora “Batalhão da Esperança” e “Patrimônio Moral” lagunense. A este respeito, um importante texto fora publicado uma semana antes do recém-citado. Sua autoria era autorizada na figura do lagunense Oswaldo Rodrigues Cabral, à época ainda conhecido apenas pela procedência familiar, pela graduação em andamento em medicina no Rio de Janeiro e pelo cultivo intelectual, que ainda não havia se apresentado por meio dos livros e estudos sobre a história catarinense. Nesse artigo jornalístico, Cabral não revelava literalmente a motivação para os elogios ao grupo extra-escolar de Laguna, todavia o simples cotejo cronológico sinaliza o sentido dessas positavações, devido à viagem pedestre dirigida a Florianópolis. Entretanto, nesse mesmo espaço, ele esboçava um quadro indiretamente revelador também do enfraquecimento simbólico do escotismo lagunense, a despeito do enaltecimento que ali se fazia. Explica-se: o entusiasmo dos escritores e jornalistas com relação ao movimento diminuía em outras plagas nacionais e, como se pôde ver, essa tendência se imporia igualmente em Laguna. Dada a

¹⁰⁵ RAID da Escola de Escoteiros. Jornal **A CIDADE**. Laguna, 06.05.1926, nº 324, p. 1 (BPESC).

¹⁰⁶ ESCOTEIRISMO. Jornal **O ALBOR**. Laguna, 06.06.1926, nº 1.159, p. 2 (BPESC). “[...] Laguna, nos vae dar amanhã mais outro bello gesto de civismo com a ida dos seus valorosos filhos, adolescentes, que formam a brilhante Escola Regional de Escoteiros, num raid pedestre á bella Florianopolis por ocasião da posse do sr. dr. Adolpho Konder, do cargo de governador do Estado [...]”

importância dessa representação para o entendimento do fenômeno local, sua transcrição, apesar de longa, faz-se mister:

O escotismo no Brasil, como as linhas de tiro, hoje em decadência e na maioria extintas, teve a sua phase aurea. Era consolador notar-se o entusiasmo varonil com que a meninada sahia ás ruas. [...] Não havia cidade que não fundasse a linha de tiro, a sua escola de escoteiros. Bilac, entretando, duas vezes immortal, o poeta e o apostolo, desapareceu do mundo dos vivos quando da campanha iniciada, começavam a apparecer os primeiros fructos. Ninguém mais se preocupou com a propaganda que Bilac deixara em metade. E cahindo foram as linhas de tiro, desaparecendo as escolas de escotismo. O sonho de Bilac entrou a desaparecer com a morte do poeta. O sorteio militar já não attrahia a mocidade. A insubmissão tomou enorme vulto. Começou a imprensa a clamar por medidas que viessem sanar o mal que ameaçava em suas bases a instituição do sorteio, pela qual se bateram tantos sonhadores e que de Bilac arrancára, em sua campanha de fé e civismo, as phrases mais ardentes e entusiasticas. Dentre os factores apontados como provocadores da falencia do Sorteio figurava, e com muita razão, a falta de que nos resentimos de escolas de civismo. Não só a caserna como tal era preciso que desde a infancia se viesse conhecendo o dever que a Patria impõe, que se viesse preparando o soldado do futuro. Entretanto nada ou pouco se fez e poucas são as linhas de tiro ainda hoje existentes e muito menor o numero de escolas de escoteiros. Estas visavam preparar uma mocidade puante, forte, patriotica, cumpridora dos seus deveres civicos sem relutancia e ainda destinadas a incutir no espirito das creanças, sempre prompto a receber quaesquer ensinamentos, lições que não são bem as que se recebem á beira das calçadas. O valor ali ensinado, o culto dos maiores, era ali celebrado. O desprendimento absoluto, o amor ao proximo, tudo isto prescrevia o Codigo do escoteiro e com vantagem vinha de ser cumprido, dada a pertinacia de alguns espiritos emprehendedores que estimulavam a meninada, citando e dando exemplos, premiando a bravura com o premio do escoteiro que era simplesmente o <soubeste cumprir o teu dever.> Combatido era o vicio, condemnado o mal, repellida a covardia. Entretanto, que resta de tudo isso? Quasi nada. O escotismo está esquecido no Brasil e só de quando em vez se houve fallar dos escoteiros catholicos de Nictheroy e dos escoteiros dos patronatos agricolas cuja existencia se deve ao sr. Dulphe P. Machado. Santa Catharina, entretanto, tem uma cidade onde ainda pratica o escotismo. Laguna, terra que um dia não poude distinguir, á prôa do <Seival>, Annita, dos homens de Garibaldi, Laguna das colinas verdes e dos areaes de ouro, possui ha annos uma escola de escoteiros, a preparar a mocidade de amanhã, e que se deve a uma pleiade de homens a quem o desanimo não conseguiu vencer, desses homens que não envelhecem nunca. Creação de Renê Rollin, de saudosa memoria, de Alvaro Carneiro, de Trindade e outros, a Escola Lagunense de Escoteiros ainda hoje enthusiasma o povo da linda cidade barriga-verde, com o garbo marcial de sua rapaziada. Epoca houve de desanimo, de descrença e não faltou talvez quem de utopistas chamasse aos sonhadores e realisadores da Escola. Não enfraqueceu, no entanto, o espirito daquelles bravos, o scepticismo alheio. E hoje, lá está, de pé, forte, o nucleo de sentimentos civicos, trabalhando na realização de homens fortes e pujantes, conhecedores dos deveres de cidadãos brasileiros, como um attestado eloquente á tenacidade dos seus creadores. Não ha muito, Curityba hospedou uma turma de escoteiros de Laguna que a tinham como ponto de escala de um raid que effectuaram de Santa Catharina á Capital Federal. Pela mesma época, outra turma de escoteiros da mesma cidade dava exhuberantes provas de sua resistencia indo a Montevidéo. Mais tarde, a cidade de Laguna apreciou a scena tocante de vêr um de seus escoteiros, menino de 13 annos apenas, atirar-se ao mar e salvar das aguas uma creança que estava na imminencia de perecer afogada. Todos estes exemplos são frizantes, positivos e falam a todos nós e que attestam o valor da Escola que os preparou. Nenhum escoteiro ainda alli se furtou ao dever prescripto no Codigo pelo qual se guiam : nenhum se furtará, creado neste ambiente, ao cumprimento dos deveres impostos pela Nação. Assim se preparam homens, assim se formam caracteres! Laguna pode portanto, orgulhar-se da sua escola de escoteiros. A terra de Annita Garibaldi, de Lamego e de Jeronymo Coelho pode

sentir-se honrada com a existencia em seu seio de uma das raras escolas de civismo existentes no paiz – e que inteira vibre de entusiasmo e de amor quando as fileiras juvenis do batalhão dos sonhadores de minha terra, passarem a cantar o seu canto marcial que mais devera ser o seu hymno de gloria. <Nós somos os escoteiros bons brasileiros... >¹⁰⁷

Cabral identificava, entre outros aspectos, a debilitação simbólica das linhas de tiro e, especialmente, do escotismo em escala nacional. Referia-se, provavelmente, às regiões centrais da cultura nacionalista daquele contexto, a saber, São Paulo e Rio de Janeiro. Nesse sentido, a título de contextualização, a matéria escoteira havia deixado formalmente de fazer parte do currículo escolar paulista a partir de 1925, continuando, porém, “a ser praticado nas escolas públicas [...] até meados do século XX, sem o caráter de obrigatoriedade e a euforia que marcaram os anos 20” (SOUZA, 2000, p. 117). O escrito daquele autor, ainda, refletia as mesmas representações já típicas sobre o movimento escoteiro como um meio de formação de sujeitos “que, em muitos pontos, aproximavam-se do cidadão ideal pensado pelos movimentos nacionalistas [de fins do século XIX e início do século XX]” (NASCIMENTO, A.; 2004, p. 33-34). Reiterava, por sua vez, a visão que outros intelectuais e políticos brasileiros republicanos alimentavam referente ao caráter harmônico desse segmento pedagógico “para o desenvolvimento do civismo e do nacionalismo” (RAPOSO, 2008, p. 28). Algo que o escritor em evidência não imaginava, todavia, era o atrofiamento gradual da EEL, simbolizado pela indiferença aparente da imprensa lagunense, que desde as duas últimas matérias aqui transcritas não mais lhe remetia quaisquer registros ao longo daquele ano. Talvez, a população da cidade não a patrocinasse mais ou não a procurasse para o ingresso de suas crianças. Destaca-se, não obstante, que o jornalismo local sempre subsidiara simbolicamente a Escola fundada por René Rollin, mesmo em anos de paralisação ou de dificuldades materiais, entre 1917 e 1924, e então em 1926 passava a, de certa forma, refletir uma tendência que se configurava, de acordo com o próprio Cabral, nacionalmente. Essa manifestação, grosso modo, ilustrava como o discurso jornalístico se torna “um documento valioso para se pensar como a sociedade articula suas experiências e expectativas em um determinado ponto de sua trajetória histórica, como ela confere sentido a esta trajetória” (NEVES; MOREL; 1998, p. 69). Em síntese, tanto o escotismo em Laguna como o próprio imaginário sociopolítico nacionalista pareciam não atrair mais como outrora os canais locais de difusão. Essa associação entre o segmento extra-escolar e o nacionalismo da Primeira República fora alimentada e, paradoxalmente, agora desprezada pelos veículos de informação

¹⁰⁷ OSWALDO R. CABRAL. ESCOTEIROS de Laguna. Jornal **A CIDADE**. Laguna, 26.05.1926, nº 340, p. 1 (BPESC).

lagunenses, num esquema que mostrava, por um lado, a dependência da EEL desses discursos jornalísticos para a manutenção de sua importância e, por outro ângulo, a significativa ressonância social que possuíam esses discursos na época.

2.3 - A “ESCOLA DE CIVISMO” OFUSCADA ENTRE 1927 E 1930

Segundo J. B. Bitencourt (1997, p. 187), não obstante a construção historiográfica realizada por autores lagunenses de significativo reconhecimento pós-1930, como Ruben e Saul Ulysséa e o próprio Oswaldo R. Cabral, que reforçaram a representação passadista da cidade, desenvolvia-se nesse panorama final da década de 1920 certa perspectiva simbólica de futuro onde se valorizava a renovação, e “algumas [...] cidades do sul do Estado apresentavam um desenvolvimento jamais visto, em função da produção do carvão, e afiguravam-se as formas capitalistas de mercado e com elas o descarte do antigo”. Nesse sentido, também seria coerente relacionar o desinteresse jornalístico manifestado naquele contexto local à EEL e, principalmente, aos eventos cívico-escolares, que igualmente passavam a certa penumbra simbólica. Em linhas gerais, sendo a representação de um determinado fenômeno ou do próprio passado uma construção, o seu grau de relevância maior ou menor se faz num presente específico e socialmente. Nessa direção, por conseguinte, lê-se como

os mass media não se limitam a aumentar o fluxo de informação; modelam também as suas características [...]. A informação está centrada na atualidade, sendo, portanto, necessariamente atomizada e fragmentada: o acontecimento que é hoje posto em foco, amanhã será esquecido e recalçado. Devido tanto a sua quantidade como a sua qualidade, esta massa de informações presta-se particularmente as manipulações. A sua transmissão impõe inevitavelmente uma seleção e uma hierarquização por parte dos emissores (BACZKO, 1985, p. 313).

Em meados de 1927, contudo, algumas matérias recuperavam o tema do escotismo em Laguna por ocasião da mudança de João dos Santos Areão, que, de acordo com nota do “O Albor”¹⁰⁸, mudava-se “para Blumenau, com sua exma. família, onde vae fixar residência, [...] recentemente nomeado inspetor estadual do ensino”. Nessa nota, porém, não há qualquer remissão à EEL, apenas ao Grupo Escolar administrado por Areão, segundo a mesma referência, durante quinze anos. Devido a essa mudança, ainda, outro periódico tentava preservar o grupo escoteiro, veiculando o seu perfil favorável ao nacionalismo, além de capitalizar a figura do substituto daquele dirigente:

¹⁰⁸ JOÃO Areão. Jornal **O ALBOR**. Laguna, 24.04.1927, nº 1.203, p. 2 (BPESC).

Sob a direcção do sr. João Francisco Rosa, reiniciaram-se na tarde de ante-ontem, os exercicios da Commissão Regional de Escoteiros. Não se cumpre, ao que parece, a prophesia singularmente pessimista, lançada por alguns espiritos “blasés”, de que, com a retirada do habil instructor que era o sr. João dos Santos Areão, essa util instituição civil dissolver-se-ia dentro de pouco tempo. Os exercicios levados a effeito, na noite de ante-ontem, a que compareceu um farto numero de alumnos, disciplinados e garbosos, como sempre, são um bom symptoma. Signal de que o “boy-scout” lagunense já se amoldou aos ensinamentos disciplinares e hoje obedece com a mesma docilidade a um professor severo ou a um antigo companheiro de fileiras, o que é alicerce solido a garantir a indissolubilidade dessa modelar escola de civismo. Somos que numa instituição como o escotismo a disciplina é o princípio básico, pelo qual se consegue dos alumnos o respeito da lei, o culto da verdade, o dominio da vontade, a abominação do vicio e até mais vivo o amor a Deus, a patria e a familia. E, esse principio, que se vincula ao oitavo preceito dos “Deveres do Escoteiro”, souberam os instructores que ainda têm passado pela Commissão Regional daqui imprimir profundamente no espirito dos jovens escoteiros conterrâneos. Ora, uma instituição fechada ao desgoverno e onde não penetra a desobediência a superiores hierarchicos, não se dissolve a falta de quem na dirija. A uma corporação formada por moços educados a qualquer outro que tenha os conhecimentos necessários, mesmo práticos, é fácil tomar-lhe a direcção. O sr. João Francisco Rosa é um “boy-scout” com largo treino como instructor. No grande “raid” que fez, justamente com outros companheiros, á capital da República, teve a oportunidade de visitar a Associação Brasileira de Escoteiros, de São Paulo, e ali prestar exame e obter a classificação de “guia”. Nessa viagem sorveu úteis ensinamentos, ouvindo, por exemplo, em companhia de seus collegas e de quem redige estas linhas, no gabinete de trabalho do ardoroso paladino do escotismo, a palavra cheia de fé e estimuladora de Coelho Netto. Não é portanto a um alumno novo, mas a um escoteiro experimentado. Ninguem, pois, mais apto do que esse moço para substituir o habil instructor que vem de deixar a Commissão Regional. Ademais, será o premio alcançado pelo sr. João Francisco Rosa, pela sua viagem pedestre ao Rio e sua persistencia e dedicação para com a escola, na qual se alistou ha coisa de dois lustros¹⁰⁹.

Membro da Escola de Escoteiros de Laguna desde sua fase primordial e, conforme lembrava o texto, participante do célebre raide de 1924, João Francisco da Rosa retomava as atividades do grupo então como chefe-instructor. Acima de tudo, a matéria revelava certo “pessimismo” de parte da sociedade lagunense com aquela instituição e, como resposta a essa tendência, salientava os referenciais do escotismo de acordo com preceitos nacionalistas já refletidos neste trabalho. Em suma, o escoteiro seria obediente e convidativo às normas e tradições, sejam estas religiosas, civis ou políticas. Apesar da representação favorável, a única matéria subsequente desse ano, 1927, a mencionar a EEL ilustrava uma nova reativação da mesma, que, igualmente, não conseguiu ser duradoura. Nesse novo texto, houve a transcrição de uma reportagem florianopolitana, que associava aquela instituição escoteira à importância cultural de Laguna, então evocada como expoente histórico do Estado:

Por uma informação particular, sabemos que um grupo de moços entusiastas vai levantar, na Laguna, a escola de escoteiros. E’ uma noticia que conforta e alegra, por sabe-la patriótica e de elevada significação moral. A escola de escoteiros lagunenses foi a mais brilhante do nosso Estado e, quem sabe, uma das mais luzidas do Brasil.

¹⁰⁹ COMMISSÃO Regional de Escoteiros. Jornal **A CIDADE**. Laguna, 27.04.1927, nº 526, p. 1 (BPESC).

Cada escoteiro, ali, tinha a compreensão do dever, Amanda a Pátria e ao próximo, batendo-se pelo ideal de grandeza de um e beneficiando e auxiliando o outro. Isso não nos causa admiração. E' uma nova que não surpreende, porque conhecemos, há muito, a superioridade da gente heróica daquela formosa terra. Laguna, a lendaria, é uma pagina viva de frisante heroísmo. O lagunense é o povo mais ardoroso, mais vehemente e patriota de Santa Catharina. A sua historia é um facho de luz radiosa, illuminando espadas e metralhas. Terra do heroísmo, do amor, da belleza, a cidade azul tem, na sua gente, um reflexo radiante de um passado nobre. Bendito seja o dia em que a Laguna, em peso, cantar, num bello arranco de patriotismo: "E sem temer/ e sem fugir/ o nosso dever/ vamos cumprir". Para diante, lagunenses! A vossa terra é um symbolo redivivo!
Do "O Estado", de 1/9/27¹¹⁰.

A transcrição, por sua vez, tinha o intuito de potencializar a imagem referente ao retorno do escotismo lagunense às suas práticas. O grupo surgia, consoante a representação, como um dos mais importantes do país, a despeito de sua paralisação recente. Em geral, a EEL era veiculada como um vetor do nacionalismo em desdobramento no novo regime, e assim aparecia também como uma das manifestações da singularidade cultural e histórica da cidade, como é possível verificar na matéria acima e em outras ao longo do trabalho. Se funcionou por um mês ou mais a começar pelo marco destacado na matéria, é praticamente impossível afirmar. Apenas está claro que por cerca de um ano e meio não foi reportada qualquer presença ou participação comemorativa do grupo escoteiro local, nem dos próprios eventos cívicos, antes de dimensões simbólicas tão significativas. Nesse interstício, todavia, outro texto da imprensa lagunense ilustrava a insatisfação pelo congelamento das atividades no Tiro de Guerra 137, que estaria nessa condição há pelo menos um mês¹¹¹. Seu dirigente maior, Saul Ulysséa, então solicitava "aos socios contribuintes do Tiro 137, para que auxiliem as despesas dessa corporação, já feitas para sua organização". De todo modo, a mesma penumbra que ofuscava a linha de tiro municipal talvez fosse também aquela que contribuía para manter a EEL no silêncio jornalístico e igualmente na inatividade. Nesse compasso, pouco mais de um ano depois do apelo de Ulysséa, outra matéria evocaria a imagem mais marcante referente à ligação entre o grupo escoteiro e o TG137, no espaço das festas e desfiles públicos:

[...] ainda nos lembramos com saudades das bellas formaturas feitas pelo Tiro 137 e pela Escola de Escoteiros, que tanto brilho davam ás commemorações civicas, bem demonstrando a pujança da nossa raça e que nos fazia evocar aquelles mensageiros da dignidade nacional, pelejando altivos e indomaveis na campanha do Paraguay.
[...]¹¹²

¹¹⁰ ESCOTEIROS. Jornal **O ALBOR**. Laguna, 04.09.1927, nº 1.222, p. 2 (BPESC).

¹¹¹ O TIRO 137. Jornal **A CIDADE**. Laguna, 12.01.1928, nº 585, p. 1 (BPESC).

¹¹² TIRO DE Guerra 137. Jornal **O ALBOR**. Laguna, 03.02.1929, nº 1.291, p. 1 (BPESC).

O texto, no conjunto, reclamava a recuperação da linha de tiro local. Esse excerto, por sua vez, ressaltava o lastro simbólico que esses eventos cívicos marcaram nos canais de memória de Laguna, especialmente através da atuação escoteira, que, de modo geral, redimensionava “as paradas com bandeiras e tambores, emblemas e flâmulas, os uniformes [...] e permitem entender as formas pelas quais se criava uma forte identidade entre os participantes [escoteiros]” (NASCIMENTO, A.; 2004, p. 43). Não obstante, como já fora ocorrido mediante a intervenção simbólica de Tito Carvalho em outras épocas, esse texto fundamentalmente direcionado à reativação do Tiro de Guerra 137 acabou por ecoar na sociedade lagunense. Por coincidência ou não, sua representação nostálgica referente à EEL, mesmo sutil, pode ter influenciado no seu restabelecimento, após cerca de dois meses. Nesse sentido, duas notas jornalísticas do mês de retorno às atividades escoteiras sinalizavam algumas das imagens que lhe remetiam a determinada identidade perene:

E’ com grande satisfação que noticiamos a reorganisação da nossa tradicional “Escola de Escoteiros”, sob o commando do sr. João Roza, com um effectivo de 50 rapazes. Felizmente já se ouve o toque da corneta e o apito dos escoteiros lagunenses, chamando ao exercicio novos collegas. Quase todas as noites, elles cruzam garbosos ás ruas da cidade, despertando vivo entusiasmo na alma da população, que nutre ainda a esperança de ver a pequenina “Escola” de hoje, tornar-se em breve, tão disciplinada e admirada, como a de outros tempos. Applaudimos com sinceridade, a feliz iniciativa dos reorganisadores, de uma das instituições, que muitos beneficios vem trazer a rapaziada da nossa terra, inculcando-lhe nos espiritos, o amor, o dever e a ordem. Avante, e que nada interrompa a sua marcha, para novas conquistas e victorias¹¹³.

Com a presença de um grande numero de Escoteiros, tomou posse no dia 22 do corrente, a nova directoria que tem de dirigir a Escola de Escoteiros durante o anno corrente, que ficou constituída da seguinte modo: Presidente, Alvaro Carneiro (reeleito); 1º vice-presidente, João Ibanez; 2º vice-presidente, Francisco M. Pinho; 1º secretario, Rubi Pinho Teixeira; 2º secretario, Carlos Cabral; thesoureiro, Eurico Machado; delegado technico, João dos Santos Areão; director Albano Espínola; instructores, João Rosa e Alvaro Silveira. Felicitamos aos jovens escoteiros, pela feliz escolha dos membros de sua directoria¹¹⁴.

Dentre os novos dirigentes, alguns nomes chamam a atenção. João dos Santos Areão, mesmo residindo em outro município continuaria ligado ao escotismo lagunense, ao menos no papel, já João Ibañez fora secretário do TG137 em 1927¹¹⁵, assim como Carlos Cabral e Rubi Teixeira fizeram parte dessa instituição àquela época. Francisco M. Pinho era filho de um dos líderes do Partido Republicano estadual, João Guimarães Pinho¹¹⁶, e Albano Espínola era diretor do Grupo Escolar Jerônimo Coelho, substituindo Areão desde sua saída, em 1927.

¹¹³ ESCOLA de Escoteiros. Jornal **O ALBOR**. Laguna, 14.04.1929, nº 1.301, p. 1 (BPESC).

¹¹⁴ ESCOLAS de Escoteiros. Jornal **O ALBOR**. Laguna, 28.04.1929, nº 1.303, p. 2 (BPESC).

¹¹⁵ A REORGANIZAÇÃO do Tiro 137. Jornal **A CIDADE**. Laguna, 25.09.1927, nº 559, p. 2 (BPESC).

¹¹⁶ CORONEL João Guimarães Pinho. Jornal **O ALBOR**. Laguna, 25.12.1948, nº 2.260, p. 1 (BPESC).

Mantinha-se, portanto, a estrutura de outros anos, com a figura do dirigente escolar de maior vulto na cidade e alguns munícipes de reconhecido vestígio simbólico. Assim mesmo, a EEL ressaltava também a sua condição institucional, de penetração comunitária. As instituições, em linhas gerais, estão inseridas em um sistema social onde “as estruturas [...] são historicamente produzidas pelas práticas articuladas (políticas, sociais, discursivas) que constroem as suas figuras” (CHARTIER, 1990, p. 27).

À primeira vista, encontrava-se organizado o grupo escoteiro presidido por Álvaro Carneiro. Os periódicos seguintes, contudo, omitiam-lhe eventuais referências, assim como faziam com os eventos comemorativos, que não recebiam sequer notas convencionais, mesmo aqueles realizados internamente ao Grupo Escolar. Esse desdobramento era esclarecido, por conseguinte, numa pequena matéria redigida pelo então 1º vice-presidente da EEL, sob um seu pseudônimo já empregado em outras vezes na imprensa local:

Quantas saudades deve ainda existir nos corações lagunenses, ao recordar bellos desfiles do “Batalhão da Esperança”, pelas ruas de nossa cidade! Já lá se vão longos annos; mas o bello jámais se esquece. Aos nossos ouvidos resoam ainda as vibrantes notas da Canção dos Escoteiros:

“Nós somos ainda meninos

Cantamos hymnos

Que são divinos...”

Como devemos sentir-nos felizes, recordando tão bello espectaculo! Hoje, tudo é differente. A evolução em sua marcha victoriosa de tudo modernisar, modernisou o character da meninada. Ella já não é a mesma, simples e pura; já sabe fumar, beber, jogar e entrar em casa ás caladas da noite! Veio do Club ou do Café! Impulsiva, não acceita conselhos e admoestações. Laguna que se ufanava de possuir a melhor e a mais disciplinada Escola de Escoteiros do Estado, a quarta do Brasil, hoje, resta-lhe apenas, um punhado de meninos a cerrar fileiras no seu querido batalhão, um punhado somente que escapou á sanha civilisadora, mantendo intacto o seu character e ideal. A Escola de Escoteiros ainda não morreu, dizem elles. Pobres meninos! Quanta admiração á vossa persistencia! Sem auxilio moral e material, porfiam em manter a sua escola de civismo. Esperamos que vençam e mostrem aos indifferentes que, *tambem brincando, se é util a pátria*. Lag., agosto 929 **Joiba**.¹¹⁷

Seria essa, de fato, a última reportagem sobre a EEL durante a fase circunscrita na Primeira República. As referências à memória são freqüentes, associando a nostalgia à recordação dos “bellos desfiles do ‘Batalhão da Esperança’, pelas ruas de nossa cidade!”. A tomar pelo registro, o escotismo lagunense seria o “melhor e mais disciplinado” de Santa Catarina à época, além de ser o quarto mais importante do Brasil. Nessa direção, de modo geral, “um dos caracteres fundamentais do fato social é, precisamente, o seu aspecto simbólico” (BACZKO, 1985, p. 306), não importando, portanto, se o segmento extra-escolar em evidência seria concretamente o maioral no Estado ou o quarto mais relevante a nível

¹¹⁷ ESCOTEIROS de Laguna. Jornal **A CIDADE**. Laguna, 04.08.1929, nº 670, p. 2 (BPESC).

nacional. O crédito que capitalizaria por meio da representação lhe renderia, assim, o retorno social almejado, possivelmente a consolidação administrativa amiúde perseguida e patrocinada pela imprensa municipal.

No mais, o texto de Ibañez apresentava certa ambivalência, a saber, simultaneamente enaltecia a memória do “Batalhão da Esperança” e demonstrava certa inquietação com o seu esvaziamento simbólico e humano. A preocupação do autor, por sua vez, estava ilustrada por passagens do tipo: “[...] resta-lhe apenas, um punhado de meninos a cerrar fileiras [...]. A Escola de Escoteiros ainda não morreu, dizem elles. Pobres meninos! [...] Sem auxilio moral e material, porfiam em manter a sua escola de civismo”. Não durava, assim, quatro meses sequer a nova reativação da EEL. Entretanto, o interesse permanecia por parte do jornalismo local, se bem que amainado, túbio, numa esperança algo impotente, conforme a conclusão transcrita: “esperamos que vençam e mostrem aos indiferentes que, *também brincando, se é útil a pátria*”. Nenhuma outra menção se fez ao grupo badeniano de Laguna até 1939, quando ressurgia com vigor o apelo nacionalista devido à atmosfera européia e, principalmente, devido ao governo de exceção centralizado por Getúlio Vargas. Também nesse período, onde a EEL voltaria às atividades, as funções extra-escolares seriam adaptadas a determinada tendência sociocultural, apesar das eventuais resistências. As representações, autorizadas ou não, mas certamente dispostas em uma avalanche simbólica, mais uma vez atenderiam aos interesses integradores, homogeneizantes, como “uma forma de comunicação capaz de levar à aceitação e direcionar a visão de mundo da população para um consenso que legitimasse a visão institucionalizada” (BITENCOURT, J.B.; 2002, p. 19). Até lá, os apelos cívico-patrióticos em Laguna se confortariam parcialmente com a presença descontínua do Tiro de Guerra 137. A memória, não obstante, mais uma vez recriaria o real, representando-o com crianças uniformizadas e ordenadas com a bandeira nacional em punhos, com instituições civis e militares agrupadas num cortejo que evoluiria junto, na mesma cadência e sob a mesma acústica, para uma única direção.

Capítulo 3 - OS BONS BRASILEIROS SÃO LAGUNENSES! SUA TERCEIRA FASE DE ATUAÇÃO (1939-1960)

Nas páginas seguintes, é analisada a terceira fase do grupo escoteiro lagunense. Reativando-se no ano de 1939, em pleno desdobramento das políticas de nacionalização varguista, o escotismo local era recriado como “Associação dos Escoteiros de Laguna”. Esse ressurgimento se relacionava a diversos fatores de ordem nacionalista, de modo que as representações culturais referentes à atuação escoteira ampliaram ainda mais o seu aspecto cívico-patriótico-militar. Essa construção discursiva é compreendida, também, por meio dos vestígios da memória escoteira de Laguna, mediante as entrevistas de dois ex-membros da Associação.

3.1 - O PAPEL DO ESTADO NOVO E A RECRIAÇÃO DO MOVIMENTO BADENIANO EM LAGUNA

O desfecho da segunda fase de atuação escoteira em Laguna, ainda que intermitente, concretizou-se sem um anúncio ou matéria formal nos veículos impressos da cidade. O único sinal, não obstante, consistiu naquele pequeno artigo de João Ibañez, o que ilustrava certa atmosfera melancólica para essa instituição extra-escolar naquele município, haja vista a significativa mudança em relação ao contexto de inatividade anterior. Neste, entre 1919 e 1924, os jornais e revistas lagunenses evocavam a EEL sistematicamente, reforçando seu significado social d’antes constituído. Entre agosto de 1929 e o mesmo mês de 1939, por exemplo, circularam no “Berço de Anita” ao menos sete periódicos (ver “fontes e arquivos”, em “fontes e referências”) e não foi encontrada uma menção sequer ao escotismo dirigido por Álvaro Carneiro ou ao movimento badeniano em nível geral. Interessante, todavia, observar que esse movimento ganhara, em julho de 1928¹¹⁸, mais um reconhecimento público federal, reafirmando certo prestígio, a despeito do arrefecimento das iniciativas escoteiras em São Paulo e, no caso catarinense, em Laguna.

Por outro lado, a década de 1930 se iniciava com reviravoltas importantes nos campos político e econômico do país, que também se refletiriam no escotismo praticado. A chamada “Revolução de 30”, liderada por Getúlio Vargas, influenciou sobremaneira as relações entre a esfera política federal e suas extensões em nível estadual e municipal, provocando alterações

¹¹⁸ Decreto 5.497, de 23 de julho de 1928, que garantia em seu artigo 2º: o Governo promoverá a adoção da instrução e educação escoteiras nos colégios e institutos de ensino técnico e profissional mantidos pela União; No artigo 1º a União dos Escoteiros do Brasil, fundada em novembro de 1924, no Rio de Janeiro, era reconhecida em sua utilidade pública e como entidade a quem cabia a orientação e a fiscalização do escotismo nacional (NASCIMENTO, A.; 2004, p. 77-79).

na legislação nacional e também na do Estado de Santa Catarina (MONTEIRO, 1984, p. 58). Esse contexto geraria novas demandas para a educação popular brasileira, assim como reiteraria antigos anseios lagunenses, no sentido de legitimar a sua importância sociopolítica na região sul catarinense, apesar da estagnação econômica dessa cidade (BITENCOURT, J.B.; 2002, p. 224-5) (DALLABRIDA; SILVA; 2005, p. 4). Nesse compasso, as matérias jornalísticas revelavam uma retomada progressiva das iniciativas nacionalistas, principalmente através dos eventos cívico-escolares. O prefeito municipal, por exemplo,

procurava apresentar a cidade vivendo sob um espírito de comunidade, de sociabilidade participativa ao ideário nacional, exemplo de engajamento às diretrizes de Vargas. A Laguna da gestão Tasso mostrada nestas solenidades era uma cidade em festa, um povo feliz, uma sociedade harmônica, que seguia ordeira rumo ao futuro aderindo à visão do “grande chefe”. [...] Foram bastante comuns durante a administração de Giocondo Tasso, manifestações cívico-festivas nas quais se construía a imagem ordeira e harmônica da sociedade lagunense (BITENCOURT, J.B.; 2002, p. 191)¹¹⁹.

Segundo as representações transmitidas¹²⁰, durante os cerca de dez anos de desativação escoteira, os desfiles e celebrações em Laguna foram protagonizados pela linha de tiro, que então preencheria o espaço simbólico extra-escolar, frequentemente acompanhada por instituições escolares, com destaque ao Ginásio Lagunense, fundado em 1932. Muito embora o escotismo não fosse formalmente citado pelo jornalismo local nesse interstício, é coerente inferir que sua retomada em agosto de 1939 guardou forte relação com esse ambiente claramente nacionalista em Laguna, em especial após ser implantado o regime de exceção por Getúlio Vargas, em 1937. Nesse momento, muitos eventos cívicos passaram a ser celebrados em semanas inteiras (Semana da Pátria, do Trabalho, da Raça, por exemplo), de modo a desenvolver uma memória pública em sintonia com o Estado Novo. Nesse sentido, uma das maiores comemorações lagunenses foi, de certa forma, uma significativa motivação ao retorno escoteiro no município. A celebração do “Centenário da República Catarinense”, entre 22 e 29 de julho de 1939¹²¹, teve dimensões superlativas, com inauguração de monumentos e reunião de estudantes florianopolitanos, do representante do interventor federal Nereu Ramos e de diversas autoridades estaduais. Um dos principais incentivadores para a realização desse

¹¹⁹ Ver convite da prefeitura para a recepção de uma autoridade, em 1942, anexo 5, pág. 130.

¹²⁰ Entre outras matérias: 7 DE SETEMBRO. Jornal **A CIDADE**. Laguna, 08.09.1934, ano 10, nº 60, p. 1; TIRO de Guerra – Festividade civico-militar. Jornal **CORREIO DO SUL**. Laguna, 30.08.1936, nº 245, p. 1; “7 DE SETEMBRO”. Jornal **O ALBOR**. Laguna, 15.09.1937, nº 1.710, p. 1; FESTA CIVICA – Em comemoração da morte de Tiradentes, o proto-martir Republicano. Jornal **CORREIO DO SUL**. Laguna, 24.04.1938, nº 331, p. 1 (acervo da BPESC).

¹²¹ AS COMEMORAÇÕES do Centenário da República Catarinense – Missa campal – A inauguração do obelisco erguido á Praça Conselheiro Mafra – A caravana dos estudantes de Florianópolis. Jornal **O ALBOR**. Laguna, 08.08.1939, nº 1.806, p. 1 (BPESC).

evento em suas proporções monumentais fora Álvaro Carneiro¹²², cujo óbito era noticiado na mesma edição que relatava aquelas festividades¹²³. Coincidentemente, ao final do mesmo mês um artigo anunciava o encontro que marcaria o recomeço do escotismo em Laguna, porém nenhum dos veículos locais então correntes mencionava essa relação entre o falecimento do seu maior dirigente escoteiro e a reativação do movimento sequencialmente. No mais, a essa matéria registrava que

ninguém de Laguna ignora o que foi e o fausto que teve a Escola de Escoteiros já havida entre nós, a ponto de ser considerada, naquela epoca, uma das mais bem organizadas do paiz. E bem que prestou serviços á juventude daquele tempo, do que é testemunho os que ainda vivem e foram parte dela. Agora e acompanhando o que vai de entusiasmo pelo territorio patrio, secundando os esforços dos que querem ver uma mocidade vigorosa de corpo e coração, util a si e aos precipuos interesses nacionais, está aí a patriotica iniciativa de um grupo de pessoas abnegadas que, contando com o apoio decidido de toda gente de Laguna, vai fazer reviver os tempos do escoteirismo em nossa terra. Hoje na sala de espetaculos do “CINE PALACE”, ás 10 horas da manhã, terá lugar a primeira reunião, para se discutir a organização do novel Grupo de Escoteiros, estando o convite que recebemos assinado por pessoas que nos merecem o melhor conceito. Resta que, os páis de filhos em idade de serem incorporados ao Grupo de Escoteiros, emprestem seu decidido apoio moral e material a tão util quão patriotica escola educacional, de vês que, como disse o grande presidente Getulio Vargas, “Todo o nosso esforço tem de ser dirigido no sentido de educar a mocidade e prepara-la para o futuro”. Agradecendo sinceramente o convite recebido, e antecipadamente confiantes no pleno êxito da ideia que será uma absoluta realidade dentro em pouco, declaramos que êste jornal se coloca á disposição do escotismo como arauto fiel dos seus bons ensinamentos. Nossos louvores sem rebuços aos iniciadores da nova aurora para os jovens lagunenses¹²⁴.

Antes de tudo, a representação acima remetia a um quadro sociopolítico maior, identificado pela idéia de adesão ao “que vai de entusiasmo” nacionalmente, além da própria citação varguista. De fato, o escotismo experimentou grande impulso durante o Estado Novo, que o adaptou com vistas a formar “um ideal cívico de mobilização da ‘nação brasileira’ e constituição de um Estado corporativo ‘forte’” (ZUQUIM; CYTRYNOWICZ; 2002, p. 55-6). Essa adaptação consistiu na criação da Juventude Brasileira (JB), movimento juvenil estatal inspirado nos métodos escoteiros e ao qual esteve vinculada a União dos Escoteiros do Brasil, durante a ditadura de Vargas. Essa entidade - JB - foi formalizada apenas em 1940¹²⁵, mas

¹²² ALVARO Carneiro. Jornal **O ALBOR**. Laguna, 10.08.1940, nº 1.855, p. 1 (BPESC). Nessa matéria, que homenageava o antigo presidente da EEL após um ano do seu falecimento, registrava-se que Carneiro dirigiu “uma campanha intensa em favor de uma comemoração condigna do primeiro centenario da proclamação da Republica Catarinense. E não se poderá negar que a sua influência foi decisiva no movimento de reação á indiferença que parecia querer tomar-nos”.

¹²³ ALVARO Carneiro. Jornal **O ALBOR**. Laguna, 08.08.1939, nº 1.806, p. 2.

¹²⁴ ESCOTEIROS em Laguna. Jornal **O ALBOR**. Laguna, 26.08.1939, nº 1.808, p. 1 (BPESC).

¹²⁵ Decreto-Lei nº 2.072, de 8 de março de 1940. Dispõe sobre a obrigatoriedade da educação cívica, moral e física da infância e da juventude, fixa as suas bases e, para ministrá-la, organiza uma instituição nacional denominada Juventude Brasileira (NASCIMENTO, A.; 2004, p. 93).

desde 1938 vinha sendo discutida e projetada publicamente por meio da Organização Nacional da Juventude, de autoria do ministro da justiça Francisco Campos (HORTA, 1994, p. 137-205). Ademais, alguns anos antes, em 1936, o movimento escoteiro ganhara outro reconhecimento oficial através da Lei 342, de 12 de dezembro de 1936, que registrava a implantação do escotismo nas escolas primárias e secundárias do Brasil (NASCIMENTO, A.; 2004, p. 107-8). Este autor complementa que “efetivamente a Lei não foi regulamentada”, servindo apenas para caracterizar certa deferência oficial para com aquela instituição. Entre outras questões que alimentaram o novo impulso escoteiro no país, essas referências institucionais se destacavam, uma vez que cristalizavam parte do nacionalismo então corrente e que, de alguma forma, suscitava a sugestiva menção acerca do “entusiasmo” que se proliferava em âmbito nacional e que era, assim, acompanhado pela iniciativa lagunense.

As representações, por sua vez, ilustram mais do que aquilo que registram, apesar de se apresentarem como algo natural, onde a reflexão é contornada. Nesse sentido, o escotismo em Laguna reaparecia nas páginas jornalísticas após dez anos, justamente quando os eventos cívico-escolares ganhavam maiores repercussões e os setores tradicionais da sociedade local almejavam corresponder às demandas de identificação estadonovista e de modernização econômica mediante a tão desejada contrapartida do porto na cidade. Sobretudo, por representar um determinado modelo cultural e saber protagonizar simbolicamente os desfiles e celebrações públicos, o grupo escoteiro lagunense ganhava do periódico um espaço fixo, “como arauto fiel dos seus bons ensinamentos”.

A primeira diretoria da atualizada Associação dos Escoteiros de Laguna (AEL) demonstrava bem a sua ressonância em certos segmentos da comunidade local¹²⁶. Como presidente e seu principal agente durante os anos 1940, José Américo Dias Barreto, então “Inspetor das Rendas Estaduais”¹²⁷ naquela cidade, como secretário o diretor do Ginásio Lagunense, Germano Donner, e como “Chefe-Geral” Francisco Martins Pinho, filho do antigo político republicano catarinense João Guimarães Pinho. Outras personalidades de destaque social no município eram Gil Ungaretti, dentista, ex-prefeito provisório e posteriormente presidente do diretório local do PTB, que seria um dos organizadores dos estatutos da AEL, e como responsáveis pela “Propaganda e Inscrição”, Pompílio P. Bento, então proprietário do jornal “Sul do Estado” e político destacado (PIAZZA, 1994, p. 100), o médico Paulo Carneiro, o professor e escritor Ruben Ulysséa, o proprietário do periódico “O Albor”,

¹²⁶ FUNDADA a Escola de Escoteiros em Laguna. Jornal **O ALBOR**. Laguna, 02.09.1939, nº 1.809, p. 1 (BPESC).

¹²⁷ O DIA da Patria. Jornal **O ALBOR**. Laguna, 13.09.1941, nº 1.908, p. 2 (BPESC).

Antônio Bessa, e o major Antônio Moreno, instrutor do Tiro de Guerra 137. Mesmo a relação completa dos dirigentes sendo maior, o que se busca sinalizar com os nomes acima é uma configuração restrita que, de certa forma, indicava o lugar social da própria Associação fundada. Na mesma matéria, ainda, o dirigente máximo do novo grupo escoteiro propôs “que se desse conta da instalação da Associação de Escoteiros nesta cidade, em telegrama, aos srs. drs. Getúlio Vargas e Nereu Ramos [...], o que foi unanimemente aprovado”. Conscientes do prestígio do escotismo junto a Vargas e, principalmente, atraídos pelo ideal de afirmação simbólica da terra de Anita, os agentes da AEL assim sublinhavam mais uma vez o papel central que ela possuía no sentido de representar publicamente determinados referenciais nacionalistas. A este respeito, Adalson Nascimento afirma, de modo geral, que “o Movimento Escoteiro propiciava à infância e à juventude uma formação física e moral com valores que iam ao encontro da cultura política nacionalista” (2004, p. 92).

Com efeito, o escotismo promovia já em suas bases badenianas¹²⁸ “uma formação moral embasada no princípio de ordem e [que], portanto, caminhava ao encontro do *espírito militar*” (NASCIMENTO, A.; 2004, p. 98-9). A Associação dos Escoteiros de Laguna, por sua vez, recebia constante difusão justamente pelas ações públicas que executava, em especial durante os eventos cívico-escolares. Ali, esses atributos tipicamente militares (exercícios físicos, higiene, autocontrole, hinos, marchas, emblemas, uniformes, etc.) eram ressaltados por meio das representações jornalísticas, dado o seu papel categórico no desdobramento dos projetos nacionalistas, principalmente num regime de exceção, como o Estado Novo. Nesse compasso, José Silvério Baía Horta afirma que “o escotismo era visto como uma forma de ampliação da área de influência do Exército e como uma espécie de preparação para o serviço militar” (1994, p. 225), assim como algumas matérias lagunenses transmitiam, por vezes, com relação à AEL:

Fato que se pode agora lembrar e que vem comprovar a utilidade das Associações de Escoteiros no Brasil, e a sua ativa participação nos diferentes serviços de vigilância e Defesa Passiva Anti-Aérea. Em Laguna, os nossos escoteiros dão provas de seu patriotismo cooperando com as autoridades policiais em atividades locais que constituem oportuno treinamento físico e mental¹²⁹.

[...] Resultado do patriótico esforço dos srs. J. A. Dias Barreto, Francisco Fernandes Martins e Agenor Brum, a associação dos Escoteiros prestou os mais relevantes

¹²⁸ Ver BADEN-POWELL, 1993, p. 41-3 e 317-9. Não se pretende aqui definir precipitadamente o movimento escoteiro como militarista ou qualquer outra generalização similar. Não obstante, nas páginas destacadas, o fundador dessa instituição apresentava questões como a necessidade de resistência, o patriotismo, a autodisciplina e o auto-aperfeiçoamento de modo análogo, figurado, aos princípios de ordenação militar difundidos nacional e internacionalmente naquela primeira metade do século XX.

¹²⁹ ESCOTEIROS de Laguna. Jornal **SUL DO ESTADO**. Laguna, 26.09.1942, nº 182, p. 4 (BPESC).

serviços à juventude lagunense, arregimentando menores, educando-os e disciplinando-os dentro das normas nacionais de educação cívico-militar. [...] ¹³⁰

Paralelamente, nos desfiles cívicos a própria sociedade participante poderia reconhecer certo conjunto de atitudes, eventualmente se apropriando de determinada prática cívica ou, por outro lado, valorizando publicamente posturas e códigos específicos. Naquele momento eram como a projeção dos trabalhadores ideais. O grupo escoteiro lagunense lidou com essa representação amiúde. De 1939 a 1943, sua menção em jornais como “O Albor” e “Sul do Estado” às vezes chegava a quatro matérias em um mesmo número, relatando diversas atividades, mas sempre com evidente realce às celebrações e paradas públicas. Nesse sentido, em seu estatuto, registrado pelo último veículo, dois artigos remetiam à relação da AEL com esses eventos:

ART. 43º - A Associação comemorará obrigatoriamente os dias (da Pátria) 7 de Setembro; (da Bandeira) 19 de Novembro; (de São Jorge – patrono mundial dos escoteiros) 23 de Abril; e a data (da fundação da Associação) que é o dia 26 de Agosto.

ART. 44º - a Associação se esforçará para auxiliar por meio de seus escoteiros, as campanhas patrióticas e cívicas, e as movidas contra os vícios e o analfabetismo ¹³¹.

A rigor, foram dezenas de festividades e paradas públicas noticiadas nessa última fase de investigação. Uma característica modificada em comparação à dinâmica da antiga EEL consistia, num primeiro nível, na maior proporção dos eventos cívicos, pois entre 37 e 45 sua realização deveria ser pública às escolas e seu caráter de obrigatoriedade estava efetivamente fiscalizado, ao contrário do controle desenvolvido quando da Primeira República. Num segundo aspecto, observa-se relatos mais nítidos com relação ao envolvimento dos escolares aos escoteiros durante os desfiles nesses anos. A este respeito, possivelmente a formalização da Juventude Brasileira em 1940 contribuiu para uma maior homogeneização dos jovens que participavam das comemorações e dos desfiles oficiais até 1945. Essa entidade estatal, destinada a todos os jovens e crianças em idade escolar, basicamente se apresentava em poucas datas cívicas, em geral “no dia 21 de abril, em comemoração ao sacrifício de Tiradentes, e no primeiro domingo de setembro, em comemoração à Independência do Brasil” (HORTA, 1994, p. 234). Em Santa Catarina, contudo, apresentou-se também em outras ocasiões e o grupo escoteiro lagunense guardava forte relação com suas atividades. Como a

¹³⁰ ASSOCIAÇÃO Escoteiros de Laguna. Jornal **SUL DO ESTADO**. Laguna, 26.08.1944, nº 276, p. 3 (BPESC).

¹³¹ ASSOCIAÇÃO dos Escoteiros de Laguna – Estatutos. Jornal **SUL DO ESTADO**. Laguna, 22.02.1941 e 08.03.1941, nº 126 e 127, p. 2 e p. 3 (BPESC).

União dos Escoteiros do Brasil fora incorporada à Juventude Brasileira¹³², e a AEL, assim como o escotismo em Santa Catarina¹³³, estava incorporada à federação paranaense (signatária da UEB), houve diversas participações dos escoteiros de Laguna nos eventos daquela entidade estatal em cidades catarinenses. Nessa direção, uma viagem desses jovens lagunenses a Florianópolis foi destacada simultaneamente pelos jornais “O Albor” e “Sul do Estado”, devido ao caráter de que se revestiu:

Acompanhados pelo sr. Dias Barreto, esforçado presidente da associação dos Escoteiros de Laguna, e sob a chefia dos não menos dedicados srs. Francisco Martins Pinho e Agenor Brum, seguiram no dia 30 de Abril proximo passado para Florianopolis, afim de tomarem parte na grande parada que ali teve lugar, em homenagem a data 1º de Maio, consagrada ao operariado, os destemidos escoteiros lagunenses, que como éra de esperar-se, formaram garbosamente ao lado de seus irmãos da capital do Estado, sendo vivamente aclamados pela assistencia que apreciava o grandioso desfile. Os nossos disciplinados escoteiros, que foram portadores de uma mensagem do sr. Prefeito Municipal, ao sr. dr. Interventor Federal no Estado, rejubilando-se pela passagem do 6º aniversario de seu governo, regressaram a esta cidade no dia 2 do corrente pela manhã, bem dispostos e satisfeitos da missão cumprida¹³⁴.

[...] A's 8 e 1/2 [...] incorporaram-se ao monumental desfile da Juventude [Brasileira], e ainda mais uma vês os bravos lagunenses se conduziram de fôrma a merecer palmas e elogios. Em seguida uma comissão constituída dos monitores Amilton Alcantara, Turibio Luciano, e Joaci Ungareth acompanhada dos chefes Pinho e Brum e do Snr. Dias Barreto [...] fez entrega da mensagem que o Prefeito Giocondo Tasso mandava em seu nome e no do povo de Laguna ao grande estadista [Nereu Ramos] [...]¹³⁵.

De certa forma, os jovens da AEL convergiam para si duas importantes imagens nessa experiência: afirmavam-se como referências sociais à juventude mediante o desfile protagonizado na capital do Estado e, na sequência, legitimavam-se como representantes da própria Laguna, consoante sugeriam os textos. Outrossim, evocava mais uma vez a célebre

¹³² “O Presidente da República, tendo em mira a proposta feita ao Ministro da Educação pela União dos Escoteiros do Brasil, no sentido de ser esta instituição incorporada à Juventude Brasileira, Decreta:

Art. 1º Fica incorporada à Juventude Brasileira a União dos Escoteiros do Brasil.

Art. 2º É autorizada a União dos escoteiros do Brasil a manter a sua própria organização, nos termos dos seus estatutos, a serem aprovados por decreto do Presidente da República.

Art. 3º Serão baixadas, na forma do art. 27 do decreto-lei n. 2.072, de 8 de março de 1940, as necessárias instruções para a conveniente incorporação da União dos Escoteiros do Brasil à Juventude Brasileira” (NASCIMENTO, A.; 2004, p. 119). O autor ainda complementa que “na abertura do Decreto-Lei, fica evidente o fato de a incorporação dos escoteiros dar-se em função da reivindicação da UEB”. Afirma, ainda, que “os termos da incorporação, no entanto, ficaram por ser definidos, porém nunca foram regulamentados”. Não obstante, Nascimento registra uma “incorporação simbólica”, durante o célebre evento no estádio de São Januário, onde Getúlio Vargas discursou para mais de cinquenta mil crianças (p. 120).

¹³³ NOTÍCIAS Escoteiras – Grande formatura da Juventude Brasileira. Jornal **O ALBOR**. Laguna, 24.08.1940, nº 1.857, p. 2. “A Federação de Escoteiros do Paraná e de Santa Catarina, á qual está filiada a Associação de Escoteiros de Laguna [...]”. Ver também: ASSOCIAÇÃO de Escoteiros. Jornal **SUL DO ESTADO**. Laguna, 19.02.1944, nº 248, p. 4 (BPESC).

¹³⁴ ESCOTEIROS Lagunenses. Jornal **O ALBOR**. Laguna, 03.05.1941, nº 1.890, p. 2 (BPESC).

¹³⁵ OS ESCOTEIROS em Florianopolis. Jornal **SUL DO ESTADO**. Laguna, 10.05.1941, nº 134, p. 1 e 4.

representação do raide de 1924, uma vez que a viagem supracitada possivelmente também guardava relação com o porto sonhado nessa cidade. Segundo João Batista Bitencourt, esse empreendimento foi iniciado em julho de 1941, como promessa procedente de Vargas no ano anterior ao prefeito lagunense, quando de sua visita a Santa Catarina (2002, p. 167). Por conseguinte, é possível inferir certa conexão entre a mensagem intermediada pelos escoteiros e o início das operações federais no porto de Laguna. Nesse sentido, o escotismo local era novamente dotado de uma designação praticamente política, como potencial polarizador das demandas simbólicas locais, “como afirmação das nossas tradições de povo sensível aos sentimentos de brasilidade e patriotismo”¹³⁶. O alcance dessas ações públicas da Associação sinalizava, em linhas gerais, o quanto determinadas atividades extrapolavam o escotismo ordinário e, assim, construíam uma cultura escoteira específica, onde as ações sociopolíticas, eventualmente, instrumentalizavam-na e adaptavam-na como fulcros de identificação nacionalista. A propósito, Jorge Carvalho do Nascimento afirma que durante o período varguista a apropriação das práticas escoteiras “transformou a proposta de Baden-Powell em um importante instrumento de inculcação do discurso nacionalista. O Escotismo brasileiro entrou em crise” (2008, p. 305).

Entre as ações escoteiras lagunenses, suas viagens e visitas a outras cidades eram representadas sobremaneira em seus aspectos cívico-patrióticos¹³⁷. Nas imagens mais recorrentes, a AEL reafirmava o corolário de sua terra natal, “berço de heróis”, promovendo-a como centro histórico e cultural, a despeito da eventual defasagem econômica dali. Dessa forma, pois, verifica-se a presença daqueles jovens em Tubarão (1939), Criciúma e Imbituba (1940), Florianópolis e Bifurcação, este um distrito de Laguna (1941), Araranguá e Orleans (1942). Dos grupos criados nessas localidades, o único explicitamente fundado mediante o auxílio da Associação foi o da comunidade de Bifurcação, segundo os periódicos pesquisados. Com relação à iniciativa mencionada, a mesma surgiu durante um acampamento da AEL, em tributo a Tiradentes, quando escotistas e escoteiros lagunenses visitaram uma escola local, apresentando-se por meio de alguns atributos (hinos, exercícios, marchas, etc.) e, por fim, através do discurso de J. A. Dias Barreto, que enalteceu o exemplo do Mártir da Independência. Em seguida, o texto registra que

[...] Como resultado da visita dos nossos escoteiros ao povoado de Bifurcação, que dista 9 kilometros daqui, ficou plantada ali a semente fecunda que produzirá a criação de mais um grupo de escoteiros para difundir esse sistema de educação patriótica entre os nossos jovens dos campos. Será seu animador o Snr. Pedro

¹³⁶ DIA da Pátria. Jornal **O ALBOR**. Laguna, 12.09.1959, nº 2.801, p. 4 (BPESC).

¹³⁷ Rever nota 89 (pág. 70), sobre os *ajuris* e demais intercâmbios inerentes ao escotismo de modo geral.

Pacheco dos Reis, o qual teve com os dirigentes da nossa Associação de Escoteiros os primeiros entendimentos a respeito. [...] ¹³⁸

Nessas viagens, muitas vezes o grupo escoteiro lagunense era convidado pela própria prefeitura dos municípios, como em Araranguá e Orleans, o que indica, inicialmente, um prestígio regional destacado do escotismo naquele contexto. Adalson Nascimento, por outro lado, afirma que “os escoteiros visitavam não apenas colegas de Movimento. Muitas fontes dão notícias de encontros entre escoteiros e dirigentes políticos, eclesiásticos, etc. Nestes encontros, os escoteiros levavam mensagens de congratulações” (2004, p. 57). Além desse aspecto, era comum o intercâmbio entre as associações, como a própria teoria do movimento preconizava (IBIDEM, p. 57-8). Por outro lado, as fontes oriundas da própria AEL poderiam, se disponíveis, demarcar a profundidade dessas trocas e, especialmente, até onde essa instituição era incentivadora dos grupos criados nas localidades vizinhas a Laguna. Em Tubarão, por exemplo, a entidade foi fundada em setembro do mesmo ano de reativação escoteira em Laguna¹³⁹, sendo seu secretário o senhor “João Pacheco dos Reis”, coincidentemente o mesmo sobrenome do organizador do grupo em Bifurcação, supracitado. Um detalhe relevante dizia respeito ao período em que foram noticiados esses deslocamentos, concentrando-se apenas enquanto decorria o Estado Novo, sem quaisquer menções entre 45 e 60. Essas relações, a rigor, compunham certa disposição simbólica onde os jovens lagunenses legitimavam-se como símbolos de sua própria sociedade, seu próprio município, em meio a um quadro sociopolítico “pautad[o] no autoritarismo e no fortalecimento do Estado” (BITENCOURT, J.B.; 2002, p. 86). Numa dessas representações, justamente relatando a visita da Associação à cidade vizinha, um periódico ilustrava que, como efeito ao discurso do escoteiro Cléo, “[...] muitas palmas coroaram de exito as palavras do escoteiro interprete do pensamento dos seus companheiros e do proprio povo de Laguna”¹⁴⁰.

Outrossim, era no ambiente do Estado Novo que se concentrava a maioria das representações referentes à Associação dos Escoteiros de Laguna. O prefeito Giocondo Tasso, então, freqüentava regularmente as celebrações cívicas e sua deferência para com o grupo presidido por Dias Barreto era bastante clara. Sua participação ativa passava pelos eventos e desfiles abertos, onde distribuía os distintivos escoteiros às “patrulhas”¹⁴¹, premiava os

¹³⁸ ESCOTEIROS de Laguna em Bifurcação. Jornal **SUL DO ESTADO**. Laguna, 01.05.1941, nº 133, p. 2.

¹³⁹ ASSOCIAÇÃO de Escoteiros de Tubarão. Jornal **CORREIO DO SUL**. Laguna, 01.10.1939, nº 406, p. 2.

¹⁴⁰ EXCURSIONARAM á Tubarão os escoteiros de Laguna. Jornal **SUL DO ESTADO**. Laguna, 23.12.1939, nº 66, p. 1.

¹⁴¹ PRIMEIRO desfile da Associação dos Escoteiros de Laguna – Uma empolgante demonstração de civismo da juventude lagunense. Jornal **O ALBOR**. Laguna, 09.12.1939, nº 1.821, p. 1 (BPESC).

campeões das provas internas à AEL¹⁴², discursava nessas ocasiões e, sobretudo, transmitia-lhes uma valorização institucional que reforçava determinada projeção coletiva. Nesse sentido, os escoteiros mobilizariam seus símbolos e práticas no sentido de promover publicamente valores específicos, fazendo reconhecer socialmente certa unicidade de ações, discursos, representações coletivas. Dessa forma, os escoteiros lagunenses não recebiam do prefeito apenas a incumbência de intermediar um telegrama político, como naquelas reportagens citadas, logravam, também, ser investidos do símbolo máximo da juventude estadonovista:

Domingo, 6 do corrente às 10 horas, realizou-se, na séde da Associação de Escoteiros de Laguna, magnifica cerimonia civica, á qual compareceram pessoas de destaque que assistiram a entrega do Pavilhão da Juventude Brasileira, pelo Prefeito Municipal sr. Giocondo Tasso, aos escoteiros e ao Colegio Stella Maris. Falou o presidente da Associação de Escoteiros, sr. J. A. Dias Barreto que em breves palavras ressaltou a significação daquela cerimonia sobremaneira expressiva para os nossos escoteiros. [...] ¹⁴³

Ações como essas, em linhas gerais, podem influenciar uma sociedade em sua visão de mundo e hábitos diversos. A integração entre as esferas de comunicação e o poder político no direcionamento de determinados referenciais simbólicos pode desenvolver não apenas um processo de memória, mas também as posturas de conveniência à autoridade e à ordem estabelecidas. Assim mesmo, o grupo escoteiro de Laguna era investido de mais uma representação coletiva, dado que a Juventude Brasileira agregava todos os jovens escolares, desde a infância até a adolescência (07 a 18 anos), com o intuito de complementá-los moral, física e civicamente (NASCIMENTO, A.; 2004, p. 115). A relação entre a AEL e o governo municipal, todavia, não se limitava ao apoio simbólico, conforme uma matéria de 1959 registrava¹⁴⁴. Essa constatação, por sua vez, não possibilita afirmar quando começou o auxílio material, apenas que se tratava de uma quantia simbólica, que também era oferecida às duas bandas musicais com o mesmo valor¹⁴⁵. Nos estatutos da Associação, por outro lado, eram destacados os modos de contribuição e, contudo, não se mencionava qualquer participação governamental nesse expediente. Possivelmente, passou a ser realizada na década de 1950, a

¹⁴² PRIMEIRO aniversario dos escoteiros de Laguna. Jornal **O ALBOR**. Laguna, 31.08.1940, nº 1.858, p. 2.

¹⁴³ ASSOCIAÇÃO de Escoteiros de Laguna. Jornal **SUL DO ESTADO**. Laguna, 12.09.1942, nº 180, p. 4.

¹⁴⁴ “[...] A única fonte de receita com que conta esta entidade é a subvenção anual de cr\$ 6000,00 - do Governo do Municipio de Laguna”. ASSOCIAÇÃO dos Escoteiros. Jornal **O ALBOR**. Laguna, 09.05.1959, nº 2.783, p. 1.

¹⁴⁵ [As bandas musicais “União dos Artistas” e “Carlos Gomes”] “[...] A Prefeitura Municipal as subvenciona, anualmente, com Cr\$ 6.000,00 cada uma. Mas esta subvenção é paga em prestações e por muito empenho das diretorias [das bandas]”. BANDAS Musicais de Laguna. Jornal **CORREIO DO SUL**. Laguna, 25.09.1955, nº 942, p. 2 (BPESC).

se orientar também pela matéria referente às bandas musicais. Dois capítulos do documento interno remetiam a essa questão:

[...] CAPÍTULO VI – Socios: ART. 33º - A Associação [...] tem as seguintes categorias de socios:
 a) – efetivos;
 b) – auxiliares;
 c) – beneméritos;
 § 1º - Socios efetivos são os Lobinhos, Escoteiros, Pioneiros, Auxiliares, Sub-Chefes, Chefes e os Membros da Diretoria.
 § 2º - Socios auxiliares são as pessoas ou coletividades, que não praticando o escotismo, auxiliam á Associação financeiramente com as mensalidades estipuladas.
 § 3º - Socios beneméritos são as pessoas ou coletividades, as quais se julgue dever esse titulo, pelos donativos e auxilios concedidos à Associação.
 [...] ART. 36º - São fixadas as seguintes contribuições:
 § 1º - Mensalidades; Membros: da Diretoria, 3\$000; socios auxiliares, 2\$000; Chefes, Sub-Chefes, Instrutores e Auxiliares, 1\$000.
 § 2º - Cotisação anual: Pioneiros, 2\$000; Escoteiros, 1\$000; Lobinhos, \$500.
 § 3º - As cotisações de que trata o paragrafo anterior, serão arrecadadas pelos Chefes de Grupos, e remetidos à Tesouraria da Associação.
 ART. 37º - O registro dos Pioneiros, Escoteiro e Lobinho, será feito anualmente por solicitação dos Chefes de Grupos, mediante a taxa de 1\$000. [...] ¹⁴⁶

A disposição mensal garantida pelos membros da diretoria, sócios auxiliares e escotistas, no parágrafo 1º do 36º artigo, já seria suficiente para superar o amparo anual proveniente do poder municipal. Uma das últimas matérias que indicaram os dirigentes do escotismo lagunense¹⁴⁷, por exemplo, registrou nove componentes. Não à toa, uma passagem outra mencionava que a maior parte dos recursos da AEL provinha “principalmente da contribuição mensal do [seu] quadro de socios”¹⁴⁸. Com isso, busca-se apenas sinalizar mais o aspecto simbólico do envolvimento entre o poder público e o grupo escoteiro local, dado que a subvenção do primeiro representava pouco materialmente. No mais, essa relação permite fundamentar parte do fenômeno escoteiro em Laguna, no sentido de identificar determinadas representações que proporcionaram a essa instituição um lugar privilegiado e possíveis desdobramentos em sua atividade extra-escolar.

De modo geral, a Associação dos Escoteiros de Laguna experimentava gradualmente o empecilho econômico no que se refere à aquisição de equipamentos e ao exercício de diversas atividades, assim como a antiga Escola sofrera. Após o Estado Novo até 1960, observa-se mais uma vez o arrefecimento de sua representação jornalística no mesmo ritmo dos eventos e

¹⁴⁶ ASSOCIAÇÃO dos Escoteiros de Laguna – Estatutos. Jornal **SUL DO ESTADO**. Laguna, 22.02.1941, nº 126, p. 2 (BPESC).

¹⁴⁷ “[...] Presidente, Boaventura Barreto; vice-presidente, Manoel Americo de Barros; secretario, Norberto Ulysséa Ungaretti; tesoureiro, Jesael Bento e conselho fiscal os srs. Padre Gregorio Warmeling, Antonio Bessa, Ruben Ulysséa, Pedro Piva Jr. e Silvio Moreira Filho”. ASSOCIAÇÃO dos Escoteiros de Laguna. Jornal **O ALBOR**. Laguna, 01.09.1951, nº 2.395, p. 1 (BPESC).

¹⁴⁸ NOTAS Escoteiras. Jornal **SUL DO ESTADO**. Laguna, 23.11.1940, nº 113, p. 1 (BPESC).

desfiles públicos, que então mal eram noticiados pelos periódicos locais. Até 1945, nessa terceira fase do movimento em Laguna, verifica-se o freqüente auxílio por parte dos comerciantes e da comunidade lagunense à AEL¹⁴⁹, o que, após esse limiar, pode ter continuado sem o alcance simbólico de antes ou então realmente ter se esvaziado, deixando o grupo escoteiro em dificuldades. O clima político, naturalmente, era menos intenso após o regime de exceção encabeçado por Vargas. O próprio escotismo recuperou sua autonomia a partir de um decreto federal em 1946¹⁵⁰, quando a Juventude Brasileira fora revogada. Assim disposto, era compreensível que o apelo cívico-patriótico de determinadas práticas da Associação se tornasse menos convidativo às representações dos meios impressos municipais.

Por outro lado, dois acontecimentos desse período ilustravam o prestígio que o escotismo ainda apresentava em Santa Catarina. No “Terceiro livro de leitura” da série didática “Fontes”, empregada em grande parte da rede escolar catarinense entre os anos 1920 e 1950, houve lugar de destaque à doutrina badeniana, promovendo aspectos que iam de encontro a uma concepção parcial de sua pedagogia, no sentido de enfatizar alguns dos seus aspectos excessivamente disciplinadores e patrióticos (FONTES, 1951). Tal como muitas matérias impressas de Laguna fizeram em outros anos e ainda o faziam esporadicamente nos anos 1950 em relação ao escotismo, esse livro didático, em linhas gerais, fazia circular, dentro e fora das escolas, “valores, normas, condutas, tradições e representações de uma determinada época” (CUNHA, 2011, p. 83). Noutro caso, em específico, também a Associação dos Escoteiros de Laguna se projetava publicamente no Estado e legitimava seu status institucional perante os demais grupos escoteiros de Santa Catarina. Nesse sentido, o Decreto-Lei nº 1.543, de 20 de outubro de 1956, sancionado pelo governador Jorge Lacerda, beneficiava a AEL mediante o reconhecimento formal do governo do Estado:

O GOVERNADOR DO ESTADO DE SANTA CATARINA, faço saber a todos os habitantes deste Estado, que a Assembléia Legislativa decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º Fica declarada de utilidade pública a Associação dos Escoteiros de Laguna, com sede na cidade de Laguna.

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data da sua publicação.

A Secretaria da Saúde e Assistência Social assim a faça executar. [...] ¹⁵¹

¹⁴⁹ Jornal **CORREIO DO SUL**, 05.11.1939, nº 411; Jornal **O ALBOR**, 27.04.1940, nº 1.841; 14.11.1942, nº 1.965; Jornal **SUL DO ESTADO**, 23.11.1940, nº 113; 28.12.1940, nº 118; 01.01.1944, nº 241.

¹⁵⁰ “O Decreto-Lei nº 8.828, de 24 de janeiro de 1946, *dispõe sobre o reconhecimento da União dos Escoteiros do Brasil como instituição destinada a educação extra-escolar* e permitiu à entidade manter *organização própria*” (NASCIMENTO, A.; 2004, p. 126).

¹⁵¹ Decreto-Lei nº 1.543, de 20 de outubro de 1956 (Centro de Memória da Assembléia Legislativa de Santa Catarina).

Essa iniciativa não foi tratada publicamente, por meio do jornalismo local, sendo enviada à assembléia estadual pelo deputado Tupi Barreto, que fora delegado em Laguna entre 1930 e 1955, aproximadamente (PIAZZA, 1994, p. 84-5). A ação, todavia, foi acompanhada por outra de mesma natureza, que reconhecia a “Sociedade Amigos de Laguna” como de utilidade pública¹⁵², também transmitida pelo ex-delegado citado. Nessa instituição civil, circulavam como dirigentes¹⁵³ alguns dos membros diretores do grupo escoteiro, como Ruben Ulysséa, Antônio Bessa, Manoel Américo de Barros, Norberto Ulysséa Ungaretti e Sílvio Moreira Filho, desses, dois já haviam sido presidentes da AEL¹⁵⁴. De fato, não há notícias anteriores que registrem essa Sociedade, que possivelmente havia sido fundada na década de 1950. Sobre sua relação efetiva com o grupo escoteiro não há qualquer matéria ilustrando ou afirmando um possível envolvimento. No mais, aquele decreto governamental apenas formalizava uma condição que essa esfera educativa já proporcionava em Laguna, a saber, uma utilidade pública a partir das representações de sua atividade nos eventos e desfiles cívico-escolares, além de representar o município quando ocorreram as viagens e intercâmbios escoteiros durante o Estado Novo. Dessa forma, é preciso afirmar que em todas as suas fases de atuação, o escotismo lagunense obteve uma legitimação preponderante no caráter informal do seu poder simbólico, dado que não estava formalmente vinculado a uma instituição governamental, como a escola ou um departamento burocrático. Não obstante, o documento sancionado pela autoridade estadual em 1956 resguardava a designação da AEL como protagonista na construção pública das representações que davam sentido à realidade social da cidade.

A este respeito, uma matéria veiculada em 1959 revelava o conjunto simbólico que a Associação dos Escoteiros articulava em seu município, por ocasião das dificuldades materiais que enfrentava naquele ano. Solicitava, então, o auxílio do clube náutico local:

Por nímia gentileza do sr. Otto Werner Mariath, a Associação dos Escoteiros de Laguna endereçou aos srs. rotarianos desta cidade, o seguinte apêlo:
 “Laguna, 1º de maio de 1959. Ilustríssimos Senhores Rotarianos: [...] a Associação dos Escoteiros de Laguna atravessa, no momento, séria crise financeira. Não dispondo de sede própria está, por isso obrigada a arcar com alugueis, nem sempre

¹⁵² Decreto-Lei nº 1.544, de 20 de outubro de 1956 (mesmo acervo).

¹⁵³ “Pres. de honra, Jorn. Antonio Bessa; Presidente, Prof. Ruben Ulysséa; 1º vice, sr. Francisco Fernandes Pinho; 2º vice, Manoel Américo de Barros; Secretario Geral, Dr. Saul Ulysséa Baião; 1º secretario, Norberto Ulysséa Ungaretti; 2º secretario, Manoel Pinto de Oliveira; [...] O Conselho Deliberativo, composto de 20 membros, ficou sob a residencia do sr. Sílvio Moreira Filho. [...]” Também participava dessa solenidade o presidente da Associação dos Escoteiros de Laguna à época, Boaventura Barreto. SOCIEDADE ‘Amigos da Laguna’. Jornal **O ALBOR**. Laguna, 20.10.1951, nº 2.401, p. 4 (BPESC).

¹⁵⁴ Norberto U. Ungaretti entre 1953 e 55: ASSOCIAÇÃO dos Escoteiros de Laguna. Jornal **O ALBOR**. Laguna, 03.09.1955, nº 2.595, p. 4. Manoel A. de Barros entre 1958 e 60: ASSOCIAÇÃO dos Escoteiros. Jornal **O ALBOR**. Laguna, 09.05.1959, nº 2.783, p. 1 (BPESC).

pagos pontualmente pela falta de recursos pecuniários. A única fonte de receita com que conta esta entidade é a subvenção anual de cr\$ 6000,00 – do Governo do Município de Laguna. Fundada a 26 de agosto de 1939 teve seu reconhecimento de Utilidade Pública pela Lei Estadual n. 1513 de 20 de outubro de 1956, cujo ato Laguna ficou a dever ao saudoso Governador Jorge Lacerda. Laguna, para orgulho de todos nós, foi a primeira cidade catarinense a dar expansão ao Escotismo em nosso Estado, com a criação da antiga ‘Escola de Escoteiros’ que datava de 1916 [sic] e que por força das disposições legais transformou-se na atual Associação. A Laguna coube também a glória de haver enviado, no longínquo ano de 1924, à república Argentina, dois de seus valorosos escoteiros, os destemidos conterrâneos Antonio Faisca e Fernando Eghert, este há pouco falecido, que, num arrojado ‘raid’, a pé levaram aos escoteiros do vizinho país do Prata o abraço fraternal e um ‘SEMPRE ALERTA’ dos seus irmãos lagunenses. Por tudo isso a Associação dos Escoteiros de Laguna, de há muito deixou de ser simplesmente uma entidade. Ela representa um patrimônio da nossa terra. Já vem de longe! ‘O presente é cheio de passado’, dizia LEIBNITZ. E Laguna deve orgulhar-se desse passado. [...] Urge, portanto, seja iniciado o quanto antes, um movimento em prol da nossa Associação, para que ela não passe a figurar no rol de ‘Laguna já teve...’. Finalizando, deixamos nestas poucas linhas, o apelo da Associação dos Escoteiros de Laguna, na esperança de dias melhores. SEMPRE ALERTA. *Manoel Americo Barros* – Presidente; *Agenor da Silva Brum* – Chefe de Tropa”¹⁵⁵.

Segundo Jorge Carvalho do Nascimento, os “clubes de serviço (Rotary, Lions, Kiwanis)” estavam entre os patrocinadores mais usuais do escotismo praticado nos Estados Unidos (2008, p. 217). Dessa forma, o caráter incomum da manifestação aos rotarianos de Laguna residia em sua divulgação jornalística, de modo a influenciar e mobilizar um determinado imaginário que remetia não apenas ao grupo escoteiro, mas também à própria concepção da cidade. Se não fosse amparada a Associação que representava “o patrimônio moral” lagunense, parte de sua tradição e importância se esvaziaria, segundo o discurso deixava ler. A este respeito, de modo geral, João Batista Bitencourt afirma que uma historiografia local específica, encabeçada por Oswaldo Cabral, Saul e Ruben Ulysséa, empenhava-se em “moldar a memória municipal que incidia sobre a importância do passado lagunense e sua veneração como forma de resguardar uma autoridade para a cidade frente aos municípios vizinhos” (1997, p. 15). Nessa relação, pois, a entidade presidida por Manoel Américo de Barros polarizava grande prosperidade em uma série de referenciais passadistas, que denotavam seu valor simbólico como garantia ao auxílio daquele clube náutico.

Nesse sentido, a Associação dos Escoteiros de Laguna atravessava “séria crise financeira” justamente quando suas práticas recebiam cada vez menos transmissão nos veículos difusores locais. Estranhamente, e sem ser noticiada, sua sede lhe fora, de alguma forma, retirada e isso também revelava uma parte desse contexto. Um panorama de fraco apelo nacionalista, onde os principais promotores do escotismo no “berço de heróis” definiam outros conteúdos e expectativas para o exercício da cidadania e suas repercussões políticas.

¹⁵⁵ ASSOCIAÇÃO dos Escoteiros. Jornal **O ALBOR**. Laguna, 09.05.1959, nº 2.783, p. 1 (BPESC).

Quadro simbólico semelhante àquele enfrentado pela EEL entre 1926 e 1930, momento em que o jornalismo do município selecionava outras questões ao status de acontecimento. Assim, apesar da escrita daqueles autores locais no sentido de valorizar as tradições e o que mais que Laguna “já teve”, o periódico “O Albor”, por exemplo, demonstrava esporádicos e descontínuos interesses nas ações escoteiras. A partir de 1960, ainda, tornaram-se mais rarefeitas e, como possibilidade, os registros orais dos ex-integrantes da Associação revelaram um discreto ocaso desta entre 1969 e 1970. Possivelmente, a AEL dependia muito de doações particulares, dos chamados “Sócios Beneméritos” (rever nota 146, p. 100), o que lhe fragilizava nesse ambiente menos nacionalista e, portanto, menos convidativo ao seu protagonismo público. De modo geral, Jorge Carvalho do Nascimento identifica nos anos pós-Estado Novo uma caracterização progressiva do escotismo em suas bases pedagógicas de associação voluntária, valorizando fundamentos que complementavam os treinamentos e as práticas de adestramento, focalizando também os jogos, os acampamentos e as interações aí realizadas (2008, p. 12-13; 253; 314). Nessa tendência do movimento badeniano, Laguna vivenciou uma fase escoteira inaugurada sob estímulo da atmosfera política estadonovista, atendendo, ao menos como representação, às demandas locais de afirmação simbólica como centro histórico e cultural catarinense, a despeito de sua insuficiência econômica de então. De fato, esse enquadramento da AEL era acompanhado, em outras esferas e regiões nacionais, pela projeção de um determinado modelo juvenil e, por extensão, de uma sociedade a ser amadurecida. Esses mecanismos simbólicos, contudo, se reajustaram ao longo dos anos 1950, quando as necessidades modernizantes se consolidaram em seu viés econômico, de prolongamento industrial e, no caso do sul catarinense, do extrativismo mineral. Ainda assim, no espaço memorial, os bons brasileiros permaneceriam sendo lagunenses, ou, em específico, escoteiros lagunenses, como aqueles que construíram importante itinerário simbólico enquanto atuaram nas celebrações, paradas e viagens desse período.

3.2 – MEMÓRIAS DO GRUPO “TAIARANHA”

“Botar aquela farda era um orgulho!”, afirmou com entusiasmo um ex-escoteiro lagunense. Esse enlevo facilmente arrebatava um entrevistador, se demonstrado junto às imagens, insígnias e demais objetos oriundos daquelas décadas plenas de representações sobre o escotismo local, como ocorreu no diálogo com o senhor Mário José Remor. A gravidade da pesquisa, contudo, assegurou um determinado distanciamento a ponto de condicionar a narração através de referenciais específicos, centrais ao conjunto pesquisado. Nesse sentido,

parte das memórias de dois ex-membros da Associação dos Escoteiros de Laguna foi problematizada, retomando algumas considerações acerca das atividades dessa instituição.

Mário José Remor, 74 anos, filho do ex-participante do raide Laguna-Rio, Mário Emílio Remor, e neto de René Rollin, foi escoteiro por onze anos entre as décadas de 1940 e 50¹⁵⁶. Em sua trajetória adulta, foi presidente da Associação Empresarial do município, prefeito e, atualmente, hoteleiro. Seus irmãos também foram escoteiros, com a diferença de que o entrevistado chegou a ser convidado para a chefia do escotismo lagunense, quando já tinha mais de 18 anos. Outro ex-membro da AEL ouvido para a pesquisa foi o senhor Dalmo Mendes Faísca, de 81 anos¹⁵⁷. Este é filho de Antônio Faísca, também um ex-participante da célebre viagem pedestre de 1924, porém no sentido sul, cujo ponto de chegada foi Buenos Aires. Seu Dalmo, por sua vez, foi escoteiro apenas em 1943, pois foi excluído por indisciplina, em episódio a ser analisado nos próximos parágrafos. Ele, ainda, destacou-se na cidade pela grande habilidade futebolística, que quase lhe rendeu uma carreira profissional. Não obstante, seguiu o mesmo trabalho de seu pai, como topógrafo nessa mesma cidade.

A memória, registrada através de uma pessoa ou de um grupo, é construída socialmente, como todo objeto histórico. Tanto um como o outro entrevistado expressaram de uma forma única as suas lembranças, mas estas foram elaboradas na vivência compartilhada entre o meio e o sujeito. Assim mesmo, as influências do contexto vivenciado no escotismo e, principalmente, nos contextos posteriores puderam conformar as perspectivas de ambos os escoteiros de alguma maneira, seja refletindo em suas narrativas determinados valores apropriados recentemente, seja superdimensionando as características de um passado idílico. Halbwachs (2006), em linhas gerais, afirma que as lembranças individuais se cruzam com as ditas coletivas no sentido de que também são construídas de um modo a coincidir com as da maioria das pessoas na busca de certa segurança memorial. Nesse sentido, portanto, foram investigados e relacionados os discursos dos mencionados.

A princípio, a Associação dos Escoteiros de Laguna comportava três “grupos”, conforme os registros jornalísticos. Atenderiam pelos nomes “Taíaranha”, “Antônio João” e “Anita Garibaldi”¹⁵⁸, sendo que este último segmento seria composto por oito meninas,

¹⁵⁶ Numa primeira entrevista, em 2008, por ocasião do meu TCC, o mesmo entrevistado registrou que essa vivência se deu de 1947 a 58, enquanto no discurso gravado em 2012, contudo, afirmou ter sido entre 1945 e 56. REMOR, Mário J. **Entrevista concedida a Luiz Sanson**. 04 de set. de 2008; REMOR, M.J. [...] 25 de jan. de 2012 (Arquivo do Autor - AA).

¹⁵⁷ FAÍSCA, Dalmo M. **Entrevista concedida a Luiz Sanson**. 25 de jan. de 2012 (AA).

¹⁵⁸ Jornal **CORREIO DO SUL**. 24.09.1939, nº 405; 01.10.1939, nº 406; 08.10.1939, nº 407; Jornal **O ALBOR**. 23.09.1939, nº 1.811; 09.12.1939, nº 1.821; Jornal **SUL DO ESTADO**. 10.12.1939, nº 64; 20.01.1940, nº 70.

distribuídas entre bandeirantes e fadas¹⁵⁹. De fato, o que parece ter ocorrido foi a distribuição de cerca de 62 meninos em duas tropas¹⁶⁰, enquanto as cerca de oito meninas comporiam uma patrulha com designação de grupo. Não obstante, após 1940 não se encontra mais qualquer menção aos grupos “Antônio João” e “Anita Garibaldi” nos jornais do município. Os ex-escoteiros ouvidos para a pesquisa sequer sabiam da existência desses últimos grupos, que devem ter sido suprimidos, inclusive o próprio escotismo feminino em Laguna, já que ambos os entrevistados desconheciam acerca desse segmento em suas experiências. Sobre o significado das duas primeiras agremiações, uma matéria registrava através da transcrição do discurso do então presidente da AEL, J. A. Dias Barreto:

[...] “Taíaranha” e “Antonio João” duas vidas e um símbolo: aquele cacique dos índios que viveram por estas paragens, defendendo o seu toldo da cobiça alheia, este soldado heroico da retirada de Laguna, feito memorável que imortalizou um punhado de patricios destemerosos. Ambos deram sangue e vida porque foram dignos da terra e da brasileira gente. [...]¹⁶¹

No discurso, ainda, o grupo “Anita Garibaldi” sequer era citado, o que já poderia significar a inexistência do mesmo naquela data. Dessa forma, internamente os membros da Associação identificavam a mesma como “grupo Taíaranha”, conforme os relatos gravados salientaram. Sua homenagem a um indígena ia de encontro a toda uma tendência do escotismo brasileiro daquele período, onde se valorizava determinadas denominações que remetessem a alguma personalidade da história brasileira ou de vulto local. Como em São Paulo, por exemplo, os critérios para a “denominação das agremiações de escoteiros [atendiam] de preferência [a]o nome de um vulto da história pátria, especialmente um bandeirante, resgatando, dessa forma, a bravura e a determinação de personagens que marcaram a história do estado” paulista (SOUZA, 2000, p. 113).

Ambos os escoteiros ouvidos para a pesquisa tentavam apresentar fotografias que reforçassem as suas palavras. Essa tentativa ia além de suas experiências, inclusive, reportando certas imagens e objetos pertencentes às fases escoteiras de seus familiares. Nisso, o canivete de René Rollin, o livro com que o governador de São Paulo presenteou Mário

¹⁵⁹ ESCOTISMO na Laguna. Jornal **CORREIO DO SUL**. Laguna, 24.09.1939, nº 405, p. 3.

¹⁶⁰ Segundo o fundador do movimento, “cada Tropa Escoteira é formada por duas ou mais Patrulhas de seis a oito rapazes” (BADEN-POWELL, 1993, p. 58), sendo que “[uma tropa] tinha no máximo 32 integrantes e era comandada pelo chefe escoteiro” (NASCIMENTO, A.; 2004, p. 32-3). Nas matérias registradas, a AEL apresentava um chefe-geral (Francisco Martins Pinho) e um sub-chefe (Agenor Brum), sendo que Pinho sairia em 1944, substituído temporariamente pelo Tenente Frederico Pohlmann Primo. ASSOCIAÇÃO de Escoteiros. Jornal **SUL DO ESTADO**. Laguna, 19.02.1944, nº 248, p. 4 (BPESC). Agenor Brum, então, assumiria a chefia-geral por muitos anos.

¹⁶¹ SOLENIDADE do compromisso dos Escoteiros de Laguna. Jornal **SUL DO ESTADO**. Laguna, 10.12.1939, nº 64, p. 1 (BPESC).

Emílio Remor na passagem do raide, em 1924, recortes de jornais uruguaios e argentinos sobre a passagem de Antônio Faísca e Fernando Eghert, entre outras coisas, redimensionavam simbolicamente a trajetória do Grupo Tairanha, que os próprios entrevistados representavam naquela situação, diante do gravador. As recorrências memoriais presentes nos discursos dos senhores Mário José e Dalmo ilustraram, sobremaneira, as relações que cada um desenvolveu em sua experiência escoteira, de modo que um obteve considerável sucesso e o outro não. Nesse sentido, o senhor Dalmo procurou, desde a chegada do entrevistador, justificar-se pela ocorrência que lhe levou à expulsão da AEL. Mesmo ao ser confrontado com o fato de que outros jovens foram igualmente excluídos dessa instituição, o empenho desse senhor de 81 anos em, de alguma maneira, contornar a marca negativa daquele passado foi significativo para a compreensão de dois fenômenos, principalmente: o primeiro respeitante à complexidade das representações memoriais, e o segundo referente ao papel fortemente disciplinador do escotismo lagunense. Neste último, já era possível inferir com base nos vestígios jornalísticos, uma vez que durante as três fases pesquisadas sempre foram levantadas passagens sobre a exclusão de membros escoteiros, sendo a época um pouco mais contundente essa iniciada em 1939, dado o nível de severidade em alguns textos. A este respeito, dois exemplos podem sinalizar essa atmosfera que caracterizava o desligamento de alguns meninos:

De ordem do Snr. Presidente foi mandado censurar os escoteiros e lobinhos abaixo relacionados, porque sem causa justificada deixaram de comparecer às festividades realizadas no dia da Bandeira, 19 do corrente sendo a censura transcrita nas respectivas cadernetas: Armando Machado, lobinho; Cristóvão Jaques Cabral, lobinho; Francisco Luiz Pacheco, lobinho; Nerod Lebarbenchon, lobinho; Wilson Nunes, lobinho; Joaquim Silveira Neto, lobinho; Antonio Chede, escoteiro; Antonio Machado, escoteiro; D. Leitão, escoteiro; Helen Jaques Cabral, escoteiro; Luiz Bessa, escoteiro; Jussemar Silva, escoteiro; Nelson Castro, escoteiro; Oscar Leitão, escoteiro;¹⁶²

COMUNICAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO DE ESCOTEIROS DE LAGUNA: Por não convir ao movimento, foi excluído no dia 2 do corrente, cumpridas as cerimônias de estilo, o menino EWALDO SANTOS. E' lamentável que o escoteiro excluído tivesse esquecido do juramento solene que fez de público quando ingressou no movimento, não respeitando nem cumprindo nenhum dos preceitos do escotismo. E assim é que, apesar das recomendações que lhe foram feitas pelos chefes e as advertências deles, o mau escoteiro foi expulso do convívio em que ingressara e isso porque tornou-se pernicioso¹⁶³.

No caso da primeira citação, a censura levada a cabo tinha conexão com um evento anterior, de celebração e desfile quando do 15 de novembro, que, contudo, fora prejudicado

¹⁶² ASSOCIAÇÃO de Escoteiros de Laguna – Boletim nº 6. Jornal **SUL DO ESTADO**. Laguna, 30.11.1940, nº 114, p. 2.

¹⁶³ EXCLUSÃO de escoteiro. Jornal **O ALBOR**. Laguna, 06.04.1940, nº 1.838, p. 2.

pela chuva na cidade¹⁶⁴. Não obstante, os ausentes seriam publicamente expostos e, em registro posterior, três dos quais seriam destituídos de seus postos de monitoria “por falta de frequencia regular à caverna, às instruções teoricas e praticas, a excursos e acampamentos”¹⁶⁵. Naturalmente, não é possível assegurar se essa foi a motivação efetiva para a retirada dos postos escoteiros, porém suscitava a sinalizar o impacto social que tal repreensão poderia causar, uma vez que possivelmente os segmentos que preenchiam as fileiras da AEL também fossem, em geral, aqueles que consumiam os periódicos locais na época. Outrossim, o caso do expulso “Ewaldo Santos” demarcava, por um lado, parte das relações entre as instituições extra-escolares e os veículos de informação lagunenses com fins de aprimorar certa regulação no trabalho educativo da juventude; por outro viés, ainda, poderia exemplificar parte da afetação experimentada pelo senhor Dalmo. Sua exclusão, apesar de sumária, não foi encontrada dentre as reportagens verificadas. Nestas, a representação de um escotismo como ferramenta disciplinadora era lugar-comum, sem novidade ao leitor desta pesquisa até aqui, mas destaca-se a permanência desse vestígio simbólico também nas falas dos ex-escoteiros ouvidos. Nesse sentido, Dalmo Faísca evocou quase que imediatamente à pergunta sobre as aulas na sede o episódio tocante ao seu desligamento pelo sub-chefe:

[Sobre as reuniões, o que lembrava] a gente tinha aulas... sobre técnicas... Assim, pode falar? Eu tava na aula, assim, e um sujeito bateu forte na minha cabeça aqui, bateu forte, não sei por que, na minha orelha assim ó. Eu virei e dei um tapa nele, dei um tapa nele... era garotão, treze anos, não, tinha doze anos, e aí seu Agenor Brum pegou e me botou pra rua [risos]. O cara me bateu na minha cabeça, fiquei bravo, não esperava aquilo, né... Aí me mandou pra rua. [Se o chefe lhe deixou explicar o ocorrido] não me deixou nada... (FAÍSCA, 2012, entrevista)

À primeira vista, uns excessos tipicamente juvenis que, quando restritos aos muros escolares, talvez sofressem alguma advertência ou punição temporária. Apesar disso, o castigo escolhido foi expresso com fins possivelmente exemplares, dado o rigor e o caráter súbito que marcaram essa recordação. Esta, no entanto, pareceu superar a simples condição remanescente, apresentando-se como uma marca, a tomar pelo seu retorno constante naquele expediente discursivo. Dessa forma, num procedimento ordinário de relação entre a necessidade de justificação daquele entrevistado e seus contextos grupais de adaptação memorial, é possível inferir que num município como Laguna, já cioso de projeção no cenário sociopolítico catarinense na 1ª metade do século XX, também foi freqüente o apelo

¹⁶⁴ NOTAS Escoteiras. Jornal **SUL DO ESTADO**. Laguna, 23.11.1940, nº 113, p. 1 (BPESC).

¹⁶⁵ ASSOCIAÇÃO de Escoteiros de Laguna – Boletim nº 7 Destituição de Posto. Jornal **SUL DO ESTADO**. Laguna, 14.12.1940, nº 116, p. 3.

disciplinador-regulador nas décadas de governo militar, onde o senhor Dalmo estaria mais uma vez diante dos referenciais morais que representavam um determinado modelo de cidadão. Essas representações, em linhas gerais, “não se opõem ao real; elas se constituem através de várias determinações sociais para, em seguida, tornarem-se matrizes de classificação e ordenação do próprio mundo social, do próprio real” (CARVALHO, F.A.; 2005, p. 151-2). A este respeito, em complemento, a narrativa de D. Faísca também recorreu duas vezes a uma outra forma de justificar-se, afirmando os vários anos decorridos daquela exclusão: “faz muito tempo isso, né, tenho 81 agora”; “mas isso faz muito tempo, né” (FAÍSCA, entrevista). A rigor, busca-se responder e justificar uma reprovação sofrida simultaneamente à sua atenuação por meio da passagem dos anos, o que ainda assim promoveria a legitimação daquela experiência negativa. Esta, possivelmente, significava também uma reprovação social, dado o alcance do escotismo e, principalmente, daqueles princípios morais que essa instituição polarizava em âmbito público.

Segundo Mário José Remor, nessa direção, o escoteiro lagunense representava um modelo juvenil, de fato, recebendo mais que a admiração ordinária da comunidade. Essa responsabilidade, conforme sua narrativa, era ilustrada principalmente nos eventos cívicos e escolares, mas também podia ser materializada sob outros mecanismos:

Pra época de festas e tal, a gente ficava treinando meses. Tu passava pela rua e ficava todo mundo olhando, porque nessa época em que a gente foi escoteiro, todo rapaz queria ser escoteiro, era um ponto-chave, principalmente quando aparecia assim [nos desfiles e eventos públicos], botar aquela farda era um orgulho! No Stella Maris, que era a escola que nos chamava mais, uma vez eles fizeram um quadro com as fotografias dos escoteiros que foram homenageados com troféus, medalhas... [nesse momento o Sr. Mário mostra uma fotografia em que ele e mais cinco escoteiros, três de cada lado, guardavam a bandeira nacional em uma festividade interna ao colégio Stella Maris]. Assim como o exército fazia uma guarda [da bandeira], a gente fazia também (REMOR, 2012, entrevista).

Um fator importante à construção discursiva do senhor Mário José, com efeito, foi seu histórico bem-sucedido no escotismo local. Seu arrebatamento ao encadear algumas experiências escoteiras promovia a admiração de quem o escutava. A tomar a ordem de suas representações, a rememoração do quadro na escola Stella Maris, de administração confessional, sucedeu uma típica expressão nostálgica já empregada na abertura deste subcapítulo: “botar aquela farda era um orgulho!”. A fim de salientar uma projeção modelar para além de sua própria subjetividade, o entrevistado recorreu a uma representação de alcance social, onde os escoteiros lagunenses foram credenciados pelas autoridades colegiais como expoentes infanto-juvenis, embora se restringisse apenas aos meninos laureados pelo movimento nas fotografias do quadro. Nesse sentido, é coerente sinalizar certos aspectos

ressonantes às narrativas de Mário J. Remor e Dalmo Faísca. Enquanto o primeiro se deixava transbordar através de memórias onde ele mesmo era redimensionado e, de certa maneira, substituía uma realidade que ainda representa, de reconhecido valor simbólico, o último se mostrava algo constrangido e inclinava-se a reforçar determinada explicação que o reconciliasse com uma demanda sociocultural específica.

Tendo em vista, nesse compasso, a parte citada do senhor Mário José, também se ressaltava especificamente o papel simbólico da atuação escoteira nas festas e desfiles públicos. Para além dos registros simplesmente factuais naquele discurso, os quais poderiam indicar uma possível reiteração das representações jornalísticas em que as atividades de maior importância e significação do escotismo lagunense seriam essas apresentações abertas à sociedade, a narrativa de Remor sobre essas experiências proporcionou um efetivo questionamento simbólico:

[sobre serem os desfiles a parte mais importante da atividade escoteira lagunense] eu acho que não, eu acho que a parte mais importante era a instrução, o preparo, ali [nos desfiles] nós íamos fazer quase que uma exibição. Prestar um serviço à comunidade, fardado, bonitinho, marchando como um soldado, batendo tambor, aquela coisa, mas se ele não estivesse preparado, ele não poderia ir lá. Ali [nos desfiles] era que a gente ia se mostrar pros outros se animarem a vir participar, porque lá na caverna, ali que a gente aprendia, aprendia a ser um bom cidadão, o que na verdade, o final da coisa é pra ser um bom cidadão, respeitador das leis, esse negócio todo. Agora lá [no desfile], nós éramos a vitrine, na hora em que nós saíamos marchando, puxando uma escola, ou fazendo a guarnição de uma autoridade, seja lá o que for, nós estávamos mostrando o trabalho que a gente aprendeu. E ali que foi o chamado pra todo esse pessoal do interior, de Tubarão, de outras cidades, que viam aquilo e gostavam de ver. Realmente, a pessoa que foi escoteira, ela sentia orgulho de ser escoteira (REMOR, 2012, entrevista).

Embora se mostrasse reverente à valorização adquirida pelo escotismo naquelas “exibições” públicas, o entrevistado defendeu o caráter acessório dessa atividade em comparação às lições internas à “caverna” (como chamavam a sua sede, em trocadilho à caserna) e aos acampamentos, onde realizavam também significativa preparação física¹⁶⁶. No que se refere ao interesse jornalístico em Laguna, as paradas e comemorações cívico-escolares quase que resumiam a função do escotismo ali, de uma forma muito próxima à difusão desse movimento em Guarapuava, onde era representado, “diretamente, como um dos baluartes das questões políticas e educacionais que afligiam o contexto brasileiro como um todo e

¹⁶⁶ “[...] corrida, essas coisas, a gente fazia, mas fazia mais no acampamento. E dentro da sede não, ali era só teoria, sempre das leis escoteiras, o significado das estrelas que estão na bandeira, o nome de todas elas, aí treinava os sinais, treinava os nós, que era a prática escoteira e se virar no meio do mato, [se] se perdeu no mato tem de saber sair. Então se orientava pela estrela, o sol, aí levantava o braço [demonstra como], o leste, oeste, norte e sul, tudo isso a gente aprendia pra saber como se virar quando estivesse sozinho num lugar” (REMOR, 2012, entrevista).

Guarapuava, especificamente” (HEROLD JUNIOR, 2011, p. 134). A força desses registros discursivos do senhor Mário José se legitima não pelo seu valor de verdade, muito menos com um intuito da pesquisa em questionar a sua credibilidade, mas para identificar e entender possíveis relações e afastamentos na cadeia de representações sobre a experiência escoteira lagunense. Os apelos constantes advindos de décadas profundamente nacionalistas em âmbito nacional e internacional, decerto influenciaram na adaptação discursiva do papel escoteiro em muitos espaços e regiões brasileiros entre 1930 e 60. Um dos mecanismos simbólicos na veiculação do escotismo através dos jornais lagunenses desse período, com efeito, era a afirmação de um determinado modelo cultural que polarizasse não apenas um ideal de cidadania específico, que significasse o trabalhador e/ou o republicano aprovável, mas também respondesse às demandas municipais de projeção como centro histórico e político catarinense.

Assim disposto, o cruzamento entre determinadas construções discursivas do senhor Mário José e os recursos simbólicos então circulantes naquela Laguna escoteira ganha sentido e coerência. A memória, em linhas gerais, é elaborada no tempo histórico, complementando e sendo complementada por este. Desse modo, por conseguinte, torna-se possível observar na narrativa do entrevistado a freqüente permanência do escoteiro como modelo e referencial para a sociedade, bem como nas representações jornalísticas daquelas décadas de sua mocidade e, provavelmente, de sua vida adulta num regime político de exceção pós-1964. O caráter extensivo daquele escotismo, oportunamente, propiciado pela difusão contínua dos veículos impressos e, igualmente, pela atuação de alguns políticos locais, ajudou a marcar na memória tanto do senhor Remor, como do senhor Faísca, uma valorização daquele segmento extra-escolar como portador e representante de uma identidade coletiva, a qual de diversas maneiras legitimada. A este respeito, de modo geral,

a estrutura inteligível de toda a actividade humana provém do facto de os agentes sociais visarem um *sentido* na sua conduta, regulando os seus comportamentos recíprocos em função desse. O social produz-se através de uma rede de sentidos, de marcos de referência simbólicos por meio dos quais os homens comunicam, se dotam de uma identidade colectiva e designam as suas relações com as instituições políticas, etc. A vida social é produtora de valores e normas e, ao mesmo tempo, de sistemas de representações que as fixam e traduzem. Assim se define um código colectivo segundo o qual se exprimem as necessidades e as expectativas, as esperanças e as angústias dos agentes sociais. [...] A compreensão das estruturas inteligíveis das actividades sociais passa, pois, necessariamente, pela reconstrução do sistema de representações que aí intervém, bem como pela análise das suas combinações e funcionamento (BACZKO, 1985, p. 307).

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

O fenômeno escoteiro em Laguna, entre 1917 e 1960, guardou profundas relações com as tendências culturais, políticas e sociais daquele período, quer em nível local, quer em uma escala nacional. As representações de suas atividades ainda permanecem como legado crítico dos processos educativos hodiernos, que supostamente não estariam engajados num projeto de formação integral ou de preparação ativa do jovem em seu papel comunitário, social, em suma, como cidadão participativo dos destinos coletivos. De fato, mesmo naqueles anos de significativa atuação escoteira, Laguna e outros espaços brasileiros já reclamavam amiúde em favor de iniciativas formadoras que superassem a mera transmissão dos saberes escolares, então priorizados pelas instituições governamentais, segundo as representações da época. Nesse compasso, este trabalho focalizou algumas construções simbólicas referentes ao escotismo lagunense, no sentido de ressaltar como a sua existência compartilhou marcantes relações com os contextos de nacionalismo, principalmente de sua cidade.

Em Laguna, com efeito, o grupo organizado por René Rollin não seria modelado apenas pelas disposições legitimadoras de um novo regime sociopolítico, ou de um novo ideal de trabalhador, quando do Estado Novo. Essa associação responderia, também, aos apelos de determinados grupos dirigentes, presentes na imprensa, na política e, por extensão, em parte da sociedade lagunense, no sentido de sustentar simbolicamente o ideal de um município “berço de heróis”, pólo das tradições históricas e culturais republicanas no Estado, entre outras representações. Nesse sentido, figurou como o “Batalhão da Esperança”, convergindo numa só expressão as imagens de disciplina militar e de projeção de um corpo social específico, calcado nessa prática disciplinar. Tanto a EEL, quanto a AEL suscitaram uma série de construções discursivas a serviço das tendências nacionalistas que circularam durante as suas três fases de funcionamento. O sacrifício cívico de Rollin, a dedicação nos eventos e desfiles públicos, os raids de 1924, a viagem para o empossamento do governador em 1926, outras diversas atividades entre 1939 e 60, enfim, foram motivações ao processo de adaptação simbólica do movimento escoteiro através da imprensa lagunense.

De modo geral, investigar esse fenômeno por meio das fontes apontadas ao longo do trabalho criou possibilidades para identificar parte dos mecanismos que mobilizavam a experiência escoteira em Laguna. Sem ter acesso à documentação daquela entidade iniciada em 1917, tornou-se problemático compreender a complexidade de sua apropriação da doutrina badeniana, enquanto que, por outro lado, as representações veiculadas pelos textos e jornais de seu tempo promoviam uma imagem específica no que se refere ao escotismo

lagunense. Embora essa construção simbólica não fosse redutível integralmente àquela experiência escoteira, é possível enxergá-la como subsídio e direcionamento relevante à configuração dessa mesma experiência. A este respeito, em linhas gerais, Baczko afirma que

um dos caracteres fundamentais do facto social é, precisamente, o seu aspecto simbólico. Na maioria das representações colectivas, não se trata da representação única de uma coisa única, mas sim de uma representação escolhida mais ou menos arbitrariamente a fim de significar outras e de exercer um comando sobre as práticas. Frequentemente, os comportamentos sociais não se dirigem tanto às coisas em si, mas aos símbolos dessas coisas. As representações coletivas exprimem sempre, num grau qualquer, um estado do grupo social, traduzem a sua estrutura atual e a maneira como ele reage frente a tal ou tal acontecimento, a tal ou tal perigo externo ou violência interna (BACZKO, 1985, p. 306).

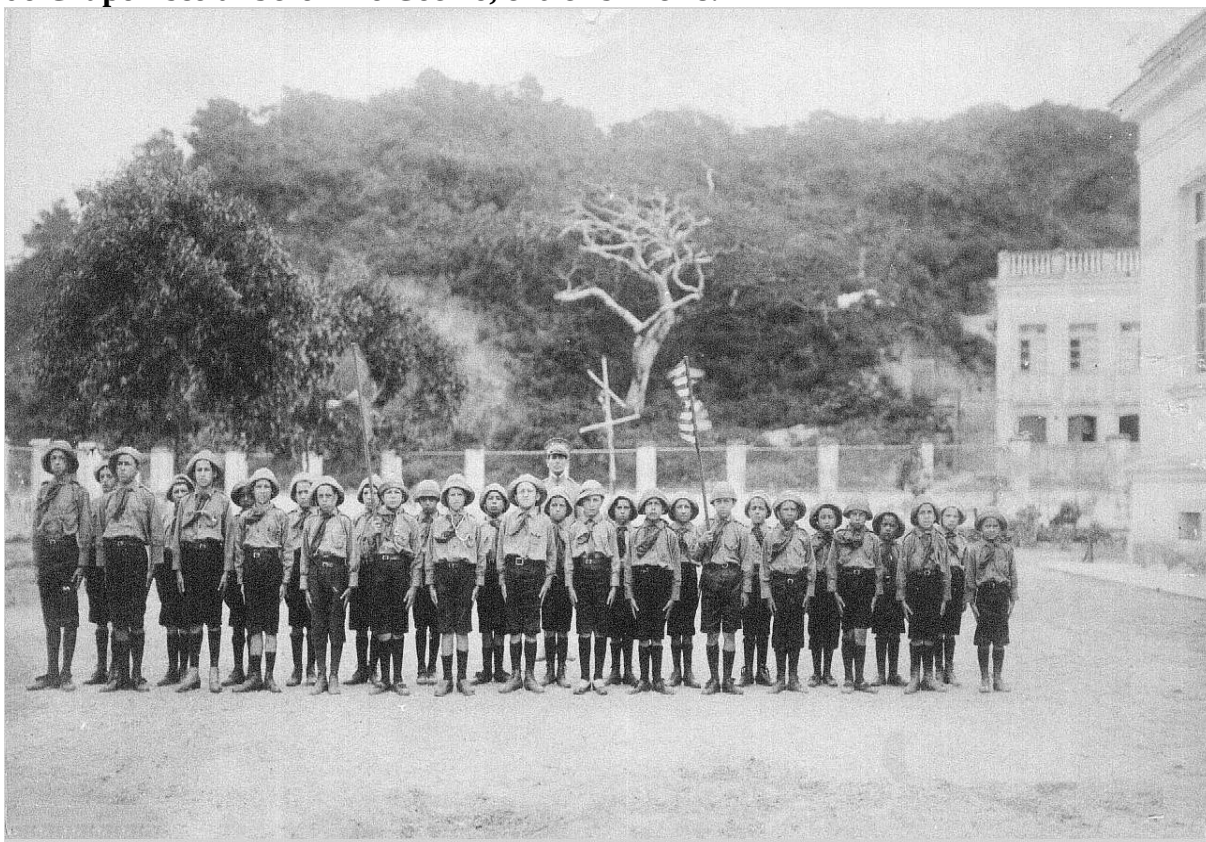
Observar o alcance simbólico do fenômeno escoteiro em Laguna consistiu, pois, numa tarefa de grande complexidade devido aos poucos vestígios diretamente oriundos daquele segmento extra-escolar. As fotografias gentilmente cedidas pelo senhor Antônio Carlos Marega e o documento memorial do senhor João dos Santos Areão¹⁶⁷, por exemplo, contribuíram particularmente para reafirmar o caráter mobilizador advindo dos mecanismos discursivos lagunenses. No caso do “Adendo” escrito pelo ex-diretor do GE Jerônimo Coelho e diretor-técnico da EEL (AREÃO, S/D), o educador basicamente sintetizou outro documento em sua posse à época: o diário escrito pelo “Grupo Norte” do raide Laguna-Rio de Janeiro, onde constavam as assinaturas das autoridades governamentais das localidades cruzadas pelos escoteiros. Os periódicos locais, em contrapartida, proporcionaram considerável material ao estudo dos processos que configuraram as representações do escotismo lagunense. Este, a despeito das dificuldades e paralisações enfrentadas, foi duradouro e de grande valor para fundamentar a história das instituições educativas fora do âmbito restrito à escola. Nesse sentido, as práticas escoteiras em Laguna, mesmo fazendo parte de um universo privado e, portanto, limitado socialmente, podem ilustrar parte da dificuldade do próprio escotismo brasileiro em sua trajetória com vistas à consolidação como entidade voluntária, internacionalista e de valorização do indivíduo e da vida coletiva. Foi preciso, com efeito, superar aquelas tendências nacionalistas que favoreciam uma configuração parcial do movimento escoteiro, assim como também ocorreu com os processos escolares nacionais em meio à atmosfera cívico-patriótica de alguns períodos.

Assim disposto, o movimento escoteiro acabou sendo associado a uma série de estigmas, principalmente como prática militarista voltada à juventude. Esse preconceito ainda

¹⁶⁷ AREÃO, João dos Santos. Adendo representando uma etapa na vida dos escoteiros da Laguna, S/D (acervo particular). Gentilmente cedido pela Profª Dra. Gladys Mary G. Teive.

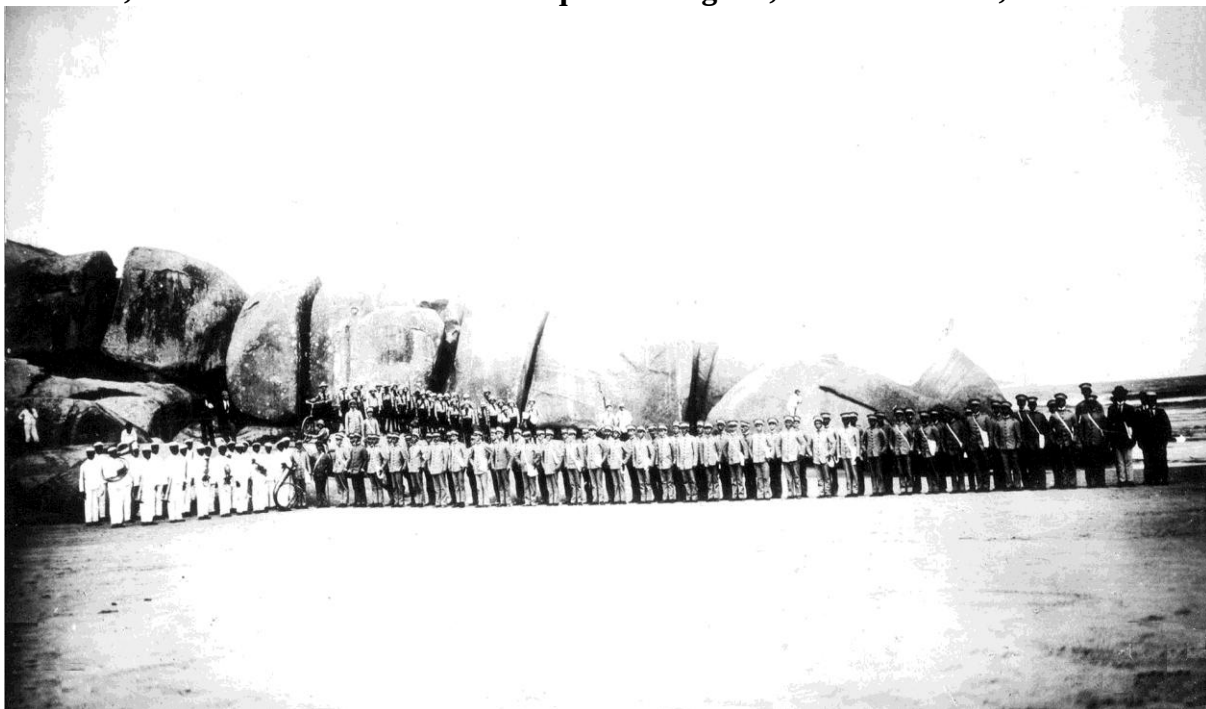
é bastante reproduzido por quem desconhece essa esfera educacional em sua atividade hodierna. Assim como a parte não representa o todo, um determinado tipo de apropriação, historicamente limitado, não poderia fundamentar o alcance pedagógico integral do escotismo, como também aponta o trabalho de Jorge Carvalho do Nascimento, para quem “é necessário, ainda, para uma melhor compreensão da proposta do Escotismo, que se reflita sobre os elementos e o sentido da sua Pedagogia” (2008, p. 14). Em panoramas de significativa circulação de modelos socioculturais nacionalistas, tanto a escola como as instituições extra-escolares se tornam reféns em potencial das tentativas de condicionamento da juventude, que podem ser impostas ou expressas sucessivamente, mediante vozes e canais autorizados de uma época específica. O escotismo lagunense, nessa direção, destacou-se na imprensa e em outros registros de memória principalmente pelo papel que exercia na difusão dos referenciais então valorizados pelas correntes nacionalistas entre 1917 e 1960. As representações associadas a esse segmento educacional de Laguna, em síntese, contribuíram para a sua identificação parcial, como instituição mobilizadora das ações cívico-patrióticas, a despeito das demais práticas educativas ali experimentadas. Antes de ser EEL, AEL ou grupo “Taíaranha”, aquele grupo escoteiro já era o “Batalhão da Esperança”, resumindo projetos que transcendiam os seus símbolos internos, doutrina, métodos, etc., direcionando-se através das construções jornalísticas, principalmente, à afirmação das demandas simbólicas exigidas pelo contexto lagunense.

Ilustração 11: Escoteiros de Laguna, tendo René Rollin ao centro. Laguna, dependências do Grupo Escolar Jerônimo Coelho, entre 1917 e 18.



Fonte: arquivo particular de Antônio Carlos Marega

Ilustração 12: TG137 e EEL em treinamento conjunto. Atiradores à frente e escoteiros ao fundo, tendo uma banda musical à esquerda. Laguna, Pedra do Frade, 1917.



Fonte: Idem

FONTES E REFERÊNCIAS:

FONTES E ARQUIVOS:

AREÃO, João dos Santos. Adendo representando uma etapa na vida dos escoteiros da Laguna. **Memórias**. S/D. Acervo particular da Profª Dra. Gladys Mary G. Teive.

Arquivo particular de **Antônio Carlos Marega** – Fotografias (todas as ilustrações que compõem esta pesquisa, exceto a 1ª).

FAÍSCA, Dalmo M. **Entrevista concedida a Luiz Sanson**. 25 de jan. de 2012. Arquivo do Autor (AA).

Leis estaduais nº 1.543 e 1.544, de 20 de outubro de 1956. Centro de Memória da Assembléia Legislativa de Santa Catarina.

Jornal **A CIDADE**, Laguna, 1925-26-27-28-29-30-31-33-34-35. Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina (BPESC).

Jornal **A GAZETA**, Laguna, 1930-31. BPESC.

Jornal **A NOTA**, Laguna, 1917. BPESC.

Jornal **A RAZÃO**, Laguna, 1932-33-34-35. BPESC.

Jornal **A TARDE**, Laguna, 1917. BPESC.

Jornal **A VANGUARDA**, Laguna, 1934-35. BPESC.

Jornal **CORREIO DO SUL**, Laguna, 1932-33-34-35-37-38-39-40-41-42-43-44-45-46-47-48-49-50-51-52-53-54-55. BPESC.

Jornal **O ALBOR**, Laguna, 1916-17-20-21-22. Arquivo Público Municipal de Laguna – Casa Candemil (APL).

Jornal **O ALBOR**, Laguna, 1919-20-21-23-24-25-26-27-28-29-30-31-32-33-34-35-36-37-38-39-40-41-42-43-44-45-46-47-48-49-50-51-52-53-54-55-56-57-58-59-60. BPESC.

Jornal **O DEVER**, Laguna, 1916-19. BPESC.

Jornal **SUL DO ESTADO**, Laguna, 1937-39-40-41-42-43-44-45-46-47-49. BPESC.

LAGUNA: Três séculos de brasilidade (caderno de dados e informações sobre o município). Prefeitura Municipal de Laguna e UFSC, 1982.

REMOR, Mário J. **Entrevista concedida a Luiz Sanson**. 04 de set. de 2008 AA.

REMOR, Mário J. **Entrevista concedida a Luiz Sanson**. 25 de jan. de 2012. AA.

Revista **IDEAL**. Laguna, edição nº 1, ano I, 1921. APL.

Revista **O SANTELMO**. Laguna, edição nº 5, ano I, 1922. APL.

Revista **PHENIX**. Florianópolis, ano I, 1916. BPESC.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALMEIDA, Jaime de. Festas, civismo e memória da República. **Revista Catarinense de História**, Florianópolis, v. 1, n. 1, p. 93-103, 1990.

BACZKO, Bronislaw. A imaginação social. In: LEACH, Edmund et alii. **Anthropos-Homem**. Lisboa: Imprensa Nacional/ Casa da Moeda, 1985. p. 296-332.

BADEN-POWELL, Robert S. **Lições da escola da vida**. Brasília: Editora da União dos Escoteiros do Brasil, 1986.

_____. **Escotismo para rapazes: um manual de instrução em boa cidadania por meio das artes mateiras**. Brasília: Editora da UEB, 1993.

BALD, Marcele; MACHADO, N. T. G. A história regional através do acervo fotográfico do Tiro de Guerra 239/ Santa Clara do Sul - RS. **Revista Destaques Acadêmicos**, Lajeado - RS, nº 2, p. 13-20, 2009.

BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa: Brasil – 1800-1900**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

BERGMANN, Cinara L. C. **A pedagogia escoteira no Grupo Escoteiro Tangará pelas memórias do guardião de sua história em Criciúma – SC (1963-1973)**. 2011. 163 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2011.

BITENCOURT, João Batista. **Clio positivada: a artesanaria da cidade histórica de Laguna**. 1997. 213 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1997.

_____. **Estado Novo, cidade velha: o governo ditatorial de Vargas desde Laguna**. 2002. 300 f. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

BITTENCOURT, Circe M. F. As “tradições nacionais” e o ritual das festas cívicas. In: PINSKY, Jaime (org.). **O ensino de história e a criação do fato**. São Paulo: Contexto, 1992. p. 43-72.

CAMPOS, Cynthia Machado. **Santa Catarina, 1930: da degenerescência à regeneração**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2008.

CAPELATO, Maria Helena R. **A imprensa na história do Brasil**. 2ª edição. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1994.

CARDOSO, Ciro Flamarion; MAUAD, Ana Maria. História e imagem: os exemplos da fotografia e do cinema. In: CARDOSO, Ciro F.; VAINFAS, Ronaldo (orgs.). **Domínios da história**. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 401-417

CARVALHO, Francismar Alex L. de. O conceito de representações coletivas segundo Roger Chartier. **Revista Diálogos**, Maringá - PR, v. 9, n. 1, p. 143-165, 2005.

CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas**: o imaginário da República no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

_____. **Forças armadas e política no Brasil**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. **A escola e a República**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990.

CORRÊA, Carlos Humberto P. **História da cultura catarinense**: o Estado e as idéias. Florianópolis: Ed. da UFSC; Diário Catarinense, 1997.

CUNHA, Maria Teresa Santos. Das mãos do autor aos olhos do leitor. Um estudo sobre livros escolares: a Série de Leitura Graduada Pedrinho de Lourenço Filho (1950-1970). **Revista História**, Araraquara - SP, v. 30, p. 81-99, agosto/dez. 2011.

DALLABRIDA, Norberto; SILVA, Fernando Leocino da. Soldados para a Pátria: o Ginásio Lagunense e o projeto de nacionalização brasileira (1932-1945). In: Simpósio “Muitas Faces de uma Guerra: 60 anos do fim da Segunda Guerra Mundial e o processo de Nacionalização do Sul do Brasil”, 2005, Florianópolis. **Anais do Simpósio “Muitas Faces de uma Guerra: 60 anos do fim da Segunda Guerra Mundial e o processo de Nacionalização do Sul do Brasil”**. Florianópolis: UDESC, 2005, p. 1-12.

FERNANDES, Carla A.; RIBEIRO, L. R.; COLLARES, S. A. O. Escotismo: um espaço para a Educação não-formal e para a atuação do pedagogo. **Revista de Ciências da Educação**, Americana – SP, nº 19, p. 175-201, 2º Sem./2008.

FONTES, Henrique da Silva. **Terceiro livro de leitura**. Série Fontes. Florianópolis: Typografia da Livraria Central de Alberto Entres, 1951.

GABRIEL, Yara C. **Prescrições cívico-morais e a formação do cidadão**: um estudo sobre a introdução do escotismo nas escolas públicas de São Paulo (1917-1922). 2003. 103 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2003.

GAETA, Maria Aparecida Junqueira Veiga. “As festas escolares como lugares de sensibilidades e subjetividades.” In: VII Congresso Lusobrasileiro de História da Educação, 2008, Porto. **Actas do VII Congresso Lusobrasileiro de História da Educação**. Porto: Universidade do Porto, jun. 2008, p. 1-9.

GUEDES JUNIOR, Valmir. **Porto da Laguna**: a luta de um povo traído. Florianópolis, 1994.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HEROLD JUNIOR, Carlos. A educação corporal no Paraná através do movimento escoteiro em Guarapuava (1927-1936). **Educação em Revista**, Belo Horizonte - MG, v. 27, nº 2, p. 123-150, agosto 2011.

HOBBSAWM, Eric J.; RANGER, Terence (orgs.). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

HORTA, José Silvério Baía. **O hino, o sermão e a ordem do dia** - regime autoritário e a educação no Brasil. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 1994.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. Versão 2.0a. Rio de Janeiro: Instituto Antônio Houaiss/ Objetiva, 2007.

JOUBREL, Henri. **O escotismo na educação e reeducação dos jovens**. Rio de Janeiro: Agir, 1969.

JUNKES, Lauro. **O mito e o rito: uma leitura de autores catarinenses**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1987.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2003.

LENHARO, Alcir. **Sacralização da política**. Campinas: Papirus, 1986.

MACHADO, Gisele T. **Escreveu, não leu, o pau comeu: a Escola de Aprendizes-Marinheiro de Santa Catarina (1889-1930)**. 2007. 174 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

MACHADO, Paulo Pinheiro. **Lideranças do Contestado: a formação e a atuação das chefias caboclas (1912-1916)**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2004.

MEIRINHO, Jali. **A República em Santa Catarina (1889-1900)**. Florianópolis: Ed. da UFSC; Lunardelli, 1982.

MONTEIRO, Jaecyr. **Nacionalização do ensino**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1984.

NAGLE, Jorge. **Educação e sociedade na Primeira República**. São Paulo: EPU, 1974.

NASCIMENTO, Adalson de O. **Sempre Alerta! - o movimento escoteiro no Brasil e os projetos nacionalistas de educação infanto juvenil (1910-1945)**. 2004. 174 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.

NASCIMENTO, Dorval do. **Escola, nação, patriotismo: inspeção escolar e promoção da cultura cívica nas escolas primárias de Santa Catarina (1900-1930)**. **Revista Roteiro**, Joaçaba – SC, v. 35, n. 2, p. 363-380, jul./dez. 2010.

NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. **A escola de Baden-Powell: cultura escoteira, associação voluntária e escotismo de Estado no Brasil**. Rio de Janeiro: Imago, 2008.

NECKEL, Roselane. **A República em Santa Catarina: modernidade e exclusão (1889-1920)**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2003.

NERY, Ana Clara B.; PINTASSILGO, J. A. S. As práticas do escutismo numa perspectiva comparada. O debate no campo pedagógico, em Portugal e no Brasil, nos anos 10 e 20 do sec. XX. In: VIII Congresso Iberoamericano de História de la Educacion Latinoamericana, 2007, Buenos Aires. **Anais do VIII Congresso Iberoamericano de História de la Educacion Latinoamericana**. Buenos Aires: Universidad de Buenos Aires, 2007, p. 1-26.

NERY, Ana Clara Bortoleto. Práticas escolares em revista: o escotismo. In: XXII Simpósio Nacional de História, 2003, João Pessoa. **Anais do XXII Simpósio Nacional de História**. João Pessoa: Anpuh, 2003, p. 1-7.

NEVES, Maria Bastos P.; et al.. **História e imprensa**: representações culturais e práticas de poder. Rio de Janeiro: DP&A; Faperj, 2006.

NEVES, Maria Bastos P. das; MOREL, Marco (org.). **História e imprensa** – Anais do colóquio. Rio de Janeiro: Ed. da UERJ, 1998.

NÓBREGA, Paulo de. Grupos Escolares: modernização do ensino e poder oligárquico. In: DALLABRIDA, N. (org.). **Mosaico de escolas**: modos de educação em Santa Catarina na Primeira República. Florianópolis: Cidade Futura, 2003. p. 253-280.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. As festas que a República manda guardar. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol.2, nº 4, p. 172-189, 1989.

_____. **A questão nacional na Primeira República**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

OLIVEIRA, Maria A. M. de; TAMBARA, Elomar A. C.; AMARAL, Giana L. do. Educação física, escotismo e civismo: as fotografias de apresentações dos alunos do Grupo Escolar Dr. Joaquim Assumpção, em Pelotas, no final da Primeira República. **Cadernos de História da Educação**, Uberlândia - MG, v. 9, p. 131-143, 2010.

OLIVEIRA, Maria Cecília M. de. Políticas públicas e reformas curriculares: As escolas primárias no Paraná na Primeira República. **Revista E-Curriculum**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 1-19, dez.-jun. 2005-2006.

PANDINI, Sílvia. **A Escola de Aprendizizes Artífices do Paraná**: "Viveiro de Homens Aptos e Úteis" (1910-1928). 2006. 147 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2006.

PEREIRA, Ana Paula Costa. **Educação não-formal tendo como exemplo de modelo pedagógico o método escoteiro**. 2004. 54 f. Monografia (Graduação em Pedagogia) – Centro Universitário da Cidade do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

PIAZZA, Walter F. (org.). **Dicionário político catarinense**. 2ª edição. Florianópolis: edição da Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina, 1994.

PROCHNOW, Denise de P. M. Cultura Escolar dos primeiros Grupos Escolares catarinenses sob a Reforma Orestes Guimarães (1911-1935). **Linhas**, Florianópolis, v. 10, n. 2, p. 169–180, jul./dez. 2009.

PROCHNOW, Denise de P. M. **As lições da Série Fontes**: no contexto da reforma de Orestes Guimarães em Santa Catarina (1911-1935). 2009. 148 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2009b.

RAPOSO, Bruno M. **Escotismo e educação integral em Juiz de Fora**: o grupo Cayuás do Instituto Metodista Granbery (1927-1932). 2008. 79 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2008.

SANSON, Luiz de Souza R. **Educação cívica e nacionalismo**: a apropriação do escotismo em Laguna – SC (1917-1930). 2008. 43 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em História) - Universidade Federal de S. Catarina, Florianópolis, 2008.

SANTOS, Maurício Aurélio dos. **Crescimento e crise na região sul de Santa Catarina**. Florianópolis: Ed. da UDESC, 1997.

SANTOS, Silvio Coelho dos. **Nova história de Santa Catarina**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2004.

SCHARAGRODSKY, Pablo Ariel. El scautismo em la educación física bonaerense argentina o acerca del buen encauzamiento varonil (1914-1916). **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 29, n. 3, p. 155-171, maio 2008.

SILVA, Vera Lucia G. da. Vitrines da República: os Grupos Escolares em Santa Catarina (1889-1930). In: VI Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação: Percursos e Desafios da Pesquisa e do Ensino de História da Educação 2006, Uberlândia - MG. **Anais do VI Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação: Percursos e Desafios da Pesquisa e do Ensino de História da Educação**. Uberlândia: UFUb, 2006, p. 179-190.

SOUZA, João Fernando S. de. **Fé, trabalho e amor à pátria**: os livros da Série Fontes construindo brasileiros no Estado Novo (1937-1945). 2010. 175 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de S. Catarina, Florianópolis, 2010.

SOUZA, Max Eduardo B. **Pensamento social conservador na modernidade brasileira contemporânea**: estudo de caso sobre o Movimento Escoteiro. 2010. 125 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

SOUZA, Rosa Fátima de. A militarização da infância: expressões do nacionalismo na cultura brasileira. **Cadernos Cedes**. Cultura escolar - história, práticas e representações, Campinas, nº 52, p. 104-121, 2000.

_____. Pilares da República. In: SOUZA, Rosa F. de. **Templos de civilização**: a implantação da escola primária graduada no Estado de São Paulo (1890-1910). São Paulo: Ed. da UNESP, 1998. p. 26-87.

TEIVE, Gladys Mary G.; SILVA, Vera Lucia G. da. Grupos Escolares: criação mais feliz da República? Mapeamento da Produção em Santa Catarina. **Linhas**, Florianópolis, v. 10, n. 01, p. 31-53, jan. / jun. 2009.

THOMÉ, Nílson. Escotismo: História de uma prática educativa extra-escolar. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n.23, p. 171–194, set. 2006. Disponível em www.histedbr.fae.unicamp.br/art12_23.pdf

UNGLAUB, Tânia Regina da R. **O poder do canto ou canto do poder?** - um olhar sobre o uso do canto como prática pedagógica no Estado de Santa Catarina num contexto autoritário (1937-1945). 2008. 284 f. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

VAINFAS, Ronaldo. História das Mentalidades e História Cultural. In: CARDOSO, Ciro F.; VAINFAS, R. (orgs.). **Domínios da história**. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 127-164.

VAZ, Aline Choucair. **A Escola em Tempos de Festa:** poder, cultura e práticas educativas no Estado Novo (1937-1945). 2006. 131 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

VIANA, Giovanni Noceti. **Educar e Disciplinar a Liberdade:** um estudo sobre a educação nas milícias juvenis integralistas (1934-1937). 2008. 135 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

VIÑAO FRAGO, Antonio. El espacio y el tiempo escolares como objecto histórico. **Contemporaneidade e educação** (Temas de História da Educação), Rio de Janeiro, ano 5, n. 7, p. 93-110, 2000.

WEBER, Daniela M.; DALMÁZ, Mateus. A imagem dos “Tiros de Guerra” no Jornal do Paladino entre as décadas de 1920 e 1930. **Revista Destaques Acadêmicos**, Lajeado - RS, nº 2, p. 13-21, 2010.

ZUQUIM, Judith; CYTRYNOWICZ, Roney. “Notas para uma História do escotismo no Brasil: a ‘Psicologia escoteira’ e a teoria do caráter como Pedagogia de civismo (1914-1937).” **Educação em Revista**, Belo Horizonte, nº 35, pp. 43-58, jul. 2002.

OUTRAS REFERÊNCIAS:

Minha Laguna. Hino oficial da cidade, letra e música de Osmar F. Cook. Disponível em: <http://www.laguna.sc.gov.br/hino.php> . Acesso em 19 abr. 2011.

<http://www.laguna.sc.gov.br/paginas.php?pag=historia-de-laguna> , acesso em 20/05/2011.

<http://www.lagunista.com/4006/index.html> , acesso em 20/05/2011.

<http://www.escotismo.org.br/mensagem.pdf> , acesso em 13/02/2011.

http://www.escoteiros.org.br/escotismo/escotismo_no_brasil.php , acesso em 13/02/2011.

SODRÉ, Muniz. PARA onde vai o jornalismo? Campinas: Observatório da Imprensa, 08.09.2009. Disponível em:

<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/para_ounde_vai_o_jornalismo_16910>. Acesso em: 22 fev. 2011.

SODRÉ, Muniz. UMA história social e cultural da comunicação. Campinas: Observatório da Imprensa, 04.05.2010. Disponível em:
http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/uma_historia_social_e_cultural_da_comunicacao. Acesso em 21 fev. 2011.

ANEXOS:

ANEXO 1:

Breve cronologia do Escotismo Mundial³⁸

- 1857 - Nasceu em 22 de fevereiro Robert Stephenson Smyth Baden-Powell
- 1876 - Baden-Powell inicia carreira militar, é comissionado no 13.º Regimento de Hussardos, que se encontra na Índia.
- 1889 - Baden-Powell torna-se oficial do Serviço Secreto na área do Mediterrâneo.
- 1897 - Baden-Powell é designado Comandante do 5.º Regimento de Dragões da Guarda. na Índia.
- 1899 - Publicação do livro "Aids to Scouting For N.C.O.s and Men" (Ajudas à Exploração Militar). Guerra dos Boers na África do Sul e Batalha de Mafeking.
- 1900 - Baden-Powell é promovido a Major General e organiza o Corpo da Polícia Sul-Africana.
- 1903 - Baden-Powell retorna a Inglaterra sendo aclamado como herói nacional. Foi designado Inspetor Geral da Cavalaria Britânica. Foi aclamando coronel honorário dos cadetes de Southport e vice-presidente e presidiu a demonstração da Brigada de Rapazes Britânicos (British Boys Brigade), no Albert Hall. Colaborou em diversas organizações juvenis como a Liga Anti-Cigarro, Liga da Saúde, Liga do Manliness, Organização dos Meninos de Greenock.
- 1904 - Baden-Powell proferiu conferência aos estudantes da Faculdade de Eton e publicou o texto no jornal estudantil da instituição, no artigo propõe aos estudantes a organização de pequenos agrupamentos para a execução da atividade de adestramento militar para o uso cívico civil. Participa da cerimônia da Brigada de Rapazes Britânicos, passando em revista a tropa em Glasgow.
- 1905 - A convite de Willian Smith, fundador da Brigada de Rapazes Britânicos, Baden-Powell adapta o manual de adestramento militar, "Aids to Scouting".

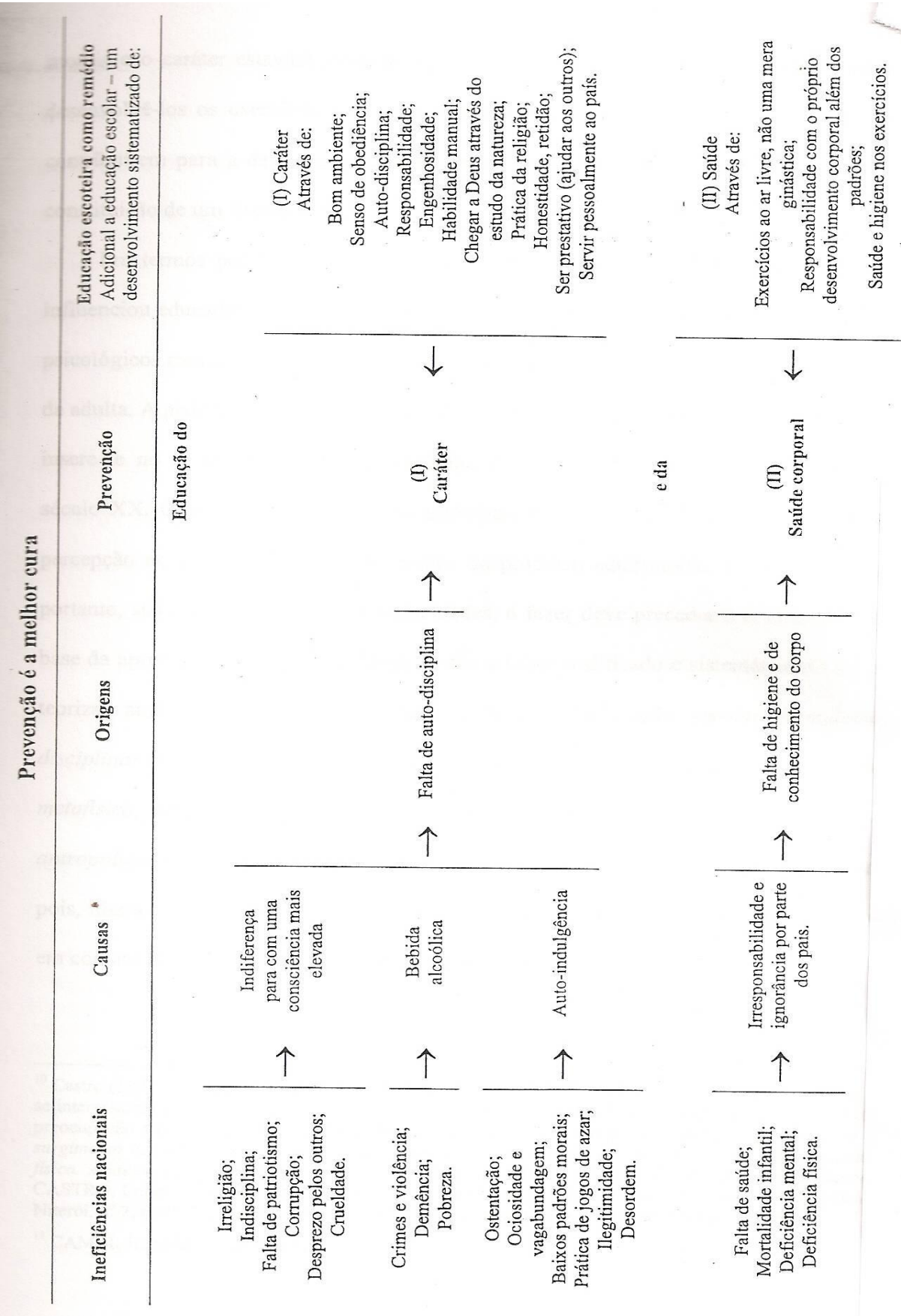
³⁸ As informações contidas no anexo III foram extraídas dos livros Lições da escola da vida (Baden-Powell, 1986) e 250 milhões de escoteiros (Nagy, 1987).

- 1906 - Preparou um plano esquemático de adestramento escoteiro a formação de rapazes, tendo como base o programa elaborado, em 1902, por Ernest Thompson Seton, denominado Woodcraft Indians.
- 1907 - Baden-Powell organiza um acampamento experimental na Ilha de Brownsea, aplicando seu programa de treinamento. O acampamento é considerado como primeira atividade escoteira e data símbolo que marca o nascimento do Escotismo.
- 1908 - Foi publicado o manual *Escotismo para Rapazes* (de janeiro a março), em um semanário intitulado *O Escoteiro*.
- 1909 - Primeira concentração Escoteira no Palácio de Cristal, em Londres, com a participação de aproximadamente 11.000 escoteiros e escoteiras. Após o evento o Rei Eduardo VII incentivou Baden-Powell a se dedicar exclusivamente na formação de jovens.
- 1910 - Exoneração de Baden-Powell na carreira militar. Início da organização das atividades institucionais do escotismo. Ampliação do número de entidades escoteiras dentro e fora da Inglaterra.
- 1911 - O Rei Jorge V passa em revista os escoteiros em Windsor. Baden-Powell entra com o processo de requerimento de Carta Patente Real, para registra o escotismo como organização educacional inglesa. Organização de um departamento encarregado de manter contato com grupos de escoteiros fora da Inglaterra.
- 1912 - Baden-Powell casa-se com Olave Clair Soames. É outorgada a Carta Real de Organização à Associação de Escoteiros da Inglaterra (Boy Scouts Association).
- 1913 - Exposição e concentração de Birmingham, primeiro encontro escoteiro internacional. Criação da Modalidade de Mar.
- 1914 - Mobilização dos Escoteiros para a participação na I Guerra Mundial.
- 1915 - Reorganização do ramo feminino, criação das "Girls Guides", movimento das moças guias, que foi também patenteado com carta real como organização educacional. No Brasil esse ramo foi denominado Movimento Bandeirante.
- 1916 - Organização do ramo infantil, idade de 8 a 11 anos, criando-se os Wolf Cubs, denominados no Brasil como ramo dos Lobinhos. E publicação do manual "the wolf cub's handbook" (O manual do filhote de lobo),

inspirado no livro "The Jungle Book", (o livro da selva) de Rudyard Kipling.

- 1918 - Lady Baden-Powell torna-se Chief Guide (Guia chefe) do movimento feminino. O movimento escoteiro recebe a doação de um terreno para a execução de atividade de adestramento ao ar livre, o Gilwell Park - na floresta de Epping, que se tornou um campo escola para a formação de chefes escoteiros.
- 1919 - Execução do primeiro curso de formação de chefes escoteiros, denominado curso da Insígnia de Madeira, em Gilwell.
- 1920 - Realização da primeira conferência escoteira internacional, denominado Jamboree Mundial, em Olímpia, Inglaterra. O evento é símbolo da internacionalização do movimento e marca e inscreve o escotismo como atividade educacional que visa o pacifismo. No encontro Baden-Powell é aclamado Chief Scout of the World (Escoteiro-Chefe do Mundo).

ANEXO 2:



ANEXO 3:

Divisa escoteira

A divisa escoteira elaborada no Brasil é “Sempre Alerta”, e consiste de uma adaptação do lema “Be Prepared”, elaborado pelos policiais treinados por Baden-Powell da Polícia Civil da África do Sul e utilizado posteriormente no escotismo britânico.

Código escoteiro brasileiro (Ano desta redação 1915)

- 1.º A palavra de um escoteiro é sagrada. Ele coloca a honra acima de tudo, mesmo da própria vida.
- 2.º O escoteiro sabe obedecer. Compreende que a disciplina é uma necessidade de interesse geral.
- 3.º O escoteiro é um homem de iniciativa.
- 4.º O escoteiro aceita, em todas as circunstâncias, a responsabilidade dos seus atos.
- 5.º O escoteiro é leal e cortês para com todos.
- 6.º O escoteiro considera todos os outros escoteiros como seus irmão, sem distinção de classe social.
- 7.º O escoteiro é generoso e valente, sempre pronto a auxiliar os fracos, mesmo com perigo de sua vida.
- 8.º O escoteiro pratica cada dia uma boa ação, por mais modesta que seja.
- 9.º O escoteiro estima os animais e se opõe a toda crueldade contra eles.
- 10.º O escoteiro é sempre jovial, entusiasta e procura o bom lado de todas as coisas.
- 11.º O escoteiro é econômico e respeitador do bem alheio.
- 12.º O escoteiro tem a constante preocupação da sua dignidade e do respeito de si mesmo

Promessa Escoteira (Ano desta redação 1915)

Prometo, pela minha honra: Proceder em todas as circunstâncias como um homem consciente dos seus deveres, leal e generoso;

Amar a minha pátria e servi-la fielmente, na paz e na guerra;

Obedecer ao Código do Escoteiro.

Promessa Escoteira (Ano desta redação 1920)**1ª formula**

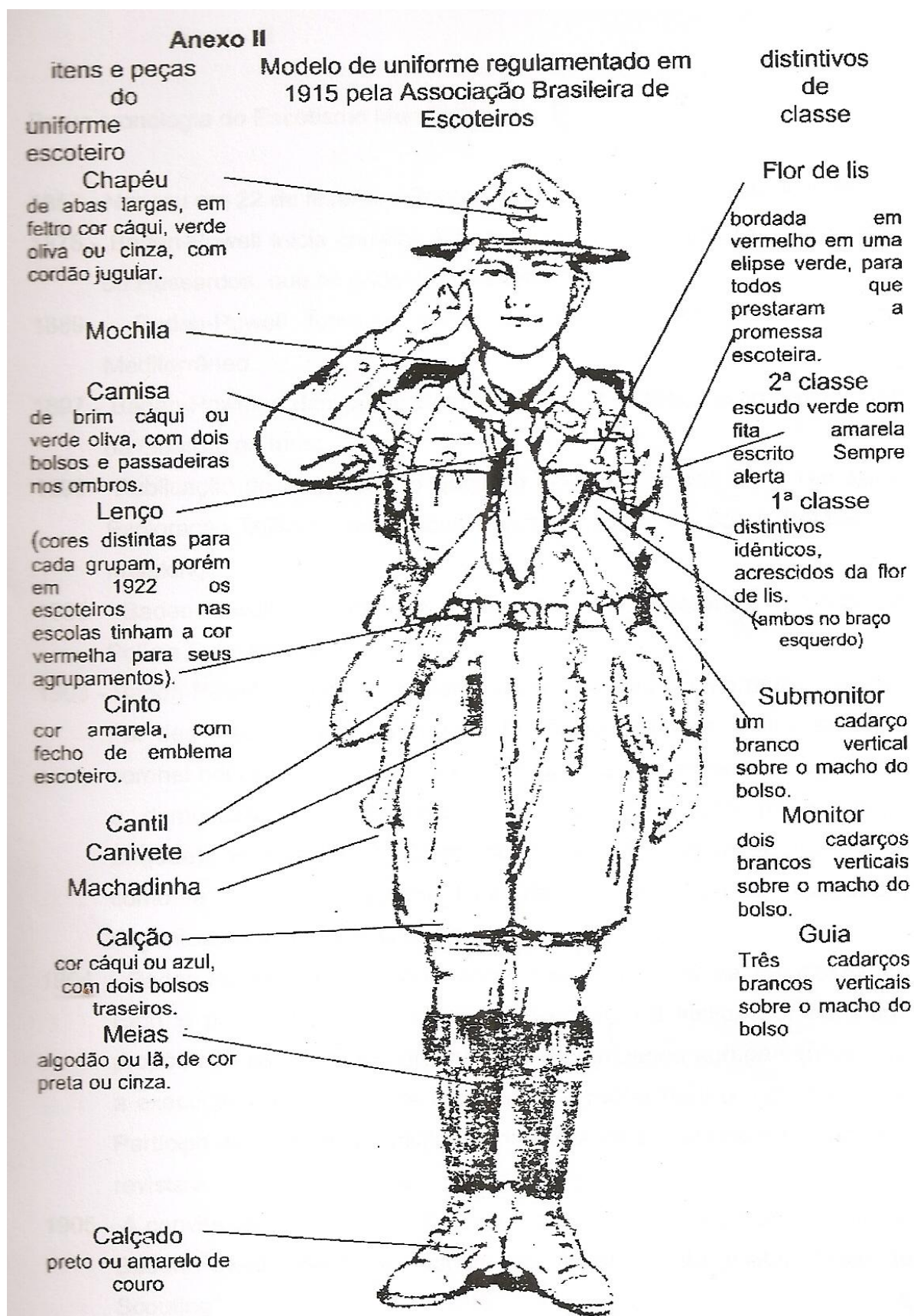
"Prometo pela minha honra: Proceder em todas as circunstâncias como homem consciente dos seus deveres, leal e generoso; amar a minha Pátria e servi-la fielmente, na paz e na guerra; obedecer ao Código escoteiro".

2ª formula

"Prometo pela minha honra: Proceder em todas as circunstâncias como homem consciente dos seus deveres, leal e generoso; amar à Deus e à minha Pátria e servi-la fielmente, na paz e na guerra; obedecer ao Código escoteiro".³⁷

³⁷ As informações contidas no anexo I e II foram extraídas da Revista de Ensino (1915, p. 36) e dos estatutos e regulamento da ABE (Associação Brasileira de Escoteiros, 1922, p. 70-071).

ANEXO 4:



ANEXO 5:

CONVITE

A PREFEITURA MUNICIPAL tem grande prazer em convidar as Autoridades federais, estaduais e municipais, o Comércio, os Corpos Docentes e Discentes dos estabelecimentos escolares, a Associação de Escoteiros, a Liga de Defesa Nacional, a Legião Brasileira de Assistência, a Cruz Vermelha Brasileira, as Associações de Classes, Desportivas e Recreativas, a Imprensa e o Povo em geral, para recepcionarem, hoje, às 15 horas, na Praça Floriano Peixoto, o Exmo. Senhor Coronel Jairo Jair de Albuquerque Lima, Comandante do 3º Grupo do 1º R. Mx., sediado nesta cidade.

Laguna, 15 de Outubro de 1942